



Instituto Politécnico  
de Viana do Castelo

Marisa Daniela Couto Maia

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO  
SUPERVISIONADA

“Rabiscos de Poesia: um passo para a criatividade”

Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação das  
Professoras Mestre Ana Júlia Marques  
e Doutora Gabriela Barbosa

Junho de 2016



## **Agradecimentos**

Esta página, sem desfazer nenhuma parte de todo o trabalho, é a mais marcante em termos pessoais, visto que é destinada a agradecer a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização do trabalho final que aqui se expõe.

Em primeiro lugar, e em especial, pedindo desculpa a todos os restantes intervenientes que aqui serão focados, quero agradecer aos meus pais, que do nada cresceram e com muita garra e força criaram dois filhos que seguiram rumos completamente diferentes e, mesmo assim, sempre nos apoiaram. Mas, acima de tudo, por terem acreditado em mim e lutado comigo, ao longo do meu percurso escolar, para poder chegar ao nível académico em que me encontro. São duas pessoas às quais tenho tudo a agradecer e pedir desculpa por ter sido “uma azenha a andar ao contrário”, como o meu pai sempre dizia em tom de ironia devido aos elevados custos dos estudos.

Depois deles é difícil enumerar os restantes intervenientes, pois todos tiveram um papel muito importante no meu crescimento e aprendizagem e, por isso, desde já quero que saibam que apesar de uns serem enunciados primeiro e outros depois, não significa que estejam por ordem de importância.

À professora Ana Júlia Marques, minha professora orientadora, quero agradecer todo o apoio incondicional que fundamenta grande parte deste trabalho. Agradeço a paciência que teve para me aturar, visto não ser muito fácil quando começo a cismar, as ideias maravilhosas que me transmitiu e que contribuíram para este projeto, as críticas construtivas, as correções e os conselhos sobre o que seria melhor e, em especial, a disponibilidade e a humanidade que demonstrou comigo e que contribuíram para que criasse forças para não desistir.

A todos os professores cooperantes e aos professores supervisores, que em todo o percurso da prática pedagógica sempre me deram indicações para a minha aprendizagem e pela cooperação que contribuiu para a realização deste trabalho.

À professora Paula Miranda que, mais do que cooperante, foi uma amiga que ficará para toda a vida, pelas suas palavras sábias, nos momentos certos, que muitas vezes fizeram com que erguesse a cabeça e lutasse ainda mais.

À minha família em geral, padrinhos, tios e primos, por sempre estarem do meu lado e por terem tentado compreender o quanto complicado é estudar.

À minha avó, ao meu irmão e à minha cunhada, por me terem aturado todos os dias, fossem de alegria ou de tristeza, e por estarem do meu lado, mesmo depois de momentos de stress em que disse ou tive atitudes menos corretas. Um agradecimento especial à minha pequena afilhada, que adoro, porque apesar de ter apenas quatro anos, desenvolveu-se na barriga da mãe e cresceu com o meu crescimento académico, ao longo destes cinco anos, e que muitas vezes ouviu um não quando me pediu para ficar em casa e brincar com ela, em vez de ir para Viana do Castelo e, mesmo assim, ainda hoje, demonstra a mesma vontade de brincar comigo, apesar de tantos não. Obrigada pequena, és a princesa da madrinha!

Ao Vítor, meu marido, que teve de se adaptar a um namoro com uma estudante universitária. Obrigada pelo que me ajudaste a fazer, pelas críticas construtivas que sempre fizeste aos trabalhos e às minhas ideias, pois contribuíram para a minha aprendizagem, mas principalmente por estares do meu lado em todos os momentos, alegres e tristes, e por nunca me teres deixado desistir do sonho.

À família do meu marido, que me apoiou incondicionalmente nos meus estudos, sempre dando ânimo e coragem para lutar, mesmo sem o perceberem muitas vezes, em especial os seus pais, que sempre me ajudaram nos trabalhos manuais e me apoiaram.

Por último, mas como disse não menos importantes, a todos aqueles que sempre acreditaram em mim e muitas vezes, mesmo não estando tão presentes na minha vida como em outros tempos, nunca me esqueceram e sempre tiveram uma palavra amiga, demonstrando-me que a distância não apaga as amizades.

## Resumo

O presente trabalho de investigação completa um estudo intitulado “Rabiscos de Poesia: um passo para a criatividade”, que ocorreu numa turma do 5º ano de escolaridade, constituída por catorze discentes e que teve como principal objetivo dar um pequeno passo para a criatividade dentro de um género literário que a turma não tivesse ainda trabalhado neste ano letivo - a poesia, tentando motivar os alunos. Assim, definiram-se como principais objetivos: i) compreender as primordiais razões que levam os discentes a escolher o género literário da narrativa em detrimento da poesia; ii) desenvolver atividades que estimulem os discentes para a criatividade na escrita de poesia; iii) fomentar o gosto e interesse pela poesia.

“As crianças, hoje, crescem depressa, para serem adultos cedo. (...) As sociedades modernas estão a matar a palavra, a imaginação e a sensibilidade, ingredientes fundamentais de uma educação global para uma cidadania lúdica, criativa, humanista e feliz”. (Franco, 1999, p. 7) Este foi um dos grandes motivos que levaram a que neste estudo fluíssem diversificadas atividades, relacionadas com o género literário da poesia, ao longo da prática pedagógica na disciplina de Português e no Clube Rabiscos de Poesia, que decorria na hora de Direção de Turma. Deste modo, as tarefas propostas foram ao encontro dos objetivos traçados e contribuíram para o esclarecimento e transmissão da importância da poesia no dia a dia de cada aluno.

Todo o trabalho desenvolvido, de natureza qualitativa, conseguiu, de certo modo, desconstruir desinteresses e cativar os discentes para a magia e a criatividade em que o texto poético os pode envolver.

Apesar de não se poderem comprovar concretamente os resultados, dado o curto espaço de tempo para atuação, foi possível perceber as razões que determinam as escolhas dos discentes, bem como as influências que recaem sobre as suas escolhas. Assim, este estudo aponta ainda para o que deve eventualmente ser mudado, para que os discentes atinjam uma aprendizagem mais enriquecedora e abrangente.

**Palavras-Chave:** poesia; criatividade; motivação; aprendizagem



## Abstract

The present research completes a study entitled "Scribbles Poetry: a step for creativity", which occurred in a class of fifth grade, consisting of fourteen students and had as main purpose to take a small step for creativity within a literary genre that the class had not worked this school year – poetry, trying to motivate students. Therefore, defined as main objectives: i) understand the primary reasons that lead students to choose the literary genre of the narrative instead of poetry; ii) develop activities that encourage students to creativity in poetry writing; iii) promote the taste and interest for poetry.

"Children today grow up quickly, to become adults soon. (...) Modern societies are killing the word, imagination and sensitivity, key ingredients of a global education for a playful, creative, humanistic and happy citizenship." (Franco, 1999, p. 7) This was one of the main reasons that led that in this research, diversified activities/tasks related to the literary genre of poetry flowed along the pedagogical practice in the discipline of Portuguese and in "Scribbles Poetry Club" that occurred at the time of class management. Thus, the proposed tasks were to meet the established objectives and contributed to the clarification and transmission of the importance of poetry in the daily lives of every human being. As the poetic text is treated with minor importance when compared with other genres, this research aims to demonstrate that poetry is part of every person and that if we do not enjoy it, we cannot live life to the full.

All the developed work, of qualitative nature, managed, somehow, to deconstruct detachments and captivate students to the magic and creativity that the poetic text can involve them in.

Although one cannot actually prove the results, given the short time to act, it was possible to perceive the reasons that determine the choices of students, as well as the influences that fall on their choices. Therefore, this research also points to what eventually can be changed so that students achieve a more enriching and comprehensive learning.

**Key Words:** poetry; creativity; motivation; learning.





## Índice

Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	v
Abstract.....	vii
Índice de ilustrações .....	x
Estrutura do Relatório .....	xiii
Parte I – Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada II .....	15
Capítulo I – O Contexto Educativo e a Turma .....	17
Capítulo II - Planificações .....	21
Parte II – Trabalho de Investigação.....	XII
Capítulo I – Introdução.....	31
Capítulo II – Revisão da Literatura .....	35
Capítulo III – Metodologia.....	49
Capítulo IV – Projeto de Investigação .....	55
Capítulo V – Conclusões e limitações do estudo .....	101
Parte III – Reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada.....	92
Reflexão global .....	107
Referências Bibliográficas.....	117
Anexos.....	119

## Índice de ilustrações

ILUSTRAÇÃO 1- BRAINSTORMING "SER POETA" .....	65
ILUSTRAÇÃO 2- POEMA EM LEQUE .....	66
ILUSTRAÇÃO 3 - BRAINSTORMING "POESIA" .....	68
ILUSTRAÇÃO 4 - ACRÓSTICO DO ALUNO A E B .....	80
ILUSTRAÇÃO 5 - ACRÓSTICO DO ALUNO D .....	81
ILUSTRAÇÃO 6 - POEMAS DOS ALUNOS E, F E G .....	83
ILUSTRAÇÃO 7 - POEMAS DOS ALUNOS H E I .....	84
ILUSTRAÇÃO 8 - CALIGRAMA DO ALUNO J .....	85
ILUSTRAÇÃO 9 - CALIGRAMA DO ALUNO K .....	86
ILUSTRAÇÃO 10 - CALIGRAMA DO ALUNO L .....	86
ILUSTRAÇÃO 11 - CALIGRAMA DO ALUNO M .....	87
ILUSTRAÇÃO 12 - POEMA DO ALUNO N .....	88
ILUSTRAÇÃO 13 - POEMA DO ALUNO O .....	89
ILUSTRAÇÃO 14 - POEMA DO ALUNO P .....	91
ILUSTRAÇÃO 15 - POEMA DO ALUNO Q .....	91
ILUSTRAÇÃO 16 - POEMA DO ALUNO R .....	92
ILUSTRAÇÃO 17 - POEMA DO ALUNO T .....	92
ILUSTRAÇÃO 18 - POEMAS DO ALUNO D (PRIMEIRA E ÚLTIMA SESSÕES) .....	94
ILUSTRAÇÃO 19 - POEMAS DO ALUNO C (PRIMEIRA E ÚLTIMA SESSÕES) .....	95
ILUSTRAÇÃO 20 - POEMAS DO ALUNO B (PRIMEIRA E ÚLTIMA SESSÕES) .....	96
ILUSTRAÇÃO 21 - POEMA DO ALUNO U .....	97
ILUSTRAÇÃO 22 - POEMA DO ALUNO V .....	98

## Índice de Gráficos

GRÁFICO 1 - QUESTÃO 1 DO INQUÉRITO .....	57
GRÁFICO 2 - QUESTÃO 2 DO INQUÉRITO .....	57
GRÁFICO 3 - QUESTÃO 3 DO INQUÉRITO .....	58
GRÁFICO 4 - QUESTÃO 4 DO INQUÉRITO .....	59
GRÁFICO 5 - QUESTÃO 5 DO INQUÉRITO .....	59
GRÁFICO 6 - QUESTÃO 5.1 DO INQUÉRITO .....	60
GRÁFICO 7 - QUESTÃO 6 DO INQUÉRITO .....	61
GRÁFICO 8 - QUESTÃO 7 DO INQUÉRITO .....	62
GRÁFICO 9 - QUESTÃO 8 DO INQUÉRITO .....	62
GRÁFICO 10 - QUESTÃO 9 DO INQUÉRITO .....	63

## **Índice de Abreviaturas**

SPO - Serviço de Psicologia e Orientação.

NAE – Núcleo de Apoios Educativos.

NEE – Necessidades Educativas Especiais.

CNEB-CE – Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais.

PES - Prática Ensino Supervisionada

IPP – Iniciação às Práticas Profissionais.

ME – Ministério da Educação

MI- Metas Intermédias

MF- Metas Finais

## **Estrutura do Relatório**

Este relatório está organizado em três partes que se subdividem em capítulos.

A primeira parte, intitulada Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada II, encontra-se dividida em dois capítulos.

No primeiro capítulo, “O contexto educativo e a turma”, está descrito o meio envolvente à escola, a turma e os alunos da Prática de Ensino Supervisionada II.

No segundo capítulo, “Planificações”, é feita uma breve reflexão de uma aula de cada uma das quatro áreas lecionadas: Ciências Naturais, Português, Matemática e História e Geografia de Portugal. Neste é ainda efetuada uma breve apresentação justificativa do conteúdo selecionado para o desenvolvimento do trabalho de investigação.

A segunda parte do relatório, intitulada Trabalho de Investigação, contém o projeto investigativo desenvolvido no decorrer da Prática de Ensino e está dividida em cinco capítulos.

Na “Introdução”, expõe-se o tema do projeto, assim como a sua relevância sendo, desse modo, destacadas as questões orientadoras para o estudo e o problema em foco que orientaram toda a investigação.

O segundo capítulo, “Revisão da Literatura”, referencia a fundamentação teórica que sustenta o estudo que aborda as temáticas envolventes, sendo elas: a poesia na literatura para a infância, o papel do professor na promoção e ensino da Poesia, a competência de escrita e a escrita no Currículo Nacional do Ensino Básico.

O terceiro capítulo, “Metodologia”, referencia a metodologia de investigação usada neste projeto, sendo esta de natureza qualitativa. Referencia ainda os procedimentos efetuados para a sua elaboração e os métodos utilizados para a recolha e análise dos dados.

No quarto capítulo, “Projeto de Investigação”, é descrita, de forma pormenorizada, a intervenção didática implementada em contexto sala de aula e no clube “Rabiscos da Poesia”, relatando todas as atividades propostas. São ainda apresentados os dados e a respetiva análise, demonstrando-se os resultados obtidos.

O quinto e último capítulo, “Conclusões e Limitações do estudo”, aborda-se as conclusões relativas a este estudo de forma reflexiva, de modo a criar-se um elo entre estas com o problema e as questões orientadoras iniciais.

A terceira parte do relatório, intitulada Reflexões sobre a Prática de Ensino Supervisionada, visa a reflexão global sobre a Prática de Ensino Supervisionada I e II, de modo a realçar os aspetos positivos e menos positivos sentidos ao longo da prática em sala de aula, assim como as limitações inerentes a este estudo, as aprendizagens efetuadas e alguns aspetos a contornar e modificar em futuras intervenções, e ainda a sugestão de novas atividades que poderiam ser agregadas a este estudo. Por último, apresentam-se todas as referências bibliográficas destacadas ao longo deste relatório e os anexos.

## **Parte I – Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada II**





## **Capítulo I – O Contexto Educativo e a Turma**

A Prática de Ensino Supervisionada II é uma unidade curricular que se resume ao estágio, observação e prática, enquanto futuros docentes, sendo este último semestre dedicado ao segundo ciclo do ensino básico, o qual iniciou a 19 de fevereiro de 2013 e finalizou a 14 de junho de 2013.

Este ciclo de prática pedagógica iniciou-se com quatro semanas de observações e, posteriormente, oito semanas de regências, sendo as doze semanas, no total, destinadas às quatro áreas curriculares: Português, Matemática, História e Geografia de Portugal e Ciências Naturais. As oito semanas de regências foram divididas em dois blocos de quatro semanas e cada discente lecionava duas disciplinas diferentes, em simultâneo: Português e Ciências Naturais; Matemática e História e Geografia de Portugal.

### **O meio envolvente e a escola**

A instituição na qual se desenvolveu a Prática de Ensino Supervisionada localiza-se numa freguesia da sede do Agrupamento de Escolas, situado a 13km do concelho da cidade de Viana do Castelo. O meio em que se insere é predominantemente rural e piscatório, possuindo também alguns afloramentos industriais. No que respeita ao plano socioeconómico, este é constituído por habitantes de classe média/baixa, evidenciando o facto de ser uma zona de emigração.

A população discente é maioritariamente organizada por alunos provenientes da mesma freguesia e por de freguesias vizinhas.

A instituição em questão associou-se a outras escolas para integrar um agrupamento vertical, que abarca o Jardim de Infância e as escolas do primeiro ciclo envolventes à zona. Desta forma, em 2013/2014 a escola recebeu cento e três alunos do primeiro ciclo; oito turmas do segundo ciclo e nove turmas do terceiro ciclo, as quais frequentaram o edifício sede do agrupamento; possuía um total de cento e cinquenta e quatro alunos do segundo ciclo (quatro turmas de quinto ano e quatro turmas de sexto ano); o terceiro ciclo funciona com quatro turmas de sétimo ano, três de oitavo ano e duas de nono ano, num total de cento e setenta e dois alunos. No que

diz respeito ao corpo docente e não docente, a escola tinha setenta e oito docentes e vinte e oito não docentes.

O objetivo principal da instituição é enfrentar as finalidades do ensino básico, apresentando uma organização curricular que resulta num quadro comum de objetivos gerais e que se desenvolvem numa continuação gradual pelos três diferentes ciclos, para que cada um aprofunde e complete o ciclo antecedente, sempre com uma visão global dos três ciclos. Neste sentido, a escola patenteia os alunos com o projeto “Líderes Inovadores” que tem como objetivo fazer uma estatística de todos os resultados das turmas da escola (faltas de trabalhos de casa e materiais, assiduidade, globalidade das notas...) e revelar qual ou quais as turmas que mais se destaca(m), quer pela positiva, quer pela negativa. Este projeto visa incentivar os alunos a melhorar os seus resultados, levando-os a adquirir um maior sentido de responsabilidade e de ambição por um futuro próspero.

Relativamente às acomodações que a escola oferece ao público escolar, evidencia-se um campo de jogos com balneários de apoio, um pavilhão desportivo e um edifício central, assim como um recreio amplo com espaços verdes.

O edifício central é dividido em vários espaços essenciais para o bom funcionamento de um estabelecimento escolar: treze salas de aula normais, duas de seminários, três salas de trabalho, sendo que duas funcionam como salas de aula para o primeiro ciclo, oito salas específicas, destacando-se dois laboratórios de Ciências Naturais, uma sala de Educação Tecnológica, uma sala de Educação Musical, uma sala de atendimento aos encarregados de educação, vinte arrumos/arrecadações, quartos de banho normais e quartos de banho adaptados para alunos com dificuldades de mobilidade, elevador e ainda diversas áreas específicas: receção, reprografia, papelaria, serviços administrativos, sala de convívio de docentes com bufete, sala de convívio dos discentes com bufete, refeitório, duas salas de informática e uma biblioteca.

Para apoiar as atividades letivas, a escola ainda possui diversos meios audiovisuais: retroprojetores, televisores, computadores portáteis, computadores fixos em todas as salas, vídeos, gravadores áudio, leitores de CD, projetores de diapositivos e mapas.

No âmbito do Plano Tecnológico, a escola sede foi munida de projetores multimédia nas salas de aula, quadros interativos e novos computadores.

Em cada laboratório é anualmente efetuado um inventário de todo o material necessário para as práticas pedagógicas, sendo que são reequipados nos casos de falta de equipamentos.

Para além dos recursos já mencionados, a escola ainda proporciona banda larga e rede wireless em todo o edifício, assim como alguns equipamentos à disponibilidade das outras escolas do agrupamento, como máquina fotográfica digital e câmara de filmar.

A biblioteca escolar integra a Rede Nacional de Bibliotecas, pelo que têm vindo a ser seguidas as diretivas nacionais e, além dos livros disponíveis das várias áreas, tem ao dispor da comunidade escolar uma seção de material multimédia pedagógico em formato de CD.

Na sede do agrupamento, escola na qual foi realizado o estudo, os alunos ainda têm à sua disposição atividades extracurriculares, como clubes, sendo que destes alguns são de continuidade, como o Ateliê de Artes, o Clube de Música e o Clube de Expressão Dramática. Para além dos clubes, a escola ainda conta com atividades de Desporto Escolar, projeto ao qual a escola adere todos os anos e que assume como essencial e importante para o desenvolvimento de todos os jovens discentes.

Assim como a escola sede possui bastantes recursos, também todas as escolas do agrupamento têm à sua disposição diversos recursos didáticos, como computadores, televisões, vídeos, aparelhagens de som e quadros interativos.

A organização do agrupamento orienta-se pelos seus documentos base fundamentais: Regulamento Interno, Projeto Educativo, Plano Anual/Plurianual de Atividades e Projeto Curricular.

O agrupamento possui ainda serviços especializados de apoio que reúnem duas estruturas, o Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) e o Núcleo de Apoios Educativos (NAE). Estes serviços operam articuladamente e destinam-se a difundir a existência de condições que assegurem a integração dos alunos.

Numa época marcada por uma crescente mediatização do sistema educativo, a escola visa uma maior visibilidade junto da sua comunidade educativa, integrando-a no processo de aprendizagem e considerando relevante a função que cada um exerce no

interior do espaço aula e no espaço escola, assim como dá igualmente visibilidade para o exterior dos projetos que advêm do espaço escola.<sup>1</sup>

### **Caracterização da turma**

Relativamente à caracterização da turma na qual foram desenvolvidas as práticas pedagógicas, esta abrangia o quinto ano de escolaridade e era constituída por um grupo de catorze alunos, seis raparigas e oito rapazes, cujas idades variavam entre os nove e os dez anos de idade, não se verificando qualquer retenção. A turma acolhia três alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) mas, após a transferência de turma de uma aluna, passaram a ser dois os alunos a apresentarem Necessidades Educativas Especiais, com Plano Educativo Individual, revelando pouca capacidade de atenção e de memorização.

Os restantes alunos, de um modo geral, apresentavam características muito semelhantes, tais como serem muito calados, um pouco apáticos, não demonstrarem grande iniciativa de participação, eram obedientes e evidenciavam a necessidade de se sentirem seguros naquilo que sabem para participarem. A maioria efetua sempre os trabalhos de casa pedidos.

Esta era uma turma com alunos razoáveis, todavia, havia pelo menos quatro alunos que se destacavam pelas excelentes avaliações que tinham fazendo, por este motivo, parte do quadro de excelência, participavam ativamente nas aulas, evidenciando vontade de partilhar as suas opiniões e conhecimentos.

No que concerne ao aproveitamento escolar, esta turma chegou ao segundo ciclo sendo considerada como uma turma muito boa mas, com as primeiras aulas, os professores foram percebendo que havia algumas dificuldades em determinadas disciplinas.

No projeto “Líderes Inovadores”, mencionado anteriormente, a turma esteve na liderança a maioria dos meses.

---

<sup>1</sup> Informação retirada do Projeto Curricular do Agrupamento (PCA) e do Projeto Educativo do Agrupamento (PEA)

No que concerne às suas condições socioeconómicas, o grupo apresentava um nível de vida médio, o que lhes permitia possuírem um computador em casa, apesar de nem todos terem acesso à internet.

Em suma, esta turma revelava resultados médios e bastantes dificuldades em participar de livre e espontânea vontade, o que levava a que os seus professores tivessem um maior trabalho com eles, de forma a incentivá-los à participação. Para além destes aspetos, a turma revelava bastante empenho e dedicação na execução de atividades e trabalhos pedidos pelos docentes.

## **Capítulo II - Planificações**

### **Ciências Naturais**

#### **Conteúdo: A Célula**

As primeiras quatro semanas de regências, desta nova etapa da prática pedagógica, incidiram nas áreas curriculares de Português e de Ciências Naturais sendo, neste momento, destacada a área das Ciências Naturais. Esta disciplina, na qual o gosto era muito, mas o à-vontade com o tema era diminuto, fez com que surgissem dificuldades e com que fosse notório o nervosismo no primeiro contacto com os discentes. Para além do receio face ao início das regências nesta unidade curricular, houve também um certo desconforto pelo conteúdo a lecionar. Porém, os objetivos das regências, apesar de ter sido um processo lento e progressivo, foram alcançados e permitiram sobretudo uma boa ligação com a turma.

A planificação selecionada para a disciplina de Ciências Naturais foi a da segunda aula regida (Anexo 1 - planificação de Ciências Naturais). Esta aula iniciou com um diálogo em grande grupo sobre os conteúdos abordados, na aula anterior, o microscópio ótico composto e a sua constituição, com o intuito de levar os alunos a repensar e a recolher as ideias captadas que não estavam corretas. Ao longo de toda a aula foi promovido o diálogo com o intuito de proporcionar uma participação ativa dos discentes.

Posteriormente foram abordados os conceitos iniciais do conteúdo estabelecido para a aula, Teoria Celular, sendo que para isso se recorreu a atividades práticas de grupos, com o auxílio de protocolos. A escolha desta planificação deve-se essencialmente ao nervosismo, por ter sido a primeira regência em atividades práticas com materiais específicos e com bastantes regras de utilização, porque não sabia como conduzir uma turma neste método de trabalho, pelo receio de não conseguir transmitir os conhecimentos necessários aos discentes, pela experiência de vivenciar o tempo perdido na distribuição de materiais e na organização de uma sala para estas atividades. Apesar de todas as hesitações e peripécias iniciais, foi compensador o sentimento final, uma vez que estas foram sendo ultrapassadas com o decorrer da aula, muito devido ao feedback, empenho e entusiasmo positivo dos alunos.

Face a estes acontecimentos, tal como mencionado anteriormente, foi grande o contentamento final, pois para além da satisfação de ter conseguido, foi também possível apreciar e criar gosto pelo conteúdo abordado, surgindo também o à-vontade para a lecionação das aulas posteriores. Deste modo, considera-se positiva esta experiência, uma vez que se conseguiu compreender que as primeiras práticas pedagógicas podem tornar-se vantajosas e promissoras no decorrer de intervenções futuras.

## **Português**

### **Conteúdo:** Poesia

Nas primeiras quatro semanas de regência, a intervenção pedagógica decorreu nas disciplinas de Ciências Naturais e Português, destacando-se esta como a eleita para desenvolver este relatório e na qual é notório um maior à-vontade quanto à abordagem dos conteúdos. No entanto, sentiu-se também um receio no início da implementação da disciplina, o qual se fez sentir devido à pouca informação retida durante o período escolar até ao 6.º ano de escolaridade sobre o conteúdo que seria abordado ao longo das regências, e pelo qual se nutria um certo agrado: a poesia. Isto deve-se ao entusiasmo face à imensa variedade de aspetos que poderiam ser focados e transmitidos aos discentes acerca do género literário e ao receio de não se conseguir que os discentes visualisassem a magia da poesia na sua essência. Contudo, quer com

o decorrer da preparação das aulas, quer com o começo da sua implementação, foi possível contrariar a sensação inicial de receio e criar um ambiente envolvente entre docentes e discentes. É de salientar que também os alunos contribuíram para tal, uma vez que demonstraram uma participação ativa e positiva ao longo das regências.

Desta forma, a planificação eleita para a unidade curricular que se apresenta é a da primeira aula de Português (Anexo 2 - planificação de Português). Esta aula propiciou a introdução do conteúdo a Poesia, mais especificamente “SER POETA”, assim como a revisão de aspetos que os alunos sabiam dos anos anteriores, para além de permitir compreender que, através de diferentes recursos é possível recriar diferentes situações para a abordagem de novos conteúdos (poesia). Posto isto, partiu-se das ideias dos alunos sobre o que “é ser poeta”, para a audição da música “Ser Poeta”, dos Trovante, que nasceu do poema de Florbela Espanca. Com esta incidiu-se nos aspetos essenciais do conhecimento da poesia para averiguar os conhecimentos dos discentes e culminou com a escrita do poema em leque “Ser Poeta”.

Neste sentido, considera-se que esta prática foi bastante positiva, uma vez que os discentes cooperaram ao longo de toda a aula, mostrando uma boa participação e interesse pelo que lhes estava a ser apresentado. Além deste aspeto, salienta-se, igualmente, o facto de constituir uma experiência relevante, na qual foi possível criar uma interação entre as aprendizagens, através de um fio condutor entre os próprios conteúdos. Assim, esta aula permitiu não só obter satisfação pelo facto de ter ido ao encontro do planeado, mas também porque permitiu considerar os recursos utilizados como favoráveis para práticas futuras.

## **Matemática**

### **Conteúdo:** Números racionais não negativos

As últimas quatro semanas de regências incidiram nas áreas curriculares de Matemática e de História e Geografia de Portugal. Relativamente à disciplina de Matemática pode afirmar-se que foi uma revelação, pela negativa e pela positiva, o que possibilitou uma boa aprendizagem para futuras práticas. O aspeto negativo relacionou-se com o facto de esta ser uma disciplina predileta, mas na qual não havia grande à-vontade com o conteúdo a lecionar, enquanto o positivo se relacionou com o

facto de, mesmo sem à-vontade com o tema, e com algumas peripécias ao longo das regências, ter sido gratificante evoluir na aprendizagem com as aquisições dos alunos que sempre demonstraram grande compreensão perante algumas falhas. Desta forma, as regências desenvolveram-se de um modo atribulado, em que constantemente foram alteradas as planificações devido a atrasos nos conteúdos mas que, no final destas semanas, foram lecionados, pois os alunos, mais uma vez, tiveram uma participação ativa e grande interesse.

Deste modo, a planificação escolhida é a da primeira aula lecionada (Anexo 3 - Planificação de Matemática), porque existiam diferentes recursos para a exploração da temática. Esta aula propiciou a introdução do conteúdo, assim como a revisão de aspetos que os alunos sabiam dos anos anteriores, para além de permitir compreender que, através de diferentes recursos, é possível recriar diferentes situações para a abordagem de novos conteúdos. Para iniciar a aula foi entregue a cada aluno a receita de um bolo e iniciou-se um diálogo em grupo para que os alunos falassem dos números representados na receita, de modo a chegar aos números racionais não negativos. Posteriormente, com a ajuda de um bolo, que foi indicado como a unidade, foram efetuadas algumas questões à medida que este era fatiado. Para finalizar utilizou-se a tarefa das tiras, essencial não só para esta aula e para a introdução do tema, como para as práticas seguintes.

No final da aula, esta pôde considerar-se fundamental, importante e positiva, uma vez que os discentes cooperaram mostrando uma boa participação e interesse pelo que lhes estava a ser apresentado. Para além deste aspeto, salienta-se, igualmente, o facto de constituir uma experiência relevante, na qual foi possível criar uma interação entre as aprendizagens, através de um fio condutor entre os próprios conteúdos. Assim, a aula permitiu compreender que as primeiras práticas pedagógicas podem tornar-se vantajosas e promissoras para o decorrer de intervenções futuras e que não é só de aspetos positivos que se aprende, pois com os negativos aprende-se que aquele caminho não deve voltar a seguir-se.



## História e Geografia de Portugal

✍ **Conteúdo:** Portugal nos séculos XV e XVI

No que diz respeito às regências na disciplina de História e Geografia de Portugal, não houve grande receio inicial quanto ao conteúdo a lecionar. É de salientar que o facto de se manter uma ligação mais próxima com a turma contribuiu para uma maior à-vontade na sala de aula. O conteúdo programático incidiu na parte da história e permitiu sentir grande satisfação na lecionação, uma vez que são retratados temas que deram origem a grandes livros e mitos, familiares aos alunos, e que permitem uma diversidade de recursos na sua implementação. Neste sentido, a planificação eleita é a da quinta aula (Anexo 4 - Planificação de História e Geografia de Portugal), que teve um importante momento de motivação, pois foram feitas revisões para a ficha de avaliação de um modo mais dinâmico e interativo através do jogo “Quem quer ser sabichão”.

Posto isto, a aula desenvolveu-se através de diversos momentos de diálogo e de reflexão sobre a matéria dada. Assim, foi possível obter um feedback bastante positivo por parte do grupo, tendo sido despertada a sua atenção, através de uma motivação que era familiar, devido ao jogo seguir os parâmetros de um jogo conhecido de todos “Quem quer ser milionário”, e cativou no desenvolvimento das aprendizagens efetuadas. Deste modo, esta experiência foi bastante gratificante, pois não só os objetivos foram alcançados, como se conseguiu compreender que através de uma boa motivação se pode construir o sucesso de uma aula. Esta prática pedagógica promoveu, igualmente, a aquisição de conhecimento de boas estratégias, que podem ser utilizadas enquanto futuros recursos, quer para este conteúdo, quer para a lecionação de conteúdos diferentes, numa sala de aula.

Relativamente à área na qual se desenvolveu o trabalho de investigação, este insere-se na disciplina de Português. É de salientar que não era a disciplina pretendida no início (era Matemática), devido a problemas de colocação dos mestrandos, para que todos ficassem numa disciplina de que gostassem. Foi possível trocar com uma colega de turma, por vontade própria pois, apesar de duas áreas muito distintas, sempre ambas fascinaram. Mas após as várias semanas de regências e mesmo depois

de encontrar o tema para o projeto tese, foi de louvar ter existido esta mudança. Nesta área curricular sempre existiu à-vontade e um gosto que se adquiriu desde cedo e se mantém, uma vez que temas como a leitura diversificada (especialmente sobre o género literário da poesia) e a escrita criativa sempre despertaram enorme interesse. Deste modo, a área de realização do relatório final incidiu na disciplina de Português.

Este é um trabalho de carácter bastante intenso e extenso, que carece não só de grande esforço e empenho, mas também de dedicação e afeição, quer pela área em causa, quer pelo tema a tratar, pois considera-se extremamente pertinente que o investigador mantenha a vocação e a concordância pelo trabalho que originará todo o resultado final da sua investigação. Neste sentido, pode afirmar-se que, neste caso em concreto, todos estes aspetos estiveram presentes, uma vez que houve de facto a possibilidade de realizar o estudo na área pretendida, possibilitando assim um maior interesse na sua programação, elaboração e concretização.

Concluindo, registre-se que este trabalho de investigação foi realizado numa das áreas disciplinares pretendidas desde o início e que esse fator foi, sem dúvida, uma mais-valia, uma vez que contribuiu para a satisfação e para o gosto da sua realização. É de salientar ainda, no que diz respeito ao tema tratado, que este também surgiu logo como uma das ideias iniciais e que, prosperamente, pôde ser levado adiante. Assim, pode concluir-se que houve uma perfeita união e harmonia entre a área disciplinar em que foi efetuado o estudo e o tema que foi tratado, uma vez que ambas as predileções tiveram a felicidade de ser bem-sucedidas e de seguir em frente com o trabalho de investigação.

## **Orientação para o Projeto**

A minha opção pelo Português, como área do meu projeto remonta à infância. Desde cedo que os livros foram adorados e a leitura, assim como interpretar textos e poemas.

Todos os anos pelo Natal, na escola primária, organizava-se uma festa e cada turma, com a orientação da professora, ensaiava algumas danças, peças de teatro e declamações de poemas para apresentar à comunidade escolar e aos encarregados de educação. A partir daí sempre nutri grande apreço por ler e representar o que se lia, conforme se foi crescendo, o gosto pela leitura e pelos conhecimentos de Português também evoluiu. Estes simples factos faziam com que o sentimento pelo Português aumentasse, porque só nessa área tudo o que fazíamos para o Natal tinha sentido, pois era pela leitura e interpretação que conseguíamos obter algo para apresentar. Nos livros, desde sempre se encontrava a sensação de poder penetrar noutro mundo por alguns momentos, um mundo do possível, impossível e do imaginário que fascinava e agudizava a curiosidade para querer saber mais e ler cada vez mais. Devido a todos estes aspetos, a decisão por esta área foi espontânea e sem hesitações.

Relativamente à temática em estudo, a escolha deveu-se ao gosto pelo tema Poesia, mas também porque seria esse o conteúdo a lecionar à turma ao longo da regência; também porque este é um conteúdo em que os jovens têm pouco à-vontade, mas que é bastante importante para o desenvolvimento das capacidades sócio efetivas e cognitivas, como fundamenta Franco, “Acredito que a poesia pode ser um elemento importante para o desenvolvimento não só das capacidades de leitura e de escrita, mas também do desejável equilíbrio sócio-afectivo que facilitem o envolvimento de cada criança no seu próprio mundo,...” (1999, p. 16).

Após o contacto nas semanas de observação com a turma do 5.º ano na qual se iria lecionar a área disciplinar de Português e após saber os conteúdos a lecionar, considerou-se que seria oportuno iniciar atividades complementares à temática da aula e do projeto numa atividade extracurricular, surgindo assim o “Clube Rabiscos de Poesia”.



## **Parte II – Trabalho de Investigação**



## Capítulo I – Introdução

Neste primeiro capítulo aborda-se a pertinência do estudo e identificam-se o problema, os objetivos e as questões orientadoras a eles associadas.

Esta investigação foi realizada com base num estudo numa turma do quinto ano de escolaridade, constituída por catorze alunos. No estabelecimento de ensino do qual a turma fazia parte, existe um projeto intitulado “Líderes Inovadores”, que tem como objetivo efetuar uma estatística de todos os resultados das turmas da escola (globalidade das notas, faltas de trabalho de casa, assiduidade, faltas de material...) e revelar qual ou quais as turmas que mais se destaca(m) quer positiva, quer negativamente. Refira-se que a turma em estudo destacou-se no primeiro lugar.

A dissertação tem como título “Rabiscos de Poesia: um passo para a criatividade”. Este foi escolhido porque o conteúdo das aulas de Português era a poesia e também porque este rodeava os temas pré-selecionados para a sua realização, devido à fascinação presente, mas também porque “a poesia foi sempre uma área em que os professores, de um modo geral, se movimentaram em deselegante passo de corrida sem grande rigor didático e ainda menos entusiasmo” (Franco, 1999, p. 18), procurando-se tentar contrariar esta situação e demonstrar que a poesia é especial e essencial na educação dos discentes.

A primordial finalidade deste projeto assenta em investigar, no grupo de alunos em estudo, as suas preferências literárias e ainda dar maior ênfase e entusiasmo ao género literário da poesia, que ainda não tinha sido trabalhado nesse ano letivo. Desta forma, e tendo como base esta finalidade, a investigação tem como principais objetivos compreender as principais razões que levam os discentes a escolher determinado género literário, e também tentar criar ambientes e meios de os alunos darem mais um passo na criatividade, tal como é mencionado no título deste relatório. Assim, tendo em conta a faixa etária dos discentes, e partindo da ideia de que o género literário da narrativa é aquele que maioritariamente mais se identifica como a leitura predileta das crianças e dos adolescentes, partiu-se da pressuposição que a preferência literária dos discentes assentaria na narrativa e que as estratégias e tarefas a trabalhar com a turma teriam de incidir no género literário da poesia.

O texto literário narrativo é um dos tipos de leitura mais procurado e aquele que geralmente mais se aproxima da literatura infanto-juvenil. Desta forma, é

inevitável que o homem viva afastado das narrativas, de tal modo que a sua vida é uma “composição” de narrativas, que na maioria das vezes servem como inspiração a outras narrativas (Bastos, 1999, pp. 119-120). Isto porque a narrativa literária detém aptidão para dar a conhecer algo que é objetivamente desigual do sujeito que descreve a narrativa, tendo em conta que o ato da narrativa se centra não no narrador, mas nas personagens, nos acontecimentos, nos espaços e em infindas coisas que compõem uma verdadeira história, que é capaz de captar o leitor do início ao fim da leitura.

O texto literário narrativo proporciona aos seus leitores uma variedade diversificada de temas, para além de possibilitar um progresso linguístico e semântico, adequado à evolução da sua expressão.

As narrativas são, sem sombra de dúvida, o género literário preferido das crianças, visto que este é também o género literário mais trabalhado a nível escolar, facto que não se verifica na abordagem da poesia pois, apesar de existirem vários motivos que despontam para este acontecimento, há um que se destaca e que se revela como primordial para este problema, já que há um grande número de atuais professores que não foram despertados para a poesia (Bastos, 1999, p. 181). Desta forma, pode dizer-se que é muito difícil amar-se o que se desconhece, pois para se transmitir uma sensação ou uma emoção é preciso senti-la, vivê-la; com isto pode dizer-se que um professor não pode ensinar algo que nada lhe diz e os alunos não podem aprender se não sentem a emoção ligada ao que estão a aprender.

Atendendo à falta de relevância da poesia no contexto escolar, é fundamental que se repensem algumas atitudes. A poesia em especial deve constituir-se, para crianças e para adolescentes, numa experiência multidisciplinar e enriquecedora, pronta a motivar a curiosidade do saber mais, ao estabelecer numerosas ligações com o sujeito e todo o mundo que o rodeia. Para que isto seja possível é importante que os docentes tenham um maior contacto com a poesia, para adquirirem um conhecimento mais marcado sobre as características próprias sobre o tema, para que, desse modo, possa manter um maior à-vontade no ensinamento do discurso poético aos seus discentes. Deste modo, os alunos podem criar gosto e fascínio pela poesia, encarando-a e incluindo-a nas suas preferências literárias (Franco, 1999).

Relativamente à investigação em estudo foi efetuada uma recolha de dados para efetuar a fundamentação destes, através da aplicação de um inquérito (Anexo 5 -



Inquérito “Rabiscos de Poesia”) à turma em estudo, para que se pudessem compreender os motivos e as causas que levam os discentes a gostarem e a interessarem-se por um determinado género literário em detrimento de outro. Perante as respostas adquiridas é possível perceber que a ideia pré-concebida vai ao encontro das situações reais, e que, de facto, apesar de muitos alunos terem selecionado que gostam de ler livros de poesia também selecionaram mais alguns tipos de livros que se enquadram no género literário da narrativa, o que nos demonstra que este género literário é efetivamente o mais procurado pelos discentes. Depois de analisadas as ideias dos alunos e de verificar que o tempo de leção de Português durante a Prática de Ensino Supervisionada “não eram satisfatórios para a realização das atividades pensadas e para que os jovens dessem um passo para a criatividade, foram criadas e planeadas atividades para um clube que foi dinamizado durante a hora de direção de turma. Nas últimas semanas de aulas, após o término da Prática de Ensino Supervisionada”, com a devida e autorização e participação da professora orientadora cooperante de Português, foi dada continuidade ao projeto.

As tarefas implementadas com os discentes constituíram a recolha de dados para este trabalho de investigação e tiveram em conta os resultados extraídos dos questionários e a pouca criatividade demonstrada pela turma nas primeiras regências sobre o género literário. Deste modo, as estratégias adotadas incidiram em poesia com rima e em poesia solta, livre, de forma a avaliar as capacidades e dificuldades dos discentes na elaboração deste tipo de poemas, dar a conhecer aos alunos o outro lado da poesia, ou seja, mostrar-lhes o lado mais lúdico deste género literário, para que pudessem perceber as diversas realidades em que a poesia pode estar presente, a leitura, a análise e a interpretação de poemas, de modo a analisar as dificuldades sentidas pelos alunos na compreensão do sentido ou da mensagem de determinado poema.

Com isto também se pretendia despertar emoções, a criatividade e o interesse pela poesia.

A abordagem deste tema deu lugar a uma vertente mais prática, assim como a uma vertente mais teórica e lúdica, incidindo nas emoções para que os discentes sentissem gosto, vontade e apelo pela criatividade na poesia. A vertente mais prática incidiu na realização de algumas atividades, nomeadamente a redação de poemas, exercícios de interpretação de textos poéticos, elaboração de acrósticos e caligramas,

enquanto as vertentes teórica e lúdica incidiram na aprendizagem interativa dos conteúdos ligados à poesia, como a presença da poetisa Manuela Ribeiro e uma aula na praia que privilegiou a reflexão e as sensações emitidas pela audição de poemas e pelo ambiente em redor. Ainda nesta vertente, na implementação das aulas para a recolha de dados para o presente estudo, destacam-se os diálogos e os debates em grande grupo sobre os diversos aspetos que caracterizam este género literário. Com todas estas atividades pretendeu-se captar, da melhor forma possível, a atenção dos alunos para o tema, promovendo a sua liberdade de expressão, a sua opinião e, acima de tudo, a sua criatividade.

No decorrer das semanas de observação foi possível verificar que alguns alunos possuíam pouca criatividade nas atividades de escrita solicitadas e que, sempre que lhes era proposta uma atividade de escrita livre ou até mesmo de leitura, optavam sempre pelo estilo narrativo.

É de salientar que apesar de neste ano letivo os discentes, até ao momento das observações ainda não terem contactado com a poesia, esta já teria sido abordada em anos anteriores.

Com toda esta análise surgiu a questão problema orientadora para este estudo: Poderá a poesia influenciar a criatividade na escrita?

Desta questão problema foram delineados os seguintes objetivos orientadores do trabalho de investigação:

1. Compreender as primordiais razões que levam os discentes a escolher o género literário da narrativa em detrimento da poesia.
2. Desenvolver atividades que estimulem os discentes para a criatividade na escrita de poesia.
3. Fomentar o gosto e interesse pela poesia.
4. Contribuir para a formação de escreventes criativos.

## **Capítulo II – Revisão da Literatura**

Neste capítulo são desenvolvidos temas mais significativos relacionados com o estudo. O primeiro tema é a poesia na literatura para a infância, mencionando o seu significado e a sua importância para o desenvolvimento da criança. Segue-se uma abordagem ao papel do professor na promoção e ensino da poesia, assim como ao ambiente propício à aprendizagem. Posteriormente é abordada a competência de escrita realçando a sua importância no desenvolvimento cognitivo dos alunos. No tema seguinte é dado destaque à escrita no Currículo Nacional do Ensino Básico, evidenciando a noção de escrita no currículo e no programa da disciplina. Termina com uma abordagem à criatividade dando ênfase à sua noção e à sua importância para o desenvolvimento das capacidades dos discentes.

### **A Poesia na Literatura para a Infância**

A Literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenómeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização (Cagneti, 1996, p. 7).

O conceito de literatura é muito vasto e pode ser encarado de acordo com diferentes perspetivas. A literatura é o espelho do autor, mas também de uma determinada época ou contexto.

Por literatura, entende-se geralmente escrita livre inspirada, uma estratégia pessoal de autor, não tendo a preocupação de agradar a ninguém em particular. É o mundo da literatura. É suposto um seguir o seu propósito sem se deixar desviar por um qualquer compromisso

O termo genérico «literatura para crianças» recobre duas realidades contraditórias: o mundo da literatura e o das crianças. Quando escrevemos para crianças, a estratégia é forçosamente muito diferente, uma vez que nos dirigimos a um público preciso, relativamente conhecido e cujo limite de idade

costuma situar-se pelos 12 anos. Acrescentar «para crianças» à palavra literatura acaba, de certa maneira, por evocar um outro género literário, uma outra forma de escrita, adaptada a um público (Bastos, 1999, p. 23).

Partindo destes conceitos podemos identificar como principal diferença entre literatura e literatura infantil a focagem no destinatário, uma vez que a literatura não tem como preocupação satisfazer o leitor e a literatura infantil tem como principal objetivo encantar o público infantil e sensibilizar as crianças para a leitura e para a escrita.

O fascínio proporcionado na leitura de obras para crianças não pode ser quebrado, ao mesmo tempo que se desperta na criança uma nova visão da realidade. Nesta medida, a literatura infantil “tem desempenhado uma função relevantíssima, até aos seus destinatários, na modelização do mundo, na construção dos universos simbólicos, na convalidação de sistemas de crenças e valores” (Silva, 1981, p. 14).

Ainda de acordo com Henriette Bichonnier, a literatura infantil constitui duas vertentes fundamentais enquanto recetora de um pequeno leitor. Uma das vertentes está relacionada com o facto de explicitamente se apontar para a existência de um destinatário delineado por traços próprios à fase de desenvolvimento em que se encontra. A outra vertente da literatura infantil remete para a sua qualidade literária, isto é, a qualidade da escrita de uma obra infantil requer componentes essenciais que devem fazer a criança identificar-se com aquilo que lê, levando-a a sentir prazer e satisfação na sua leitura.

“A literatura infantil é um género difícil, que até hoje conta poucos mestres. As crianças, quando leem ou ouvem ler um texto, só se interessam a valer por imagens que correspondem naturalmente à sua sede de maravilhoso” (Araújo, 1988, p. 30).

Visando todos os valores que a literatura para crianças deve incutir é possível distinguir três diferentes modos literários de a produzir: dramático, narrativo e lírico. No caso concreto deste trabalho de investigação será apenas analisada a importância do modo literário lírico (poesia).

A poesia é uma das formas de expressão que, de maneira mais produtiva e criativa, possibilita à criança a oportunidade de brincar com a linguagem. Desta forma, seria natural que, assim, a criança estabelecesse fortes laços com a dimensão poética da linguagem, tornando-se também uma das suas preferências literárias. No entanto, não é o que acontece e isso deve-se a diversos motivos, entre eles o facto de grande

número dos que hoje são professores não serem apreciadores de poesia e de raramente terem sido despertados para tal, “pois dificilmente se ama o que se desconhece, e para transmitir uma emoção é necessário senti-la” (Bastos, 1999, p. 157). Ambos os fatores podem afetar tanto professores como alunos, já que “a poesia de cada um se faz também com a poesia dos outros”. (Oliveira, 1995, p. 206)

A beleza e a humanidade que a poesia proporciona faz com que a leitura de poemas seja cada vez mais importante para os jovens, como defende Gomes (1993).

Num tempo como o nosso, em que se torna cada vez mais complexo e problemático o acesso dos jovens à leitura literária, ganha acrescida importância a insistência na leitura de poemas. Nela encontrarão porventura, o suplemento de beleza e humanidade que o presente nem sempre tem sabido oferecer-lhes (Gomes, 1993, p. 11).

Há também, dentro da poesia para crianças, a que não traduz as qualidades que uma verdadeira poesia para crianças lhe deve transmitir e proporcionar, pois a “verdadeira poesia para a criança é muito rara: ser para criança e não ser infantilizante, ser clara e secreta ao mesmo tempo, ser simples sem ser simplista” (Araújo, “A estrada fascinante, pp. 90-91, citada por Gomes, 1993, p.38).

Focando todos estes aspetos mencionados e ainda o facto de que a poesia na escola é, de certa forma, menosprezada em proporção à prosa é necessário começar a anular a ideia de que a poesia é um género enfadonho, melancólica e triste, que retrata sempre os mesmos temas, Há que dar-lhe o devido valor, principalmente porque é muito importante para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

A poesia não é tristeza. A poesia não nasce da mentira, embora nem só a verdade a sustente. (...) A poesia na idade da alegria é a alegria mesma. Na idade da descoberta é a descoberta. A poesia não precisa de comover. Precisa de mover, de mover todas as energias possíveis (Menéres, 2000, p. 31).

A poesia, não é, como muitos a consideram, uma arte menor; a poesia para crianças deve incutir uma beleza natural e cativante e não apenas rimas e ritmos:

Nunca será demais insistir no facto de que a poesia (para crianças ou adultos) exige muito mais que rimas e ritmos. O poema deve nascer de um olhar inaugural. Deve descobrir nas coisas já vistas ou sabidas, um aspeto ou

tonalidade novos. Poesia é arte; é beleza descoberta em algo; é um sentido especial que o mundo adquire de repente; é uma forma peculiar de atenção que, com simplicidade e verdade, vai até a raiz das coisas para revelá-las de uma nova maneira (Coelho, 1994, pp. 183-184).

A poesia é uma temática importante e interessante para ser explorada pelas crianças, devido aos aspetos que lhes podem abrir novos mundos:

A poesia é a beleza e o sentido das coisas e de nós próprios. É uma maneira de olhar o mundo. É uma forma de atenção a tudo. Ela pode estar em toda a parte: nós, às vezes, é que não estamos onde ela está, só porque passamos ou vivemos distraídos (Menéres, 2000, p. 8).

### **O papel do Professor na promoção e ensino da Poesia**

“Um poeta deve ser um professor nos cinco sentidos corporais” (Guedes, 2002, p. 21).

As crianças crescem depressa para serem adultos cedo. Um amadurecimento compulsivo, sem tempo nem reversibilidade. As sociedades modernas estão a matar a palavra, a imaginação e a sensibilidade, ingredientes fundamentais de uma educação global para uma cidadania lúdica, criativa, humanista e feliz (Franco, 1999, p. 7).

Também serve para este crescimento dos alunos e para o facto de a palavra não estar a ser utilizada para desenvolver a criatividade, a imaginação e a sensibilidade, o facto de as turmas na escola serem compostas por muitas crianças e os professores não possuírem só a função de ensino, mas também a função de educar hábitos sociais.

Com trinta e mais alunos, durante duas ou três horas semanais, o professor-herói tem que educar hábitos sociais, - tantas vezes em idades em que eles já só muito raramente poderão ser adquiridos - resolver conflitos graves e que, vulgarmente, de facto, pouco ou nada têm a ver com a escola, e depois, sim, só depois, se ainda houver tempo, e num estado de espírito coletivo muito pouco adequado a qualquer ato de aprendizagem e de ensino, desenvolver com

sucesso uma prática pedagógico-didática, desejavelmente centrada em crianças tão diferentes entre si, em que as próprias matérias pecam por irrelevância ou por excessiva e monótona intencionalidade teórica. (Franco, 1999, pp. 14-15).

Outro dos aspetos que interfere no ensino da poesia e que a “relega para um plano inferior dentro da hierarquia dos conteúdos letivos” é o facto de muitos ainda a considerarem como “uma simples construção de disparates sem sentido e sem utilidade” (Franco, 1999, p. 45).

O ensino da poesia foi sendo marcado por um dedo implacável que apontava à escola uma culpa, nem sempre exagerada, de atenção excessiva aos aspetos mais teóricos e fastidiosos, cujos resultados práticos, de atenção excessiva aos aspetos mais teóricos e fastidiosos, cujos resultados práticos se traduziram num *obscurantismo poético* que em nada beneficiou, e continua a não beneficiar, o desenvolvimento global de personalidades sensíveis ao fenómeno estético e capazes de fruir a beleza artística, em geral, e a da poesia, em particular. (Franco, 1999, p. 55)

Ainda relativamente a estes aspetos, Reis e Adragão (1990) refletem sobre se não será a nossa escola um dos principais entraves à criatividade e à originalidade dos alunos.

Vale a pena refletir sobre se não será antes a nossa escola demasiado formal que lhes corta as asas aos primeiros voos, se não serão antes os nossos olhos demasiado cheios de planos e programas que não chegam a ver a beleza do diferente, se não será a nossa sociedade de funil que não dá passagem à originalidade e à criatividade... (Reis & Adragão, 1990, p. 41).

Conforme Franco indica, as aulas de Português devem ser abertas à poesia e nelas deve ter-se “um ambiente sem barreiras ao diálogo na turma”, sendo propício um relacionamento estimulante à criatividade. O professor deve “destruir obstáculos à intervenção dos alunos e criar um clima de trabalho em que cada um se sinta motivado para aprender experimentando” de modo a que, mesmo errando os alunos percebam que é a utilização das palavras que lhes permitem “desvendar o mundo real e o da poesia” (Franco, 1999, pp. 57-58).

Também os autores Carlos Reis e José Victor Aragão defendem que o papel do professor é crucial no desenvolvimento dos alunos: “é dever do professor de Português conduzir os alunos à liberdade de escrita” (Reis & Adragão, 1990, p. 41).

A poesia é um tema fulcral na aprendizagem das crianças, pois ela pode ser um elemento importante no desenvolvimento das capacidades de leitura e de escrita, mas também no desenvolvimento do equilíbrio sócio afetivo, sendo este essencial para o “envolvimento de cada criança no seu próprio mundo, marcado por um passado reconhecido, motivador do empenho na construção de um humanismo corajoso, solidário e livre” (Franco, 1999, p. 16).

O poder da poesia na aprendizagem dos alunos também se relaciona com a “capacidade de refletir e de sonhar, da arte de sobreviver atenta e lucidamente, da procura consciente e decidida da felicidade num ambiente humanizado e digno, em que os bens materiais não sejam o objetivo supremo da existência” (Franco, 1999, pp. 52-53).

Os novos programas da disciplina de Português atribuem-lhe um cuidado diferente e mais adequado ao seu potencial educativo, respeitando a capacidade de aprendizagem dos alunos e valorizando os conteúdos de modo a que estes proporcionem o desenvolvimento de capacidades de raciocínio, de memória, de espírito crítico e o de estimular a criatividade e a sensibilidade poética, mas os professores ainda não possuem o à-vontade necessário para auxiliar nessas aprendizagens:

A poesia foi sempre uma área em que os professores, de um modo geral, se movimentaram em deselegante passo de corrida sem grande rigor didático e ainda menos entusiasmo, e que a formação de professores, também nesta área, é de uma insuficiência confrangedora (Franco, 1999, p. 18).

A abordagem da poesia pressupõe um cuidado especial na sua apresentação, sendo que esta deve ser apresentada de uma forma natural, com um diálogo livre que permita serem expostas todas as impressões e ideias. Esta nunca deve ser introduzida como um “processo de mitificar o texto poético e os autores, nem erguer um muro de incompreensões e dificuldades e, muito menos, transformar-se num convite à instrumentalização de poemas em atividades planificadas para o ensino da gramática” (Franco, 1999, p. 56). Nesta abordagem também interferem três áreas muito



importantes: o ambiente da turma, a relação da criança com o mundo e o uso da linguagem, que condicionam a relação da criança com a poesia.

O professor, neste processo de aprendizagem da poesia pelos alunos, deve proporcionar-lhes uma vasta seleção de textos poéticos, de modo a não os restringir a um só tema ou conteúdo e em situação alguma deverá questionar os alunos sobre o significado do poema e muito menos influenciar os sentimentos que estas visam ao admirar certo poema.

A nível concreto dos textos poéticos, deve dar-se a possibilidade de escolha e uma margem de manobra dentro de um leque de textos a fornecer aos alunos e não limitar-se a perguntar o que significa o poema, ou dizer-lhes o que eles devem admirar, ou em que momento devem estar emocionados! Pode perguntar-se, sim, o que o texto lhes sugere (as imagens), ou o que ele lhes faz sentir (a emoção, o sentimento) e apelar à ilustração do mesmo (Guedes, 2002, p. 21).

“Poeta é o que olha as coisas e pensa sobre elas. As olha com uns olhos novos. O que não passa indiferentemente pelo sentido que julga conhecido, das coisas que julga conhecer” (Gomes, 1993, p. 42).

Neste processo é fundamental que a sala seja para os alunos uma “oficina da palavra e da poesia” que lhes proporcione um contacto com a linguagem poética, “partindo, da relação sensorial com a realidade e do manuseio de textos que provoquem a criatividade”, mas que deve sempre respeitar a opinião do aluno e o seu tempo de aprendizagem, “ou correr-se-á o risco de a perder para as atividades futuras e de as afastar do espírito de trabalho criado na turma” (Franco, 1999, pp. 60, 86, 88).

Em suma, o papel do professor é fulcral na promoção e ensino da poesia, porque “ ser professor de Português é partilhar com os alunos a ideia de que trabalhar uma língua é desvendar uma herança cultural, é caminhar no sentido da identidade dos que a falam” (Reis & Adragão, 1990, p. 85).

## **A competência de escrita**

“ É pela atividade criadora que o homem se constrói” (Rober Gloton - Claude Clero citado por Franco, 1999, p.21).

A competência de escrita é fundamental no ensino/aprendizagem dos alunos, como afirmam as autoras Santos e Gonçalves, para quem “A escrita é uma atividade transversal ao currículo - constitui uma prática integradora de todos os tipos e níveis de conhecimentos” (Santos & Gonçalves, 2007 p. 18).

Durante a escrita, o aluno depara-se com problemas diversificados e “para os resolver, mobiliza os seus conhecimentos acerca do tópico a tratar, cercar do destinatário, acerca da tarefa e acerca de si próprio e dos seus conhecimentos, ou seja, implica-se segundo as dimensões cognitiva e metacognitiva (Barbeiro, 2001, p. 58).

A escrita é uma incitação à partilha de sentimentos e pensamento (Silva, 2011). “A partir da sua perspetiva única, a expressão escrita permitirá ao aluno pegar na sua experiência e torná-la significativa para si próprio (...)” (Barbeiro, 2001, p. 61).

A maior parte das vezes, os alunos costumam encarar a produção de um texto como uma tarefa aborrecida, difícil, principalmente se não entenderem bem o motivo pelo qual estão a escrever. Os principais responsáveis por esta atitude são os professores, que têm tendência a sobrevalorizar as questões ortográficas, dando menos importância à criatividade da língua, em conjunto com as orientações processuais da construção do texto. Deste modo, é crucial “mudar as práticas no sentido em que a prática da escrita não se reduza ao registo de respostas e pouco mais” (Matos, 2005, p. 41).

“Criar é imensamente mais exigente do que reproduzir: é colocar algo do único e irrepetível que cada um de nós é” (Morais, 2011, p. 4).

O aspeto lúdico da escrita tem uma enorme importância no desenvolvimento do interesse das crianças pela escrita. Jogando, elas descobrem as potencialidades das palavras, das relações entre elas, constroem os sentimentos e maravilham-se ante o que elas próprias descobrem, inventam (Menéres, 2000, p. 48).

Perante todos estes aspetos é de salientar que o professor possui o papel principal na aprendizagem dos alunos. “Cabe-nos a nós, professores, então, criar condições que facilitem a ligação a uma pedagogia interativa, dinâmica, criativa e implicação pessoal do aluno”, levando assim a que o aluno não possua estigma de que a inspiração é súbita e que os textos surgem do nada e terminando com o “preconceito da escrita enquanto habilidade inata, fatores que, muitas vezes são a razão de desmotivação dos alunos” (Silva, 2011, p. 74).

Aplicar desafios de escrita com crescente complexidade torna-se um forte instrumento, que não só possibilita o desenvolvimento linguístico como proporciona o desenvolvimento pessoal do aluno. “A ideia é criar condições para que os alunos excedam esse universo limitado constituído pelos caminhos que geralmente traçam” (Santos, 2008, p.36).

O professor deve assegurar a aprendizagem de práticas que possibilitem o exercício da criatividade e, dessa forma, deve dinamizar a escrita, o que fará com que o aluno se dedique e escreva com prazer, autonomia e criatividade, usando os seus conhecimentos linguísticos e promovendo o seu sucesso pedagógico (Silva, 2011).

Deste modo, é necessário que:

A escola se organize para possibilitar ao estudante o desenvolvimento da sua habilidade de escrita (...) dando-lhe condições de manifestar criticamente, pois assim ele perceberá que escrever não é um dom, nem o simples resultado da prática de escrita, escrever é um exercício de manifestação de uma identidade (Aquilino & Júnior, 2012, p. 62).

A escrita é uma importante forma de descoberta, ou seja, com a qual se pretende que “cada aluno, ao escrever, vá encontrando o caminho para dentro de si, vá identificando associações que consegue fazer e juntando pensamentos que, à partida, não costumam estar associados” (Santos, 2008, p. 35).

“A escrita é uma actividade importantíssima no alargamento do quadro de referências a que a criança lança mão na tentativa de se apoderar da linguagem para comunicar e para recriar o mundo à sua imagem” (Franco, 1999, p. 90).

A atividade escrita pode ir beber diretamente ao poema a sua motivação, enquanto extrai dele o suporte linguístico para a pesquisa lúdica da originalidade. Ao alargarem-se os horizontes da língua, é a própria beleza do discurso poético que estimula o desejo de escrever (Franco, 1999, p. 89).

### **A escrita no Currículo Nacional do Ensino Básico**

“O Português é a língua oficial, a língua de escolarização” e é um fator de identidade nacional e cultural. “O domínio da língua portuguesa é decisivo no desenvolvimento individual, no acesso ao conhecimento, no relacionamento social, no sucesso escolar e profissional e no exercício pleno da cidadania” (M.E., 2001, p. 31).

A disciplina de Português atinge um lugar de relevo no currículo e é considerada transversal a todas as áreas disciplinares. Logo, é fundamental assegurar o desenvolvimento dos alunos ao nível dos cinco domínios que esta implica: a Compreensão do Oral, a Expressão Oral, a Leitura, a Expressão Escrita e a Gramática.

Para este estudo focamo-nos no domínio da Expressão Escrita, visto este ser o centro de todo o trabalho.

Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais, (CNEB-CE) - entende-se por Expressão Escrita “o produto, dotado de significado e conforme à gramática da língua, resultante de um processo que inclui o conhecimento do sistema de representação gráfica adoptado. Esta competência implica processos cognitivos e linguísticos complexos, nomeadamente os envolvidos no planeamento, na formatação linguística, na revisão, na correcção e na reformulação do texto” (M.E., 2001, p. 32).

Ainda de acordo o Programa de Português do Ensino Básico:

A escrita é o resultado, dotado de significado e conforme à gramática da língua, de um processo de fixação linguística que convoca o conhecimento do sistema de representação gráfica adoptado, bem como processos cognitivos e translinguísticos complexos (planeamento, textualização, revisão, correcção e reformulação do texto) (Reis *et al.*, 2009, p. 16).

Relativamente, às competências do modo escrito o CNEB-CE indica que o professor deverá:

1. “Criar autonomia e hábitos de leitura, com vista à fluência de leitura e à eficácia na seleção de estratégias adequadas à finalidade em vista”
2. “Apropriar-se das técnicas fundamentais da escrita, com vista à desenvoltura, naturalidade e correcção no seu uso multifuncional” (M.E., 2001, p. 32).

No final do 2.º ciclo, segundo o Programa, o aluno deverá ser capaz de “escrever para responder a diferentes propostas de trabalho, recorrendo a técnicas de selecção, registo, organização e transmissão da informação”; “utilizar com autonomia processos de planificação, textualização e revisão, com recurso a instrumentos de apoio e ferramentas informáticas”; “escrever em termos pessoais e criativos, em diferentes suportes e num registo adequado ao leitor visado, adoptando as convenções próprias do tipo de texto” e “produzir textos coerentes e coesos em português padrão, com tema de abertura e fecho congruente, com uma demarcação clara de parágrafos e períodos e com uso correto da ortografia e da pontuação” (Reis, *et al.*, 2009, p. 77).

Perante todos estes princípios orientadores do ensino falta salvaguardar que “é dever do professor de Português conduzir os alunos à liberdade de escrita” (Reis & Adragão, 1990, p. 41).

Em suma, “(...) a escola é, por excelência, a instituição social que tem de criar condições para que os alunos realizem aprendizagens: aprendam a saber, a saber-fazer, a saber-ser e a saber-estar” (Gomes *et al.*, 1991, p. 1).

### **A criatividade**

“ Criatividade representa a emergência de algo único e original” (Anderson, 1965).

O vocábulo “criatividade” possui origem no latim, na palavra *creare* e representa a capacidade de criar, produzir ou inventar factos novos. O seu conceito é bastante ambíguo e, por isso, considera-se impossível enumerar uma só definição como válida. Segundo o dicionário Priberam esta é a “capacidade de criar, de inventar”; é a “qualidade de quem tem ideias originais, de quem é criativo”; a “capacidade que o falante de uma língua tem de criar novos enunciados sem que os

tenha ouvido ou dito anteriormente”. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa online, em <http://www.priberam.pt/dlpo/criatividade>, consultado em 5 de junho de 2016.

Ao longo dos anos, o conceito “criatividade” tem oscilado entre duas fundamentações distintas, nas quais se orientam todos os investigadores deste assunto. Uma dessas fundamentações menciona que a criatividade é inerente ao ser humano, ou seja, que nasce com o indivíduo: “este mito fundamentou-se, em grande parte, nas teorias de Galton (1869) e Terman (1925), centradas na noção de que génios devem as suas características à herança exclusivamente genética” (Gould, 2002, citado por David & Morais, 2012, p. 3). A segunda fundamentação assenta no princípio de que o “criador é produtor”, ou seja, a criatividade é desenvolvida pelo indivíduo, “a criatividade é saber utilizar as informações disponíveis, tomar decisões, ir além do aprendido, mas sobretudo aproveitar qualquer estímulo do meio para solucionar problemas” (De La Torre, 2003, citado por Aquilino & Júnior, 2012, p. 57). Estas duas fundamentações foram, como referido anteriormente, adquirindo defensores ao longo dos anos que conjecturaram vários princípios e acrescentaram novas orientações que as fundamentam. Mas neste momento, a fundamentação mais usada e que será focada neste estudo é a que se orienta pelo princípio de que a criatividade é um processo que se constrói.

A “criatividade pode ser entendida como a expressão de ideias originais, pode estar relacionada à imaginação, à inventividade ou mesmo à noção de capacidade crítica” (Aquilino & Júnior, 2012, pp. 54,55). Ainda segundo os autores, citando citando Ostrower (1996), a criatividade também pode ser vista como a possibilidade de “dar forma a algo novo, o que abrange a capacidade de compreender e de relacionar, ordenar, configurar, significar” (Idem).

Perante estas argumentações é de realçar que a escola e o professor possuem um papel fulcral no processo de desenvolvimento da criatividade. Para isso, é preciso que “a escola se organize para possibilitar ao estudante o desenvolvimento da sua habilidade de escrita criativa” (Aquilino & Júnior, 2012, p. 62), porque esta é “uma capacidade transversal a todas as áreas do conhecimento” (Vale & Pimentel, 2012, p. 350).

Ao professor compete “assegurar a aprendizagem de práticas que possibilitem o exercício da criatividade (...), dinamizar a escrita, o que fará com que o aluno se

dedique e escreva com prazer, autonomia e criatividade” (Silva, 2011, p. 74). Mas convém também realçar que este ao “avaliar a criatividade de um texto, precisa entendê-lo como resultado de relações que envolvem o indivíduo, o ambiente, aspetos culturais, bem como as oportunidades” (Aquilino & Júnior, 2012, p. 61).

Em suma, o docente deve realçar “o aspeto lúdico da escrita” de forma a desenvolver a criatividade, pois “jogando, elas descobrem as potencialidades das palavras, das relações entre elas, constroem os sentimentos e maravilham-se ante o que elas descobrem, inventam” (Menéres, 2000, p. 48). Perante estes aspetos, pode ainda concluir-se que o conteúdo da poesia é um alicerce para o desenvolvimento da criatividade, tal como defende Guedes, que pensa “ver reconhecidas as vantagens da abordagem da poesia nas escolas, até, se quisermos, como um «investimento» a longo prazo na criatividade (Guedes, 2002, p. 33).





### Capítulo III – Metodologia

Neste capítulo encontra-se a descrição e justificação da metodologia adotada na implementação deste estudo.

Para iniciar a recolha de dados do trabalho de investigação, estabeleceu-se uma finalidade que abrange a pertinência do tema, que se pretendia investigar as preferências literárias de um grupo de alunos, que mais concretamente, género literário preferiam. Para isto, delinear-se os objetivos que se pretendiam alcançar com vista a essa mesma finalidade, tendo em atenção que estes contribuiriam para uma investigação participativa e interpretativa, de modo a fornecer dados mais concretos e específicos, que levassem a compreender o motivo para a preferência de certo género literário em detrimento de outro. Deste modo, os objetivos partiram de questões mais gerais para questões mais explícitas, visando clarificar e compreender as razões e atitudes dos alunos.

Segundo isto, os objetivos que fundamentam este estudo são: i) compreender as primordiais razões que levam os discentes a escolher o género literário da narrativa em detrimento da poesia; ii) desenvolver atividades que estimulem os discentes para a criatividade na escrita de poesia; iii) fomentar o gosto e interesse pela poesia; iv) contribuir para a formação de escreventes criativos.

O primeiro passo para este estudo foi a aplicação de um inquérito por questionário, com nove perguntas, no qual constavam questões de resposta fechada e questões de resposta aberta, com a intenção de obter respostas mais concretas e sustentáveis para a viabilidade e continuação do estudo. Posto isto, foram decididas as opções a tomar para as intervenções futuras, que teriam como principais objetivos compreender os motivos que levam os alunos a não terem o mesmo à-vontade e o mesmo gosto pela poesia como por outro género literário, e a transmitir-lhes motivação, entusiasmo e criatividade através dos diferentes contextos de abordagem do texto poético.

Como ao longo da Prática de Ensino Supervisionada II de Português o conteúdo predestinado a ser lecionado, pela professora orientadora cooperante, foi a poesia, isto favoreceu e engrandeceu o estudo, porque foi possível contactar com os discentes e verificar as suas reações perante o conteúdo mas, para além de este estudo ter sido efetuado em sala de aula durante a Prática Supervisionada, também decorreu num

clube “Rabiscos da Poesia”, que decorreu nas horas de Direção de Turma, durante o terceiro período letivo. Só foi possível devido à disponibilidade da professora orientadora cooperante de Português em permitir que o estudo continuasse nas duas últimas semanas de aulas do ano letivo, posteriormente ao contexto de Prática Supervisionada II.

Relativamente à eleição das atividades concretizadas, estas visaram fundamentalmente os objetivos estipulados para este estudo, tendo sempre como primordial preocupação a intervenção e a participação dos discentes para que, desta forma, se abrangessem mais pormenorizadamente as razões que justificavam as suas atitudes perante a abordagem do conteúdo e tema, a poesia. Com todas estas atividades foi possível habituar os alunos ao discurso poético, inerente ao género literário da poesia, o que facilitou uma visão mais ampla e mais abrangente do texto poético, sobre a multiplicidade de situações em que este género literário está presente e o modo como é abordado. Desta forma, sugeriu-se aos alunos a escrita de textos poéticos, sobre diferentes temas, tendo como principal objetivo estimular a sua criatividade e imaginação.

Relativamente aos poemas que lhes foram apresentados, quer na sua análise e interpretação, quer na transmissão da vertente lúdica da poesia, foram tidos em conta a linguagem e o tema tratado, para que, deste modo, se adequassem à faixa etária dos discentes.

A metodologia adotada para o estudo deste trabalho de investigação insere-se no método qualitativo.

A metodologia qualitativa usa a recolha e estudo de dados sem recorrer à medição numérica para descobrir ou aperfeiçoar as questões de pesquisa, podendo ou não comprovar hipóteses durante o seu processo de interpretação. Este método é utilizado sobretudo nas descrições e observações que têm como objetivo descobrir e aperfeiçoar as questões de pesquisa, destacando-se enquanto processo flexível. De acordo com as suas ocorrências e interpretações, evidencia-se principalmente o modo como estas se desenvolvem e se “reconstroem” dentro de determinada realidade e do grupo em estudo (Grinnell, 1997).

Na investigação qualitativa “a preocupação central não é a de saber se os resultados são susceptíveis de generalização, mas sim a de que outros contextos e sujeitos a eles podem ser generalizados” (Bogdan & Biklen, 1994).

Com isto, e tendo em especial atenção a exequibilidade pela qual este estudo se desenvolveu, pode afirmar-se que este se enquadra neste tipo de metodologia — Metodologia Qualitativa — uma vez, que partiu da contextualização, exploração, descoberta e lógica indutiva, sendo possível construir o sentido da situação através das observações e intervenções que, à medida que o estudo progrediu, fizeram com que das qualidades em estudo emergissem dados. Este estudo apresenta aspetos subjetivos que alcançaram motivações explícitas de forma voluntária, visto terem-se procurado perceções e entendimentos sobre a natureza geral de uma questão, abrindo lugar para a sua interpretação. Concretamente, neste caso, foi possível criar situações de observação e de contacto direto com a amostra em estudo, ou seja, com os catorze alunos da turma, com a qual se realizou a prática pedagógica, que visou o registo das suas respostas espontâneas e das razões que os conduziram àquele ponto, assim como a criação de momentos de diálogo e interação que permitiram a sua participação e lhes proporcionaram momentos de discussão, partilha e interpretação sobre as atividades que lhes eram propostas. Relativamente à análise de toda a recolha de dados, esta foi elaborada de forma descritiva e minuciosa, visando aferir de forma pormenorizada os acontecimentos que conduziram a determinado resultado. Efetivamente, este estudo qualitativo não prossegue de forma exata, mas avança através de três importantes etapas, que são a orientação e a visão geral, em que a pesquisadora se preocupa em identificar quais os aspetos mais importantes do estudo, a exploração profunda de fenómenos que surgem por parte dos participantes face a determinada situação, e a confirmação e a conclusão do que foi executado e que concede a confiabilidade do estudo.

Analisando todas as características e componentes que compõem o estudo, pode comprovar-se que a metodologia utilizada se insere no paradigma construtivista, que defende que a realidade é socialmente construída. Todo o conhecimento é expandido dentro de um meio social preexistente no qual surgem sempre interpretações e reinterpretações entre si.

Este paradigma realça que a investigação é o resultado dos valores dos investigadores e não pode ser realizada independente deles, ou seja, ambos são

essenciais para os resultados do estudo. O investigador e os investigados estão interligados num processo interativo, em que cada um é persuadido pelo outro. O construtivismo opta por um processo mais pessoal e interativo de recolha de dados. A conjectura que é feita é de que os dados, as interpretações e os resultados estão fixados em contextos e pessoas para além dos investigadores, e não são fruto da sua idealização. Os dados podem ser detetados até às suas fontes e a lógica usada para associar as interpretações pode ser esclarecida.

Os métodos qualitativos (observações, intervenções, análises de documentos, entre outros) são preeminentes neste tipo de paradigma, sendo utilizados em conformidade com a conjectura sobre a composição social da realidade em que a pesquisa pode ser efetuada apenas através da interação entre o investigador e os participantes (Lincoln & Guba, 2000). A pressuposição metodológica de existirem numerosas realidades é que as questões de investigação não podem ser irreversivelmente estabelecidas antes do estudo iniciar, uma vez que devem evoluir e mudar consoante o avançar do estudo. O investigador construtivista deve facultar informações sobre o perfil dos participantes e as circunstâncias em que estão a ser observados, uma vez que este é um aspeto pertinente e consistente face aos eventuais resultados dos inquiridos.

Foi então possível, tendo em conta a metodologia adotada, incorporar o presente estudo no paradigma construtivista, pois as suas características e os seus componentes completam-se neste modelo. Do mesmo modo, este estudo também partiu sobretudo da realidade construída pelos alunos relativamente ao tema, estipulando-se a partir daí as tarefas que propiciaram toda a investigação. O vínculo entre o investigador e os inquiridos foi de carácter interativo, de forma a poder-se alcançar um registo mais aprofundado das suas ideias e opiniões. Relativamente à recolha e à análise dos dados, estas foram sempre relatadas de forma que a interpretação e o significado das atitudes identificadas pudessem ligar-se a resultados verdadeiros e concretos.

Ainda no parâmetro da metodologia qualitativa, o presente estudo pode ser enquadrado numa investigação de perspetiva etnográfica, que “consiste, fundamentalmente, na observação participante, de modo ao investigador ficar imerso na cultura em estudo” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 237).

A investigação etnográfica investiga as práticas sociais e culturais de um grupo de pessoas, surgindo assim a hipótese de estudar as experiências vividas, as atividades diárias e o contexto social da vida diária a partir da visão das pessoas (comportamentos, motivações...).

O investigador tem como primordial função desencadear um sentido de acontecimentos a partir da perspectiva dos intervenientes, podendo assim fazer uma recolha de dados diversificada e promovida por diversas fontes, em que as observações e as conversas informais são documentos essenciais e bastante frequentes. A análise de dados deste tipo de pesquisa envolve uma interpretação significativa das funções e ações das entidades envolvidas, considerando fundamental a descrição e a explicação do resultado das atividades.

Segundo todos estes princípios, este estudo enquadra-se neste tipo de investigação, uma vez que foi aplicado numa turma com um número reduzido de alunos (catorze) e apresenta um carácter empírico e ativo, ou seja, foi desenvolvido no contexto real dos alunos e é sustentado pelo papel participativo que estes mantiveram ao longo de toda a recolha de dados. As tarefas desencadeadas foram ao encontro das respostas dos participantes e das razões que os levaram a ter ou não interesse pelo tema.

Concluindo, pode afirmar-se que a metodologia utilizada neste projeto de investigação foi a mais adequada ao desenvolvimento de todo o estudo. Salienta-se que a recolha e a análise de dados foram efetuadas no contexto real dos discentes, ou seja, no seu meio natural, permitido, sem dúvida, por este método, uma vez que foram utilizados procedimentos como a observação direta sobre os alunos, a comunicação e intervenção nas atividades propostas, mantendo assim uma participação ativa por todas as partes envolvidas. As aplicações das atividades tiveram em conta a utilização de notas de campo, conversas informais, notas pessoais e registos através de áudio e vídeo, essenciais para a explicação profunda das ações estabelecidas pelos alunos participantes no estudo. Assim, a metodologia qualitativa foi bastante favorável para este estudo, já que possibilitou profundidade sobre os dados adquiridos, proporcionando uma riqueza explicativa na contextualização do ambiente no qual foram recolhidos, detalhes e experiências únicas, que, de um modo mais circunscrito, não seria possível.

As análises qualitativas permitem uma aplicação direta de evidências que se complementam através do registo de tudo o que é proferido pelos indivíduos em causa, relacionando a comunicação e as impressões em cada nível, permitindo perceber de que forma o fazem, bem como quais as facilidades e dificuldades encontradas. Deste modo, a identificação de aspetos particulares permitem avaliar a eficiência e capacidade das várias alternativas de resposta formuladas, podendo assim conhecer as atitudes gerais dos sujeitos face à situação que lhes é colocada. Só desta forma o investigador é capaz de refletir sobre as habilidades aplicadas, permitindo-lhe compreender o que está mais ou menos correto, o que foi feito de útil e o que ainda falta fazer para se poder chegar às conclusões mais adequadas ao estudo.

Em conclusão, a metodologia utilizada permitiu identificar os principais aspetos que conduziram os intervenientes a determinado procedimento e atitude, para além de ir ao encontro dos objetivos traçados.

Desta forma, considera-se importante pensar e refletir sobre o modo como abordar este tema, assim como refletir e avaliar a importância que lhe deve ser dada, uma vez que há diversos aspetos que se consideram influenciáveis neste campo e que necessitam ser repensados e organizados.

## **Capítulo IV – Projeto de Investigação**

Neste capítulo apresenta-se o projeto de investigação e todo o processo de recolha de dados, bem como a análise dos dados recolhidos para este estudo, que decorreu em três fases distintas: a primeira relativa às atividades realizadas em sala de aula durante a regência de Português, a segunda relativa às atividades realizadas no clube “Rabiscos de Poesia” e a última fase relativa a atividades realizadas em sala de aula de Português pós-estágio. Mas é de salientar que, apesar de as atividades terem sido realizadas em diferentes contextos, todas elas seguiram a mesma linha e os mesmos princípios.

### **Apresentação do projeto de investigação**

No âmbito da Prática Ensino Supervisionada II, em contexto de estágio, foi desenvolvido um estudo de investigação importante para a conclusão do mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, pelo que foi desenvolvido um conjunto de atividades com o propósito de recolher dados para a investigação que se apresenta.

Esta recolha de dados foi efetuada no âmbito da disciplina de Português, sendo o conteúdo em foco a Poesia. Este estudo foi efetuado em três momentos distintos mas interligados: um primeiro em sala de aula durante a regência de Português, o segundo no clube “Rabiscos de Poesia” e o último em sala de aula de Português pós-estágio.

Nesta apresentação e interpretação da intervenção vão expor-se todas as atividades realizadas seguindo a ordem dentro de cada contexto escolar separadamente para que seja mais fácil a perceção de cada abordagem nos diferentes contextos.

Todo este estudo de investigação teve como base as aulas de Português e o tema Poesia, como referido anteriormente sendo, deste modo, importante iniciar pela descrição das atividades em contexto sala de aula durante as regências de Português, para demonstrar e refletir sobre a linha de crescimento dos conteúdos abordados.

## Os Participantes

Os participantes deste estudo foram os alunos da turma com a qual se desenvolveu a Prática de Ensino Supervisionada II, sendo desse modo um total de 14 participantes, sendo seis raparigas e oito rapazes, cujas idades variavam entre os nove e os dez anos de idade.

Após uma análise à turma, e a algumas informações expostas pela Diretora de Turma verificou-se que se estava perante uma turma, de um modo geral, muito calada, um pouco apática e sem grande iniciativa de participação devido à falta de segurança no que sabem.

Em suma, era uma turma com alunos com um aproveitamento razoável, todavia, havia pelo menos quatro alunos que se destacavam pelo excelente aproveitamento fazendo, que por este motivo, parte do quadro de excelência. Participavam ativamente nas aulas, evidenciando vontade de partilhar as suas opiniões e conhecimentos.

Para introduzir o estudo e melhor obter dados, de forma a organizar e planificar a intervenção junto da turma, foi aplicado um questionário (anexo 5), para perceber se os alunos nutriam gosto pela leitura e escrita de poesia.

### **Análise dos dados obtidos no Inquérito – “Rabiscos de Poesia”**

- ✓ **Objetivos:** Perceber os hábitos de leitura dos alunos e em que género(s) incide(m) a(s) sua(s) preferência(s) literária(s); perceber se costumam escrever por iniciativa própria, e se alguma vez poesia.

- ✓ **Avaliação do inquérito:**

**Tabela 1- Inquérito- “Rabiscos de Poesia”**

Questão	1. Gostas de ler?	
Respostas	Sim	Não
Resultados	13	1



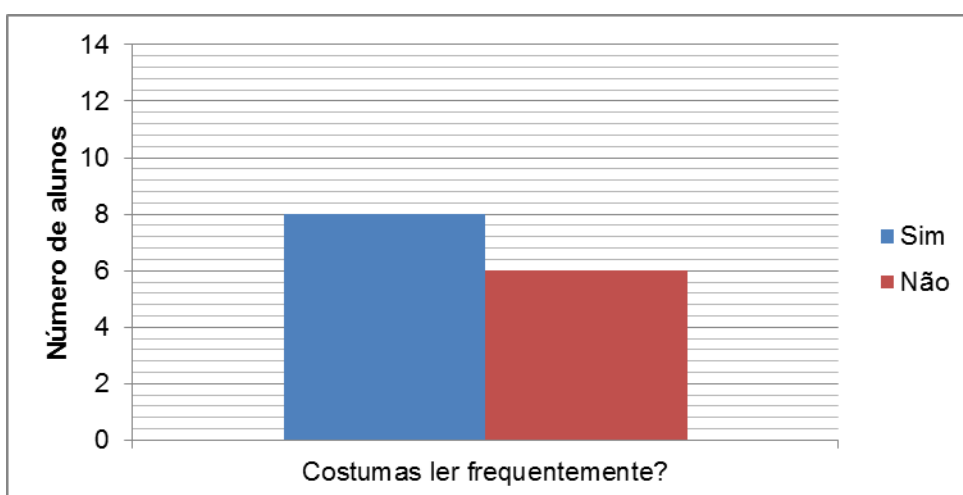


**Gráfico 1- Questão 1 do Inquérito**

Apesar de apenas um aluno indicar que não gostava de ler, as observações realizadas em sala de aula indicam que serão mais alunos.

**Tabela 2- Inquérito - "Rabiscos de Poesia"**

Questão	2. Costumas ler frequentemente?	
Respostas	Sim	Não
Resultados	8	6

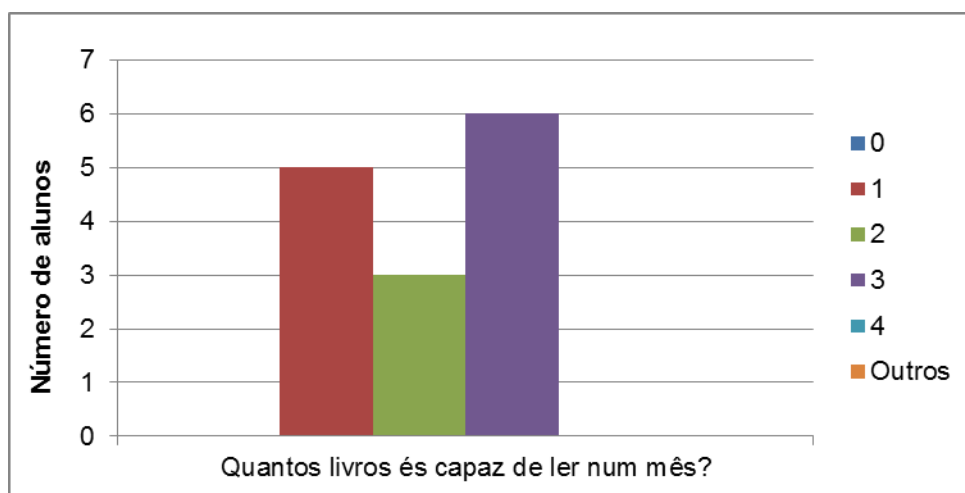


**Gráfico 2- Questão 2 do Inquérito**

Com estes resultados podemos verificar uma certa contradição dos alunos quanto ao facto de gostarem de ler e de não lerem com frequência.

**Tabela 3- Inquérito- “Rabiscos de Poesia”**

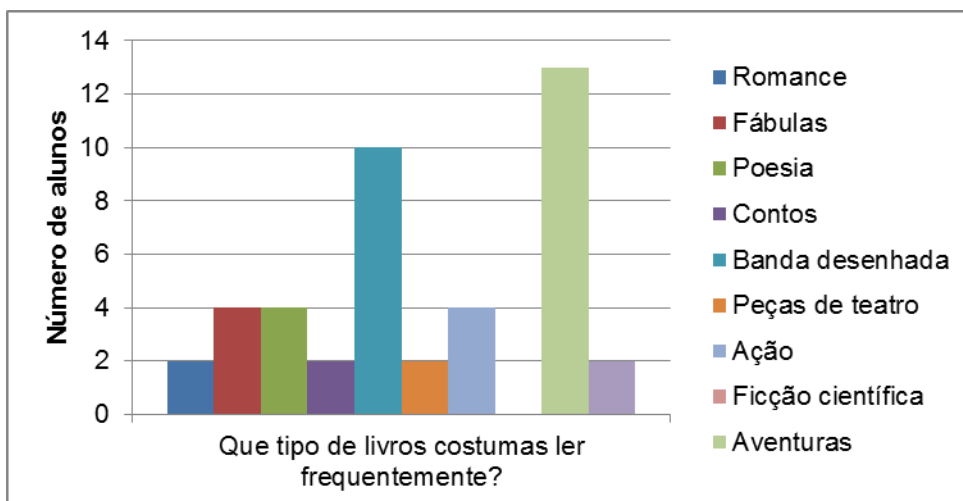
Questão	3. Quantos Livros és capaz de ler num mês?					
Respostas	0	1	2	3	4	Outros:
Resultados	-	5	3	6	-	-



**Gráfico 3 - Questão 3 do Inquérito**

**Tabela 4 - Inquérito - “Rabiscos de Poesia”**

Questão 4. Que tipos de livros costumás ler frequentemente?	
Respostas	Resultados
Romance	2
Fábulas	4
Poesia	4
Contos	2
Banda Desenhada	10
Peças de Teatro	2
Ação	4
Ficção Científica	0
Aventuras	13
Outros: (adivinhas)	2

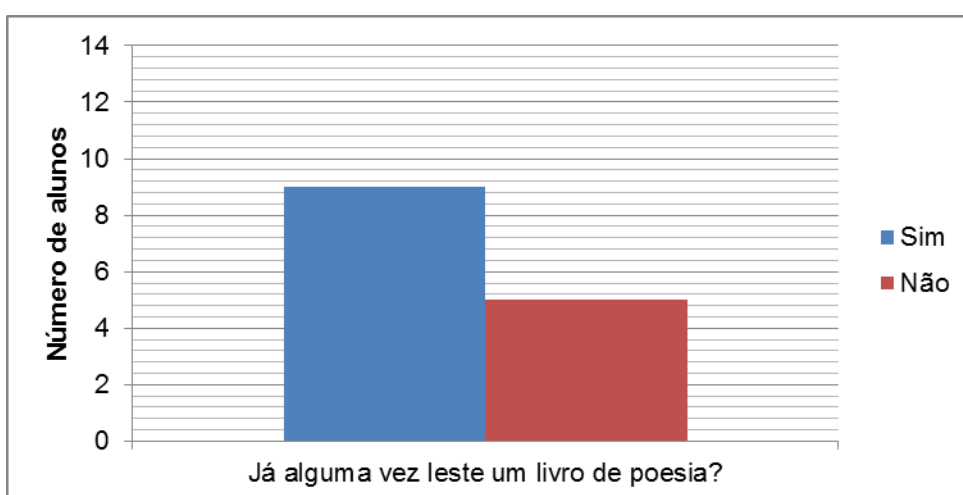


**Gráfico 4 - Questão 4 do Inquérito**

Com a análise dos resultados, desta questão, podemos verificar que realmente os alunos têm mais tendência para ler aventuras e banda desenhada do que poesia.

**Tabela 5 - Inquérito - "Rabiscos de Poesia"**

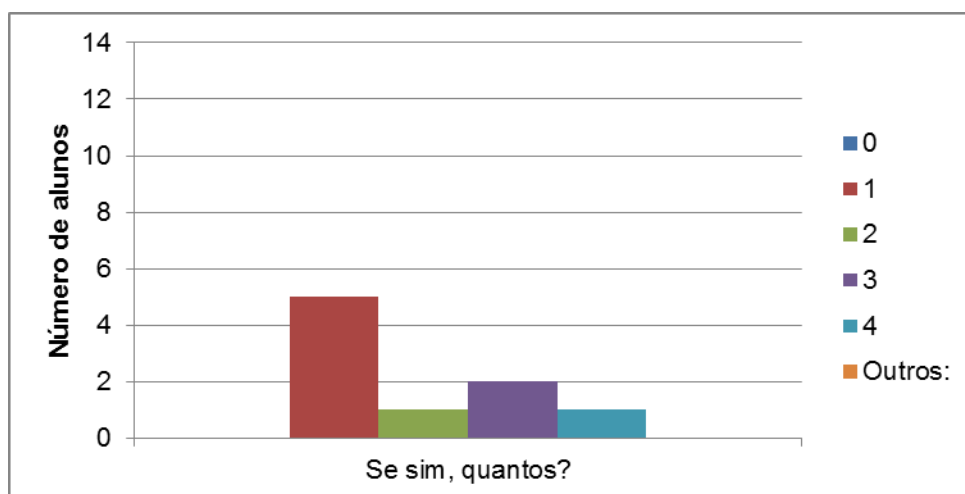
Questão	5. Já alguma vez leste um livro de poesia?	
Respostas	Sim	Não
Resultados	9	5



**Gráfico 5 - Questão 5 do Inquérito**

**Tabela 6- Inquérito - “Rabiscos de Poesia”**

Questão	5.1.Se sim, Quantos?					
Respostas	0	1	2	3	4	Outros:
Resultados	-	5	1	2	1	-



**Gráfico 6-Questão 5.1 do Inquérito**

Apesar de a maioria dos alunos indicar que já leu um livro de poesia, são poucos os que já leram mais que um livro. Mas é de evidenciar que um dos inquiridos indica já ter lido cinco livros de poesia, o que revela uma predisposição para a temática em estudo e, desse modo, um incentivo para os restantes inquiridos, porque se um destes possui gosto poderá fazer os outros participantes perceberem que a poesia possui uma vertente lúdica, o que poderá contribuir para os cativar.

**Tabela 7- Inquérito - “Rabiscos de Poesia”**

Questão	6. Gostas de escrever?	
Respostas	Sim	Não
Resultados	10	4

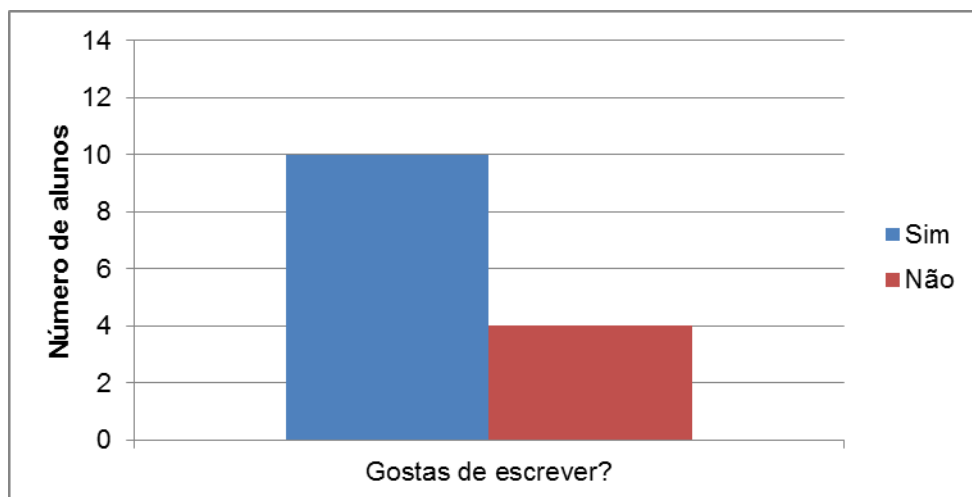


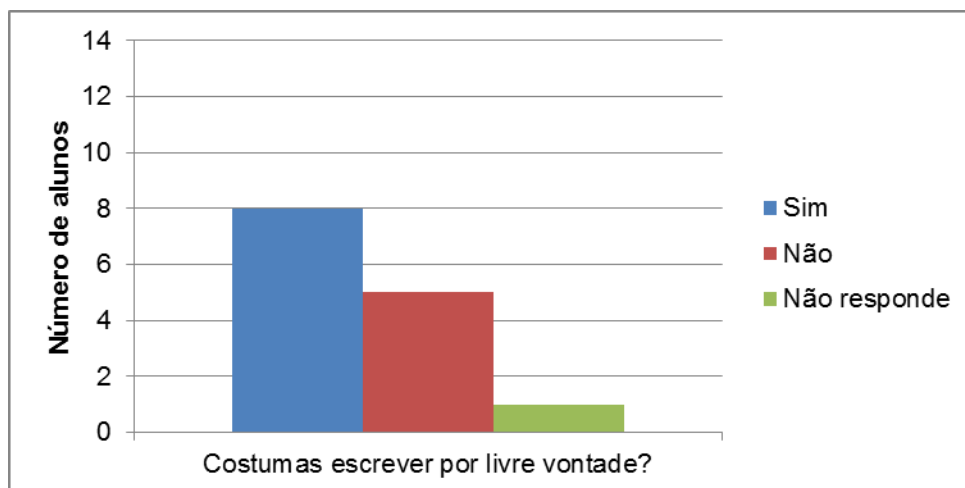
Gráfico 7- Questão 6 do Inquérito

**Tabela 8 – Inquérito - “Rabiscos de Poesia”**

Porquê?	
Motivo porque gosta	Motivo porque não gosta
“Gosto de aventura”; “Tenho uma grande paixão pela escrita”; “Escrever é divertido, mágico e temos de ser criativos”.	“Porque não ligo muito à escrita e é muito seca”; “Escrever cansa”; “Porque tenho muitas dificuldades”.

**Tabela 9 - Inquérito - “Rabiscos de Poesia”**

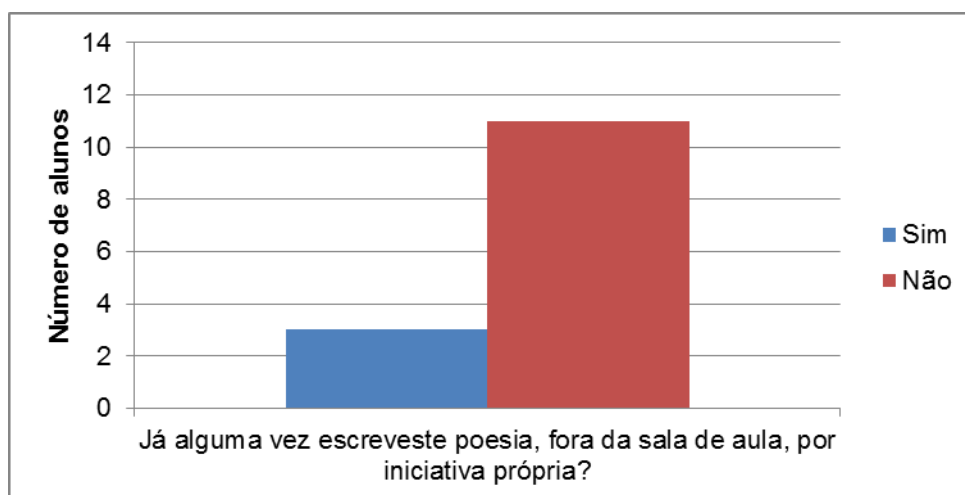
Questão	7. Costumas escrever por livre iniciativa?		
Respostas	Sim	Não	Não responde
Resultados	8	5	1



**Gráfico 8 - Questão 7 do Inquérito**

**Tabela 10- Inquérito - “Rabiscos de Poesia”**

Questão	8. Já alguma vez escreveste poesia, fora da sala de aula, por iniciativa própria?	
Respostas	Sim	Não
Resultados	3	11

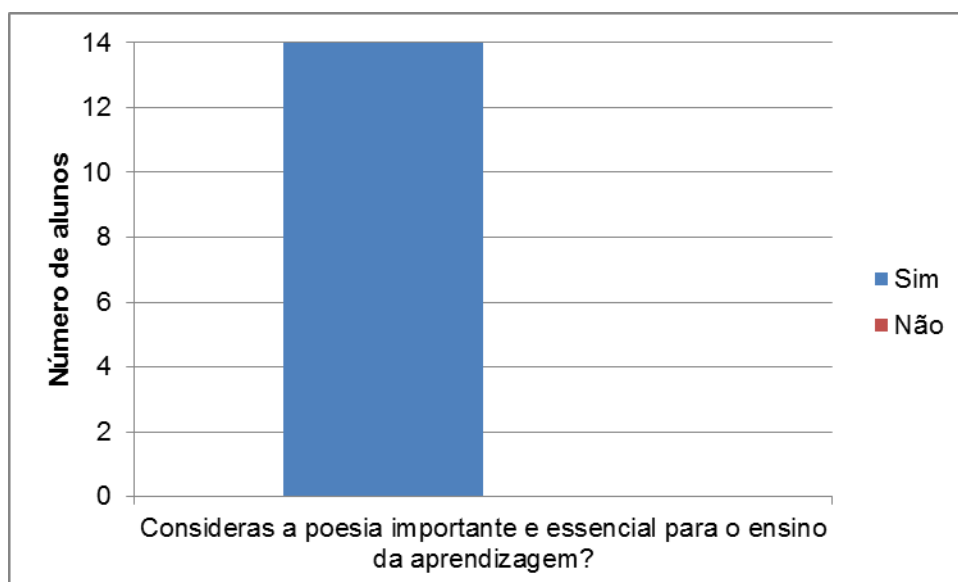


**Gráfico 9 - Questão 8 do Inquérito**

Na análise destes resultados verificam-se que existem três alunos no grupo de inquiridos que já escreveram poesia, fora do contexto sala de aula, o que mostra predisposição para a participação neste estudo.

**Tabela 11 - Inquérito - “Rabiscos de Poesia”**

Questão	9. Consideras a poesia importante e essencial para a aprendizagem?	
Respostas	Sim	Não
Resultados	14	-



**Gráfico 10--Questão 9 do Inquérito**

**Tabela 12- Inquérito - “Rabiscos de Poesia”**

Porquê?	
Motivo Positivo	Motivo Negativo
“Aprender rimas”; “Bonita e interessante”; “Porque é mágica”; “É a liberdade”; “Trás sentimentos”; “Transmite muitas coisas”.	

Perante esta questão é observável que o grupo tem consciência que a poesia é realmente importante para as suas aprendizagens, o que revela uma orientação e vantagem para este estudo.

✓ **Conclusão:**

Após a análise dos inquéritos podemos verificar, numa primeira fase, que apesar de os alunos indicarem que gostam de ler, estes leem maioritariamente livros de banda desenhada e de aventura, sendo a poesia relegada para um segundo plano, como refere Bastos:

Se a narrativa, e em particular o conto, ocupam um lugar de destaque nas escolhas de leitura de crianças e jovens, tal situação não é totalmente alheia ao facto de também em contexto escolar essa mesma situação se verificar. Esta é uma questão sobre a qual importa reflectir, quando a poesia se apresenta, exactamente, como uma das formas de expressão que, de uma maneira mais produtiva e criativa, proporcionaria à criança a ocasião de brincar com a linguagem, com as palavras que lhe pertencem e que pouco a pouco vai dominando (Bastos, 1999, p. 157).

Numa segunda fase podemos verificar que apesar de 10 dos 14 alunos gostarem de escrever, apenas 8 destes indicam que escrevem por iniciativa própria e só 3 afirmam já ter escrito poesia fora do contexto sala de aula, o que nos demonstra que a poesia ainda é um conteúdo relegado para segundo plano.

Por último, podemos retirar a ideia de que os alunos sabem que a poesia é um conteúdo importante para as suas aprendizagens, mas que ainda não sabem descodificar por que motivo, visto que a maioria deles indica que a poesia é importante para aprenderem as rimas.

### **Sala de aula durante regência**

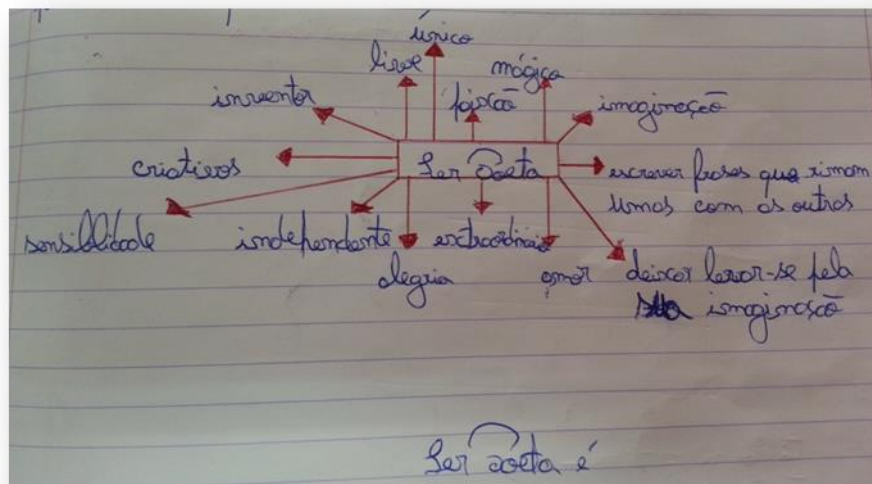
#### **1.ª Aula**

✓ **Objetivo:** Perceber o conhecimento dos alunos sobre o Poeta.

A primeira aula de abordagem ao tema foi uma aula de recolha e reconhecimento das aprendizagens dos alunos sobre o poeta, autor da poesia, sendo esta fundamentalmente uma aula de bastante diálogo de grupo.



Num primeiro momento da aula, foi elaborado um “Brainstorming” com as ideias dos alunos sobre o poeta, para reconhecimento da aprendizagem e cultura dos discentes.



**Ilustração 1- Brainstorming "Ser Poeta"**

Perante as respostas dadas nesta atividade pelos alunos, verifica-se que estes já possuíam uma noção do que era um poeta e da sua obra, o que facilitou e proporcionou uma nova interpretação dos conteúdos preparados para a aula, assim como o seu desenrolar.

Depois de verificar que os discentes sabiam o que é um poeta, foi efetuada uma audição da canção “Ser Poeta”, dos Trovante, escrita pela poetisa Florbela Espanca, para demonstrar aos alunos a obra-prima do poeta, o poema, que pode ser transformado em canção ao ser musicalizado e, ao mesmo tempo, demonstrar que numa canção a base é a poesia.

### **Ser Poeta**

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior  
Do que os homens! Morder como quem beija!  
É ser mendigo e dar como quem seja  
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor  
E não saber sequer que se deseja!

É ter cá dentro um astro que flameja,  
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!  
Por elmo, as manhãs de oiro e cetim...  
É condensar o mundo num só grito!  
E é amar-te, assim, perdidamente...  
É seres alma e sangue e vida em mim  
E dizê-lo cantando a toda a gente

**Florbela Espanca**

A partir desta audição e do conhecimento do poema evoluiu um diálogo de grupo, com o qual foi possível sobressair a noção de verso, estrofe e a classificação de estrofes quanto ao número de versos.

Ainda nesta aula e, de modo, a exaltar a magia da poesia, foi realizada em grande grupo a atividade Poema em Leque com o título “Ser Poeta é”, na qual cada aluno deveria escrever uma frase do que era para si ser poeta e dobrar a sua frase para o colega não ver, sendo o resultado final da atividade um leque.



**Ilustração 2 - Poema em leque**

### Ser Poeta é...

Ser poeta é ser amor, é ser paixão como quem beija uma flor.

Ser poeta é ter orgulho no que se escreve

Ser único e ter paixão pelo que faz.

Dar largas à imaginação.

Ter paixão.

Ter paixão por aquilo que se escreve.

Ser poeta é ser único e ser tudo o que nos rodeia!

É amar e ter paixão no que faz.

Ser único, ser nós próprios!

Ser aquilo que nós quisermos

Ser maior e fazer tudo o que se quer do mundo.

Ser a pessoa mais importante do mundo e mais alegre.

Ser poeta é ser criativo e ser mágico.

### Turma

Em suma, nesta primeira aula, pretendeu-se relembrar conceitos de anos anteriores e o incentivo para o texto poético, de modo a demonstrar aos alunos que a poesia não é inacessível.

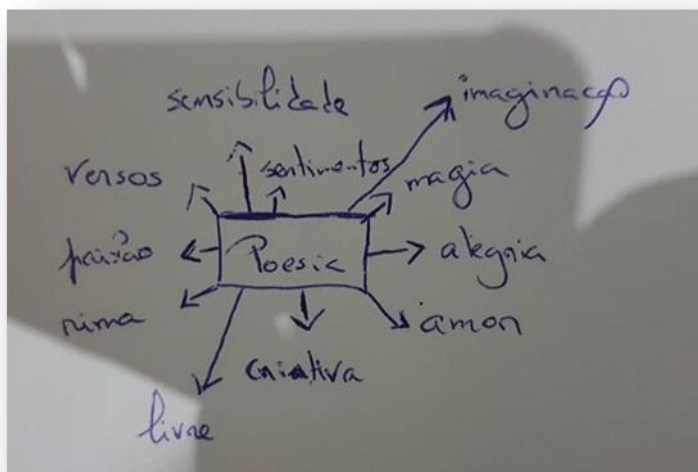
- ✓ **Conclusão:** A turma demonstrou ter conhecimentos sobre o poeta e foi bastante participativa no diálogo sobre os poemas e a sua composição (versos e estrofes).

### 2.ª Aula

- ✓ **Objetivo:** Perceber qual o conhecimento que os alunos têm sobre Poesia.

A base principal desta aula foi a poesia, dando seguimento à anterior, na qual se falou do poeta, porque sem obra-prima o criador não é nada. Para melhor

percecionar o que os discentes sabiam sobre a poesia e, de modo, a não obstruir as ideias dos alunos foi realizado um *brainstorming* com as suas ideias sobre a poesia.



**Ilustração 3 - Brainstorming "Poesia"**

Neste *brainstorming* os alunos foram dizendo algumas ideias, sendo que algumas coincidiam com ideias dadas na aula anterior sobre o poeta e ainda conseguiram perceber que poesia é a obra-prima do poeta.

Para poder retratar e definir a poesia, após esta atividade foram efetuadas a leitura e a interpretação de um texto do manual.

### **A poesia**

Se calhar esperavas que eu te dissesse agora aqui o que é a poesia. Que eu te arranjasse uma definição daquelas cheias de palavras complicadas que deixam as pessoas de boca aberta e a pensar “Meu Deus! Tanto que ela sabe!”. Mas eu não sei definir o que é poesia. E se alguém te disser que sabe... desconfia! (...)

Porque a poesia, apesar de se fazer com palavras, está muito para além delas. É aquilo que essas palavras conseguem levar e depositar no nosso coração. E para que isso aconteça, não é preciso que sejam palavras complicadas, frases elaboradas, rimas perfeitas. (...) É outra coisa. Que não se consegue nomear, mas que se sente. (...)

Há poemas sobre animais, sobre pessoas, sobre sentimentos, sobre a natureza. Há poemas sobre fadas, sobre pastores, sobre crianças e velhos. Há poemas sobre uma rua, sobre uma casa, sobre uma pedra que de repente se encontra a meio do caminho. Há poemas sobre a tristeza e sobre a alegria. E podemos rir e chorar com eles. Pode-se

escrever um poema a propósito de tudo. Não há temas melhores ou temas piores: há a arte de saber escrever a seu respeito de uma maneira criativa, ou seja, de uma maneira que seja só nossa.

Alice Vieira (org.), 2008. *O Meu Primeiro Álbum de Poesia*. Lisboa: Dom Quixote  
(texto adaptado e com supressões)

Este texto foi usado para mostrar aos discentes que a poesia é maravilhosa e que para a criar é necessário abrir os corações e deixar a energia fluir para o texto.

Ainda ao longo da leitura, foram abordados e lembrados temas como a classificação da rima na poesia, sendo este conteúdo a base principal da última atividade realizada, que permitiu verificarem que a poesia é o pilar de todas as canções que conhecemos. Os discentes tiveram a possibilidade ouvir e ver a letra de três canções, *A Fisga*, dos Rio Grande, *Ai Timor*, do Luís Represas e *Homem do Leme*, dos Rio Grande, sendo estas utilizadas como incentivo para a introdução da poesia no quotidiano dos alunos, assim como para reforço e consolidação de conteúdos.

- ✓ **Conclusão:** Os alunos mostraram-se empenhados em todas as atividades propostas e revelaram possuir conhecimentos base sobre a poesia e sobre a classificação da poesia quanto à rima.

### 3.ª Aula

- ✓ **Objetivos:** Demonstrar que a aprendizagem não é apenas tratada numa sala de aula e verificar as capacidades dos alunos para a escrita e leitura, assim como o nível da criatividade existente.

Para demonstrar aos alunos que as aulas não teriam de ser todas na sala de aula e que o espaço também pode ajudar na aprendizagem, esta fase de implementação do projeto foi concebida na biblioteca, onde já previamente estavam preparadas e estipuladas duas áreas distintas.

O primeiro espaço, definido como “Cantinho da Leitura”, foi aproveitado para a dramatização do poema «Os meus tesouros», de Maria Alberta Menéres, sendo que

foram utilizados os objetos mencionados no poema. Posteriormente, os alunos foram incentivados a ler o poema que tinham criado sobre os seus tesouros:

### **A minha ursinha de peluche**

Ela é a maior.  
Muito fofinha  
E muito queridinha.  
E ajuda-me quando tenho dor.

**Aluno A**

### **Objetos especiais**

A minha camisola  
Decidiu falar com a cola.  
O dicionário  
Disse que era extraordinário.

A minha flor  
Com o meu dicionário  
Criaram um amor extraordinário

**Aluno B**

### **Poema**

A minha boneca,  
É de porcelana  
E têm um sorriso,  
Até a pestana.

A minha caneta,  
riscou uma chupeta.  
A minha borracha,

têm uma mancha.  
A minha garrafa,  
é maior que a girafa.  
O meu botão,  
anda sempre de mão em mão.

**Aluno C**

### **O meu Irmão**

Eu tenho um maninho  
E ele faz-me sorrir,  
O seu nome é Paulinho  
E eu faço-o rir.

Ele é pequeninho,  
Ainda não fala,  
É um queridinho,  
De tarde sempre palra e na sala não se cala.

Ele faz me feliz  
E morde-me o nariz.  
Pois ele é o Paulinho,  
Que em casa é o mais pequeninho.

E foi este rapazinho,  
O melhor presente no Natal,  
Quando o vi era fofinho,  
Pois como ele, não há em Portugal!

**Aluno D**

### **Os meus tesouros**

Na cama tenho um urso e um leão,  
são os meus dois peluches guardas.

Também adoro a minha bola.  
Em casa faço remates,  
ela sempre rola,  
qualquer dia vou para uma equipa de craques !!!

A cima de tudo estão os meus pais,  
que às vezes ralham comigo,  
mas nunca é demais.  
Pois eles querem que eu faça sempre um novo amigo.

**Aluno E**

### **O meu Ursinho**

Sobre o que é que vou escrever ...  
Há tanto para optar  
Então sobre o meu ursinho, irei falar

É colorido, mas desbotado  
Gosto de o ver lavado,  
Mas não gosto de esperar

De noite ao deitar  
Gosto de me aconchegar  
Com ele a meu lado

Por vezes, quando há um temporal  
Fico com um medo colossal  
Aí eu tapo -me muito bem tapadinha  
E agarro – me como se não houvesse amanhã  
Para passar a noite sã  
E é isto que eu faço, para dormir sossegadinho  
Ele já foi no porão  
De um grande avião  
Para ir comigo para Argel



Para dormir no hotel.

Sou a pessoa mais sortuda do planeta

Por ter um urso com o coração

Como a distância daqui a Creta

Não interessa que esteja velhinho

Desde que seja meu amiguinho

É o meu Pancada

E sempre será.

**Aluno F**

### **Os meus tesouros**

A minha ursinha cor-de-rosa

É orelhuda

Da me vida

**Aluno G**

Esta atividade teve como objetivo interagir e cativar os alunos, motivando-os para a poesia. Mas também serviu para verificar os diferentes níveis existentes de capacidades para a escrita e criatividade no grupo em estudo. É de salientar que nestes sete exemplares podemos definir três grupos de desenvolvimento: os alunos que escrevem pouco ou quase nada mas que perceberam a ideia pedida - alunos A e G, os alunos que escrevem, mas não entenderam a ideia pedida - aluno B, e os alunos que escrevem e perceberam a ideia pedida - alunos C, D, E e F, sendo que destes últimos se percebe, mais nuns do que noutros, a ligação aos tesouros e o sentimentalismo nos poemas.

A segunda parte da aula decorreu já nas mesas dispostas, ainda na biblioteca, com visibilidade para um placar, no qual decorreu a análise e interpretação do poema “ Os meus tesouros”, de Menéres, assim como a aprendizagem da diferenciação dos conteúdos: sílabas gramaticais e sílabas métricas.

Concluindo, nesta fase do projeto, para além do objetivo de ensinar os conteúdos pré-estabelecidos pelo Programa estava o de criar envolvimento dos alunos com a poesia, com a arte de declamar e demonstrar os sentimentos envolvidos.

- ✓ **Conclusão:** A turma compreendeu que a poesia tem um lado mais dinâmico e versátil. Revelaram existir diferentes níveis na escrita e na compreensão das tarefas pedidas.

#### 4.ª Aula

- ✓ **Objetivo:** Dar a conhecer à turma a poetisa Manuela Ribeiro, de modo, a prepará-los para a vinda da própria à escola.

Esta serviu para preparação da aula seguinte, na qual os alunos tiveram a oportunidade de conhecer a poetisa Manuela Ribeiro, sendo que, desse modo, fizeram uma pequena aprendizagem sobre a vida da mesma e sobre as suas obras. De todas as obras, foi selecionada “Uma Letra, Mil Palavras”, que os alunos exploraram, interpretaram em grande grupo e elaboraram estratégias para a apresentar na aula seguinte à poetisa e à escola.

Ao longo de todo este processo de trabalho foi possível verificar na turma um interesse e uma motivação diferentes do que se verificou na introdução do tema poesia.

- ✓ **Conclusão:** Os alunos revelaram interesse em conhecer e interpelar a poetisa, assim como gosto pela sua obra.

#### 5.ª Aula

- ✓ **Objetivos:** Conhecer a poetisa Manuela Ribeiro e demonstrar apreço pela sua obra.

Nesta aula, os alunos tiveram a possibilidade de conhecer pessoalmente a escritora e poetisa Manuela Ribeiro e de demonstrar um pouco da evolução alcançada relativamente ao interesse e à-vontade com a temática.

Antes da poetisa convidada se apresentar e falar do seu trabalho, foi a turma em estudo que fez a sua apresentação, de acordo com as aprendizagens e orientações da aula anterior.

Após apresentarem a escritora, fizeram uma pequena exposição sobre o livro “Uma Letra, Mil Palavras”, seguindo-se a leitura repartida por todos os alunos da turma e pelas docentes envolvidas (professora bibliotecária, professora orientadora cooperante e professoras estagiárias). Quando terminou a leitura foi possível visualizar um dos aspetos mais importantes para o projeto, o gosto e o interesse pela poesia, porque demonstra o envolvimento do grupo no tema em estudo, já que estavam todos com camisolas que continham várias palavras, presentes nos poemas do livro, para “ilustrar” o “Mar de Palavras” que a escritora menciona.

Concluindo, apesar de pequena, esta atitude mostra que os alunos estavam interessados no tema poesia como tinha por objetivo no início de estudo.

- ✓ **Conclusão:** Os alunos demonstraram bastante interesse em ouvir e interrogar a poetisa Manuela Ribeiro; interpretaram e declamaram a sua obra “Mar de Palavras”; revelaram que estavam interessados na poesia, que era o objetivo principal deste projeto.

## 6.ª Aula

- ✓ **Objetivos:** Demonstrar que a poesia tem um lado dinâmico; aferir se os alunos aprenderam os conhecimentos transmitidos; averiguar se possuem criatividade de escrita para dar continuidade a um poema.

Em contexto sala de aula, durante as regências, esta foi a última aula dedicada à introdução do conteúdo para este estudo e nesta foi efetuada uma análise e interpretação do poema “No Comboio Descendente”, de Fernando Pessoa.

### **No Comboio Descendente**

No comboio descendente  
Vinha tudo à gargalhada.  
Uns por verem rir os outros  
E outros sem ser por nada.  
No comboio descendente  
De Queluz à Cruz Quebrada...

No comboio descendente  
Vinham todos à janela,  
Uns calados para os outros  
E os outros a dar-lhes trela.  
No comboio descendente  
De Cruz Quebrada a Palmela...

No comboio descendente  
Mas que grande reinação!  
Uns dormindo, outros com sono,  
E os outros nem sim nem não.  
No comboio descendente  
De Palmela a Portimão...

**Fernando Pessoa**

Com este poema foi possível, mais uma vez, mostrar aos alunos que a poesia e a música são duas artes complementares, utilizando como apoio a audição da canção de Zeca Afonso, “No comboio descendente”.

Partiu-se depois para a escrita criativa, sendo pedido aos alunos que, em grupos, escrevessem os poemas sobre “A Viagem do Comboio”, com diferentes percursos mas que seguisse a mesma orientação do poema inicial, sendo o objetivo principal era o de lhe darem continuidade.

## **O COMBOIO DAS GARGALHADAS**

### **Viagem de Comboio**

O comboio das gargalhadas  
Viaja de Norte a Sul  
Tem cinco carruagens  
Que levam as bagagens.

Quando passa por Leiria  
É sempre uma alegria  
Passa também por Santarém  
E toda a gente se dá bem.

Quando chegam a Portimão  
É o fim da linha.  
Lá saem os passageiros,  
Com a mala na mão.

**Grupo A**

### **Viagem de comboio**

O comboio chegou a Viana  
Para apanhar uma multidão.  
O comboio é muito pequeno  
Pode haver uma confusão.

Foram para o Porto  
Ver a magia  
Todos iam a bater palmas  
Com muita alegria.

Chegaram a Coimbra  
Como toda a gente queria

O palhaço deu espetáculo

Toda a gente se ria.

#### **Grupo B**

Perante estes exemplos é notório que nenhum grupo deu ao poema seguinte a mesma musicalidade do original, um grupo menos que o outro, mas ambos conseguiram criar poemas que visavam a viagem de um comboio por diferentes localidades de Norte para Sul. Algo que podemos também confirmar é que, apesar de os alunos saberem que os poemas podem ser constituídos por vários versos, não existindo obrigatoriedade em serem quadras, mas ambos os grupos em vez de darem continuidade ao poema inicial e criarem estrofes classificadas como sextilhas, criaram quadras.

- ✓ **Conclusão:** Os alunos já possuem capacidade para criarem poemas com sentido, mas ainda não conseguem ainda dar continuidade a um poema com algumas regras específicas, como a musicalidade e estrutura do poema.

#### **Clube “Rabiscos de Poesia”**

No Clube Rabiscos de Poesia foram implementadas várias atividades com o objetivo de estimular o gosto, o interesse e a criatividade dos alunos pela poesia. Para isso, no início de cada sessão era apresentada uma temática e alguns exemplos e, posteriormente, os alunos davam largas à imaginação e à criatividade individual. Para promover um ambiente acolhedor havia sempre música ambiente, o que proporcionava o silêncio dos alunos no espaço.

Para obter resultados que permitissem a análise e comparação da evolução de cada interveniente, na última sessão foi entregue a cada um o mesmo acróstico que tinham efetuado na primeira sessão, sendo assim possível averiguar se existiu algum tipo de evolução ao longo da implementação do projeto “Rabiscos da Poesia”.

Este Clube foi dinamizado em seis sessões, tendo sido implementado em cada uma um conceito ou variante da poesia, como “acrósticos”, “as letras apresentam-se”, “caligramas”, “inventários fúteis” e “os sentimentos”.

É de salientar que, apesar destas sessões terem ocorrido já após os alunos terem contacto com o tema nas aulas, foi para eles uma nova experiência, porque nas aulas sempre houve um poema inicial que era trabalhado individualmente ou em grupo, enquanto neste Clube, os alunos se deparavam com uma proposta de trabalho inicial, em que lhes eram explicadas e demonstradas algumas propostas finais mas, na hora de colocar em prática, trabalhavam individualmente e não possuíam partilha de ideias, porque o pretendido era analisar a capacidade individual para a poesia.

A sala, que era um espaço pequeno, estava organizada com as mesas agrupadas de forma a criar uma mesa única de grande grupo e todo o espaço envolvente, que possuía quadros de cortiça, estava decorado com alguns desenhos que os alunos faziam em horas livres para decorar a sala.

### **As tarefas do Clube**

No início de cada sessão do Clube, tal como referido anteriormente, fez-se uma pequena apresentação da temática a explorar, de forma a contextualizar os alunos com o pretendido e, posteriormente, era dado espaço para que cada um, desse largas à imaginação e, dentro do pedido, escrevesse com criatividade, visto que um dos objetivos deste Clube era demonstrar que a poesia pode levar ao desenvolvimento da criatividade das crianças.

#### **1.ª Sessão - Acróstico**

- ✓ **Objetivos:** Incutir nos alunos o gosto pela poesia, dando-lhes a conhecer o lado mais lúdico do género literário; averiguar o nível de criatividade na escrita.

A primeira sessão foi dedicada ao acróstico, forma textual em que a primeira letra de cada frase ou verso formam uma palavra ou frase, e, desse modo, foi apresentado um pequeno PowerPoint no qual se referia o que é, e um exemplo.

Pretendia-se que os alunos escrevessem um pequeno poema com base numa palavra que lhes agradasse, ou seja, que lhes suscitasse emoções.

Optou-se por esta tarefa porque que coloca os alunos perante uma situação de que certamente já possuíam algum conhecimento, visto ser uma atividade normalmente trabalhada no primeiro ciclo, embora de uma forma mais simples.

Escolheu-se o acróstico “como pretexto para o jogo poético que tem como objetivo a composição de um poema (com uma ou mais estrofes) a partir das letras da(s) palavra (s)- chave – ou de uma frase curta – escrita(s) na vertical” (Franco, 1999, p. 123). O propósito era apostar em atividades que promovessem o encontro do prazer associado à poesia e à escrita.

Para iniciar a atividade foi então entregue a cada aluno um papel colorido, apelativo, e foi solicitado que pensassem numa palavra que lhes agradasse. A seguir foi-lhes então pedido que escrevessem um poema em acróstico com e sobre essa palavra.

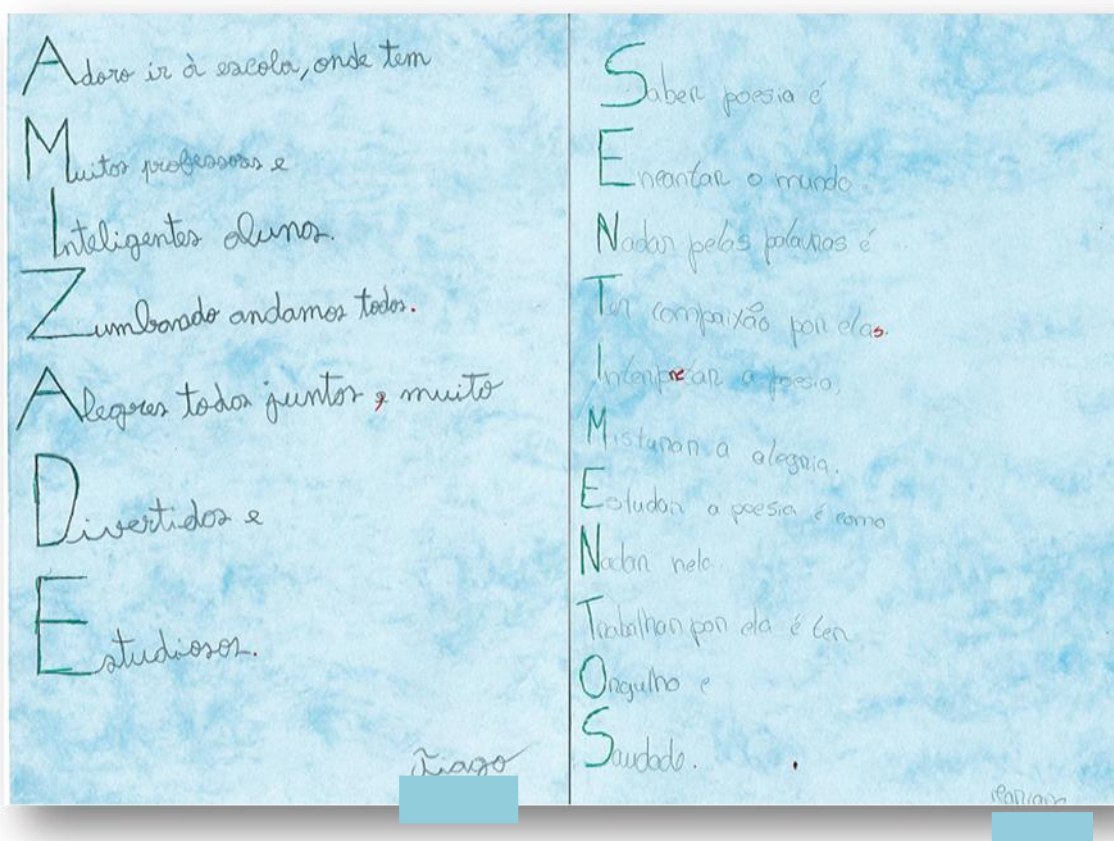


Ilustração 4 - Acróstico do aluno A e B

Desta sessão é possível verificar que a grande maioria dos alunos percebeu o que foi pedido, mas é visível que uns têm maior à-vontade com o facto de criarem do que outros.



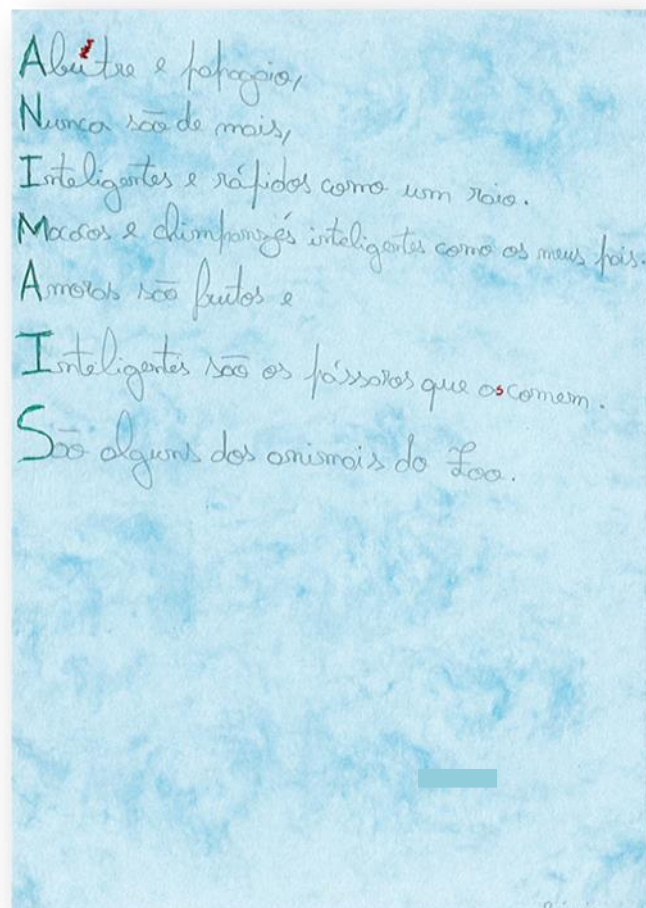


Ilustração 5 - Acróstico do aluno D

Neste acróstico o aluno demonstrou que entendeu o pedido e evidencia maior criatividade.

Em suma podemos concluir desta sessão que os alunos têm conhecimentos sobre a poesia, mas que ainda não são escreventes de poesia.

- ✓ **Conclusão:** Os discentes mostraram interesse e curiosidade na execução da tarefa. Demonstraram, em geral, compreensão do que foi pedido, mas nem todos conseguiram obter o resultado desejado.

## 2.ª Sessão - As letras apresentam-se

- ✓ **Objetivos:** Perceber a capacidade dos alunos para elaborarem um poema; aferir as dificuldades e apreciar a sua criatividade.

A segunda sessão foi dedicada à temática “As letras apresentam-se”, que consistia em escolher uma letra do alfabeto apresentada através de uma lista de palavras começadas por essa letra e de um curto texto formado a partir dessas palavras.

Com esta sessão pretendia-se que os alunos escrevessem um poema com base numa letra do abecedário.

Optou-se por esta tarefa uma vez que coloca os alunos perante uma situação que não é comum, obrigando-os a pensar em alternativas diferentes das que geralmente lhes são propostas. O objetivo era “criar condições para que os alunos excedam esse universo limitado constituído pelos caminhos que geralmente traçam (Santos, 2008, p. 31)”.

Mais uma vez, no início da sessão foi apresentado um PowerPoint com exemplos do que era pretendido e, de seguida, entregue uma folha papel apelativo para que cada um escolhesse uma letra e trabalhasse sobre ela.

Enquanto decorria a tarefa, para criar um ambiente acolhedor e para que o Clube não fosse considerado uma obrigação com a escrita e sim uma atividade livre, criativa e importante para o desenvolvimento das suas aprendizagens, foi colocada música ambiente.

Numa primeira análise aos resultados obtidos pode referir-se que, de um modo geral, o grupo percebeu o solicitado. Pode salientar-se ainda o facto de que houve letras que foram repetidas por alguns alunos, como o R e o A e que de todos os resultados é ainda visível o facto de que três elementos do grupo não criaram apenas um poema de uma só letra mas pequenos versos sobre diferentes letras.



Em relação à criatividade que se pretendia desenvolver com estas sessões, apesar de esta ter sido apenas a segunda sessão, podemos verificar que os participantes já demonstraram mais criatividade na escrita do que na sessão anterior.

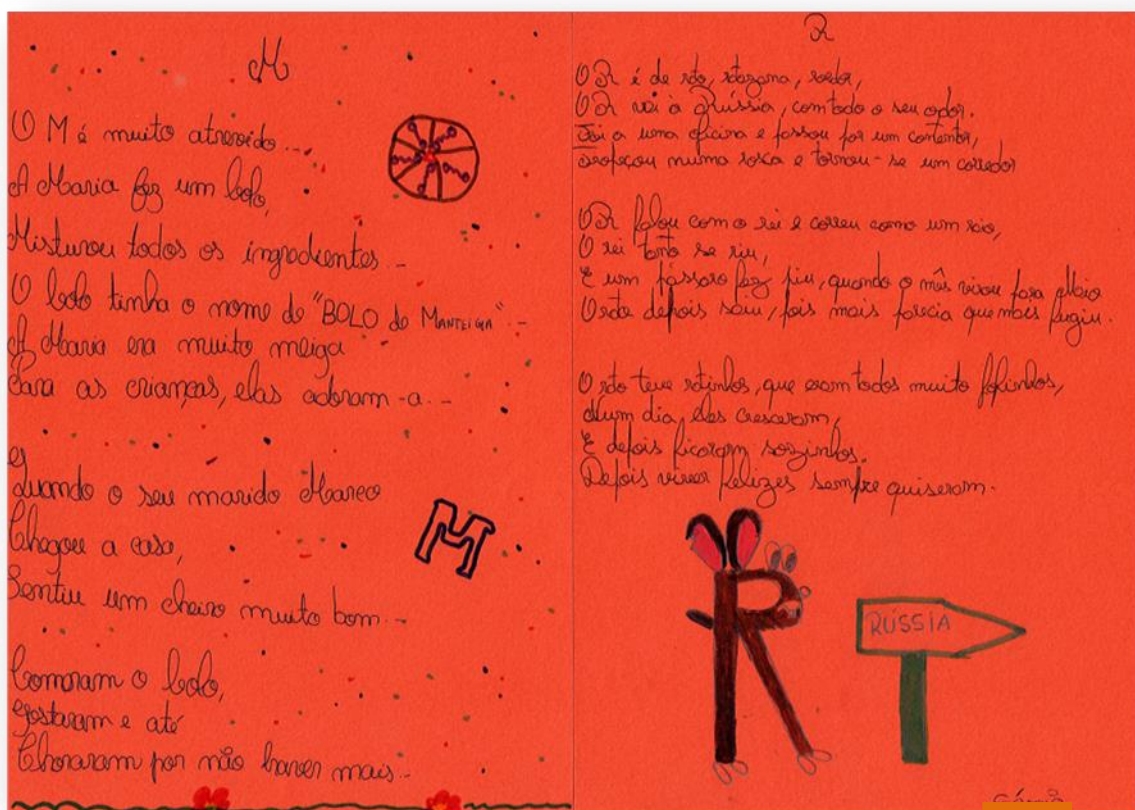


Ilustração 7 - Poemas dos alunos H e I

Em suma, desta sessão podemos salientar que os participantes corresponderam à atividade solicitada, demonstraram empenho na realização da tarefa pedida e que em geral atingiram o nível desejado.

- ✓ **Conclusão:** Os poemas evidenciam esforço e interesse por parte dos alunos, assim como preocupação na realização da tarefa.

### 3.ª Sessão - Caligramas

- ✓ **Objetivos:** Incutir o gosto pela poesia, dando-lhes a conhecer o lado mais lúdico do género literário e, também, novas e diferentes formas de trabalhar a poesia; verificar a capacidade dos alunos na elaboração de poemas.



A terceira sessão foi dedicada à poesia visual e à realização de caligramas.

Pretendia-se que os alunos criassem um caligrama, ou seja, criassem um poema visual que se expressasse através de uma disposição gráfica de texto escrito, formando uma espécie de pictograma e representando um símbolo ou figura que retrata a própria imagem desse poema.

No início da sessão os participantes foram questionados sobre o tema, para perceber se estes conheciam ou se já tinham ouvido falar em poesia visual e todos eles manifestaram desconhecer o tema. Assim sendo, foi apresentado um PowerPoint com exemplos para que os participantes conseguissem perceber a temática em questão.

Neste seguimento, e sendo um dos objetivos cativar os alunos para a poesia foi-lhes lançado o desafio de, individualmente criarem o seu caligrama. De modo a incentivar a criatividade foi sugerido a cada aluno que refletisse sobre um tema ou uma imagem que gostasse de representar e demonstrasse.

Os alunos ficaram bastante entusiasmados com a tarefa e demonstraram também curiosidade sobre como seria o resultado final do seu caligrama. Apresentam-se abaixo alguns dos resultados dos caligramas da turma:

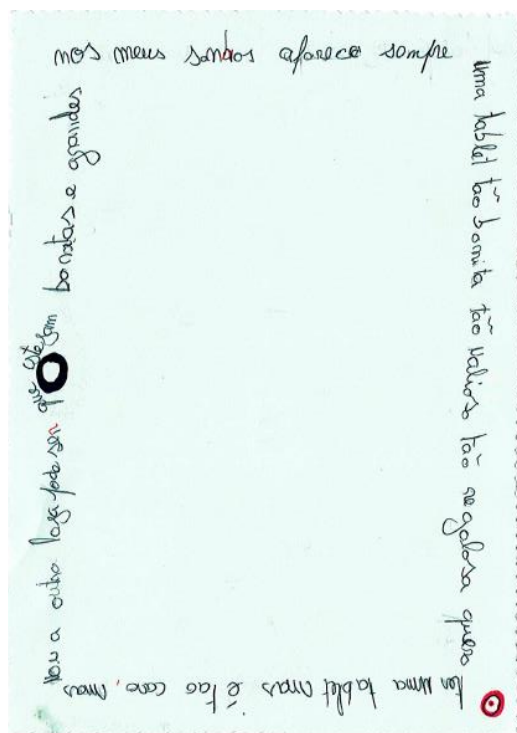


Ilustração 8 - Caligrama do aluno J





Ilustração 11 – Caligrama do aluno M

Destes exemplares, não é válido indicar que estão errados, mas também não podemos indicar como bons exemplos do solicitado. Do primeiro exemplar nota-se da parte do aluno o intuito de fazer um caligrama de um cavalo, mas o aluno para criar um exemplar poderia ter utilizado a ideia como delimitadora do animal e não só como preenchimento do seu corpo. Do segundo, se percebe se o aluno confundiu o caligrama com o acróstico, porque deu-lhe a forma de acróstico a partir da palavra Poesia. Mas o mais importante é que todos os alunos se empenharam na tarefa e demonstraram interesse pela atividade, o que já revela envolvimento com a poesia.

Para concluir, esta foi uma atividade em que os discentes demonstraram gosto, interesse, curiosidade e entusiasmo na sua execução.

- ✓ **Conclusão:** Um dos objetivos desta tarefa era mostra-lhes uma das vertentes mais lúdicas da poesia e também tentar cativá-los para o gosto por este género literário e, face aos resultados, considera-se que o objetivo foi bem conseguido.

#### 4.ª Sessão - Inventários Fúteis

- ✓ **Objetivos:** Perceber a capacidade dos alunos para elaborarem um poema, devendo incorporar palavras pré-selecionadas; aferir as dificuldades e apreciar a sua criatividade.

A quarta sessão foi dedicada à elaboração de um poema baseado num “inventário fútil” de palavras que o aluno gostava e não gostava.

Pretendia-se que os alunos comesçassem por criar uma lista com cinco palavras de que gostassem e cinco palavras de que não gostassem e, posteriormente, criassem um poema com essas palavras.

No início da sessão questionou-se os alunos sobre as palavras de que gostava e as palavras de que não gostavam e foi solicitado que as escrevessem.

Posteriormente foi apresentado um PowerPoint com exemplos do que se pretendia para que os participantes conseguissem perceber a ideia.

Após a explicação foi solicitado a cada aluno que desse largas à imaginação e que criasse, um poema com as palavras selecionadas. Apresentam-se abaixo alguns dos resultados dos poemas da turma:

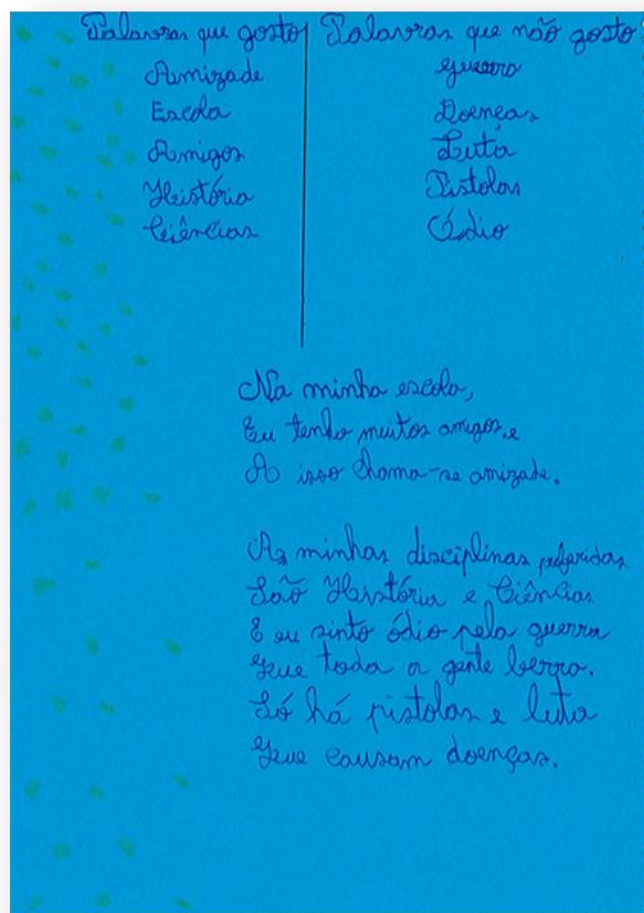


Ilustração 12 - Poema do aluno N



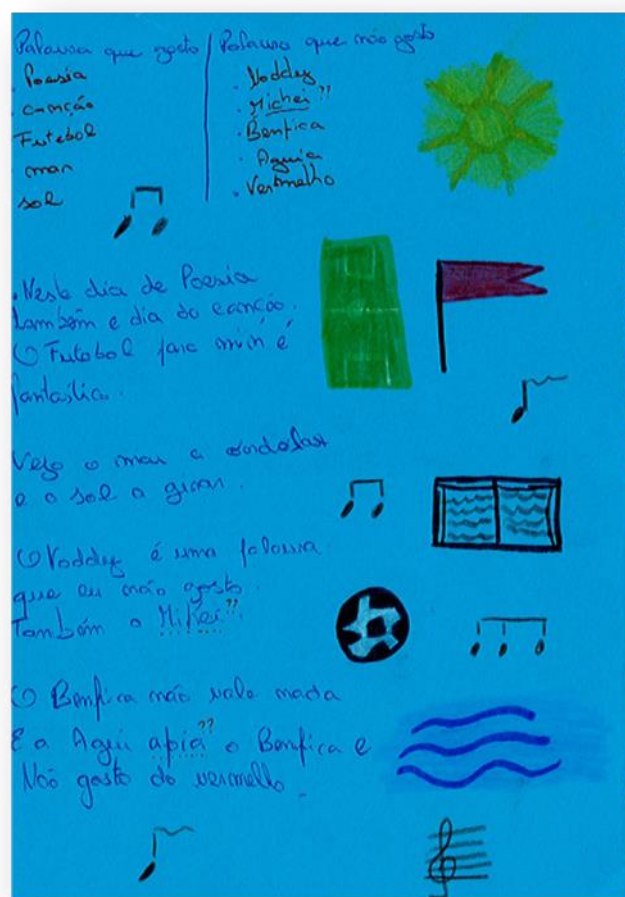


Ilustração 13 - Poema do aluno O

De um modo geral os alunos demonstraram perceber o que tinha sido solicitado e conseguiram realizar a tarefa. Obviamente que há poemas que se destacam pela forma como os alunos encadearam o assunto e incorporaram as palavras-chave, como se as palavras tivessem saído do poema e não este resultar da seleção das palavras. Nota-se já no grupo uma maior interação com a temática da poesia e uma maior facilidade em obter um resultado.

- ✓ **Conclusão:** Os poemas evidenciam esforço e interesse por parte dos alunos, assim como preocupação na realização da tarefa, revelando que gostaram do que fizeram.

## 5.ª Sessão - Os sentimentos...

- ✓ **Objetivos:** Verificar a capacidade dos alunos na elaboração de um poema sobre os sentimentos, para que compreendam que a poesia pode transmiti-los; aferir a evolução dos alunos na elaboração de poemas, recorrendo à rima.

A quinta sessão foi dedicada à temática sentimentos, porque ao longo de todas as atividades foram dadas indicações de que a poesia transmite sensações e sentimentos mas, até este momento, ainda não tinha sido dada a oportunidade aos alunos de falarem sobre o que pensam sobre este assunto.

Com esta sessão pretendia-se que os jovens escrevessem um poema, sem nenhuma regra específica mas que falassem de sentimentos ou algo que lhe transmitisse sentimentos.

Optou-se por esta tarefa uma vez que coloca os alunos perante uma atividade aberta que poderia ajudar na análise da compreensão, execução e criatividade de cada aluno.

Excepcionalmente, nesta sessão não foi apresentado ao grupo nenhum PowerPoint com exemplos do pretendido. Houve apenas um diálogo relativamente às ideias que os alunos possuíam sobre sentimentos, após o qual foi solicitado a cada um que se libertasse e criasse o seu poema com dedicação e empenho, informando-os de que, para isso, poderiam recriar esta proposta utilizando temáticas já utilizadas (acróstico, crucigrama, inventário) ou cingindo-se a um poema de estrutura base.

Mais uma vez, a tarefa foi desenvolvida ao som de música ambiente.

Numa primeira análise aos resultados obtidos pode referir-se que, de um modo geral, o grupo percebeu a tarefa e alcançou com mérito o pretendido.

Apresentam-se abaixo alguns dos resultados dos poemas da turma:

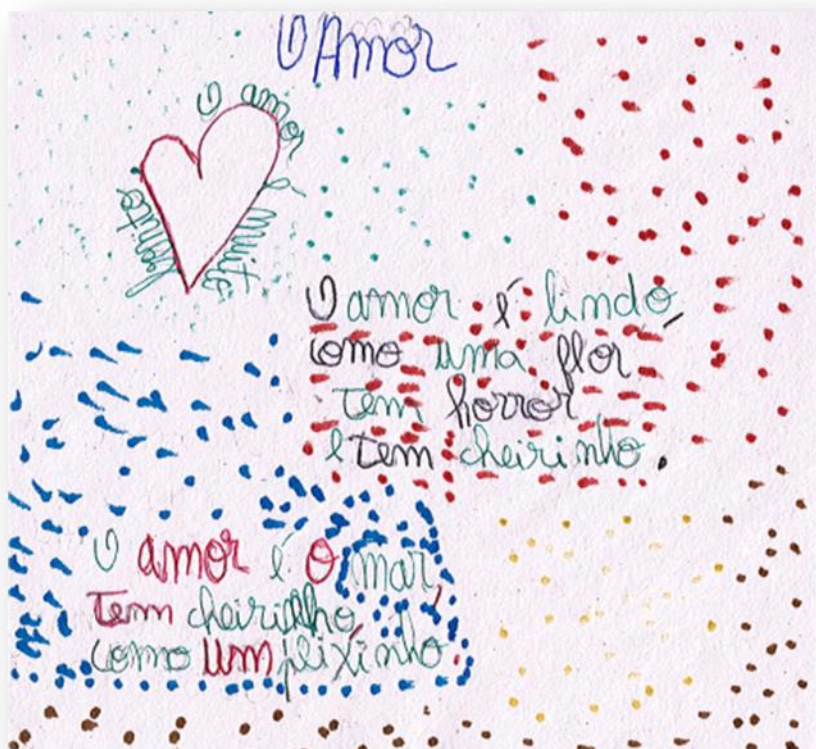


Ilustração 14 - Poema do aluno P

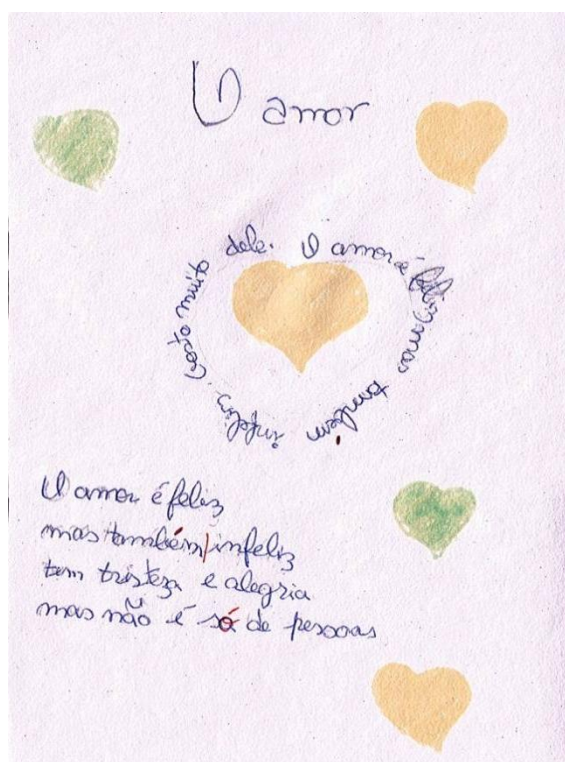


Ilustração 15 - Poema do aluno Q

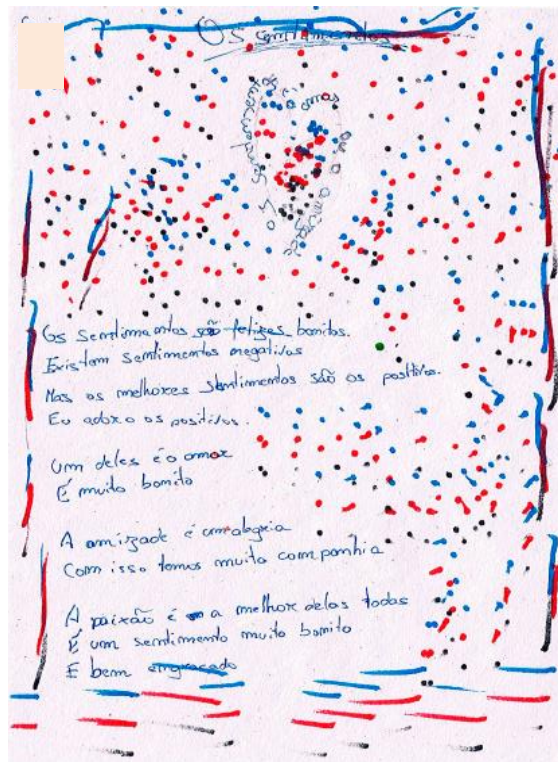


Ilustração 16 - Poema do aluno R

Dos poemas efetuados, apenas um revela uma certa falta de interesse do aluno em participar e pouca vontade de criar, pois apenas escreveu uma frase sem conteúdo nem estrutura de poema e decorou a folha, de modo a não ser muito perceptível a leitura. Este foi um facto que trouxe alguma admiração, porque ao longo de todo o projeto, apesar de existirem alunos com mais dificuldades que outros, nenhum tinha demonstrado falta de interesse pelas atividades solicitadas.



Ilustração 17 - Poema do aluno T

De um modo geral os alunos demonstraram perceber o que tinha sido pedido e conseguiram realizar a tarefa. Obviamente que encontramos poemas que se destacam pela forma como encadearam o assunto e pelo facto de terem usado no mesmo poema caligramas e estrofes.

- ✓ **Conclusão:** Após a recolha e análise de cada um dos poemas sobre os sentimentos, verifica-se, em geral, que os alunos continuam a demonstrar interesse pelas tarefas propostas. Em alguns dos casos houve uma evolução na produção do poema, verificando-se uma maior coerência de conteúdo, comparativamente com poemas anteriormente redigidos.

## **6.ª Sessão - Acróstico**

- ✓ **Objetivo:** Aferir a evolução desde a primeira sessão.

A última sessão do Clube foi dedicada novamente ao acróstico, com o intuito de analisar e averiguar se os participantes evoluíram ao longo do estudo, com as atividades implementadas.

Nesta pretendia-se que os alunos escrevessem um pequeno poema com base na palavra que tinham selecionado na primeira sessão.

Optou-se por esta tarefa uma vez que coloca os alunos perante uma atividade já realizada, ou seja, de que já possuem conhecimento e que permite ao pedagogo analisar a evolução perante a atividade após a execução de outras atividades que incentivavam à criatividade e ao contacto com a poesia.

Para iniciar a atividade foi então entregue a cada aluno uma folha de papel colorido, igual ao da primeira atividade, já com a palavra que cada um tinha selecionado e foram questionados se aquele papel com aquela palavra específica lhes fazia lembrar algo, ao que todos os intervenientes rapidamente responderam que lhes lembrava a primeira sessão do Clube. Após esta contextualização foi solicitado a cada um que escrevesse um novo poema.

Sem efetuar nenhuma análise ao resultado final, pode enumerar-se já uma primeira diferença no decorrer da proposta, pois na primeira sessão os alunos demoraram bastante tempo, revelando dificuldades, e nesta os alunos foram rápidos, terminando antes do tempo previsto. Este aspeto traduz-se facilmente pelo facto de



que estes resultados se encontram decorados e coloridos, enquanto os primeiros apenas possuíam texto.

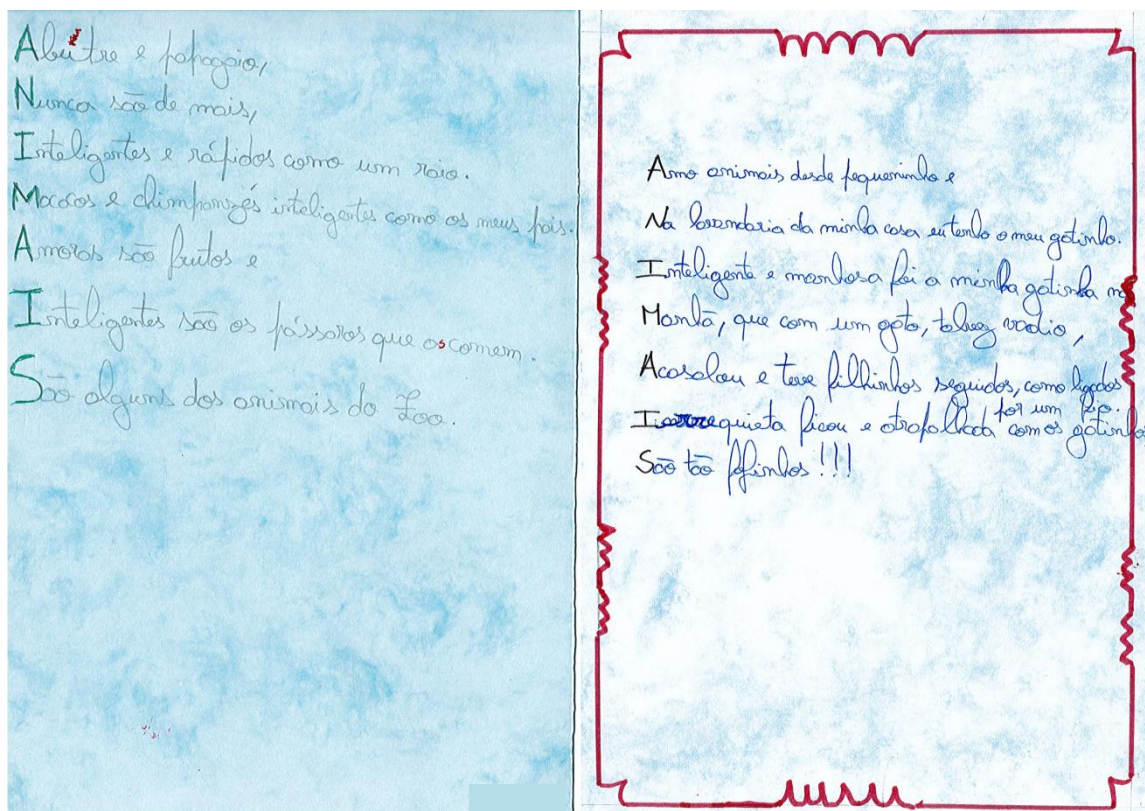


Ilustração 18 - Poemas do aluno D (Primeira e Última sessões)

Desta sessão é possível verificar que todos os alunos compreenderam o que foi solicitado mas apesar de a maioria revelar algumas melhorias no resultado final, ainda existem dificuldades em escrever em poesia, como, por exemplo, criar versos com rima, mas, acima de tudo, que esta rima seja coerente com o restante assunto do poema.

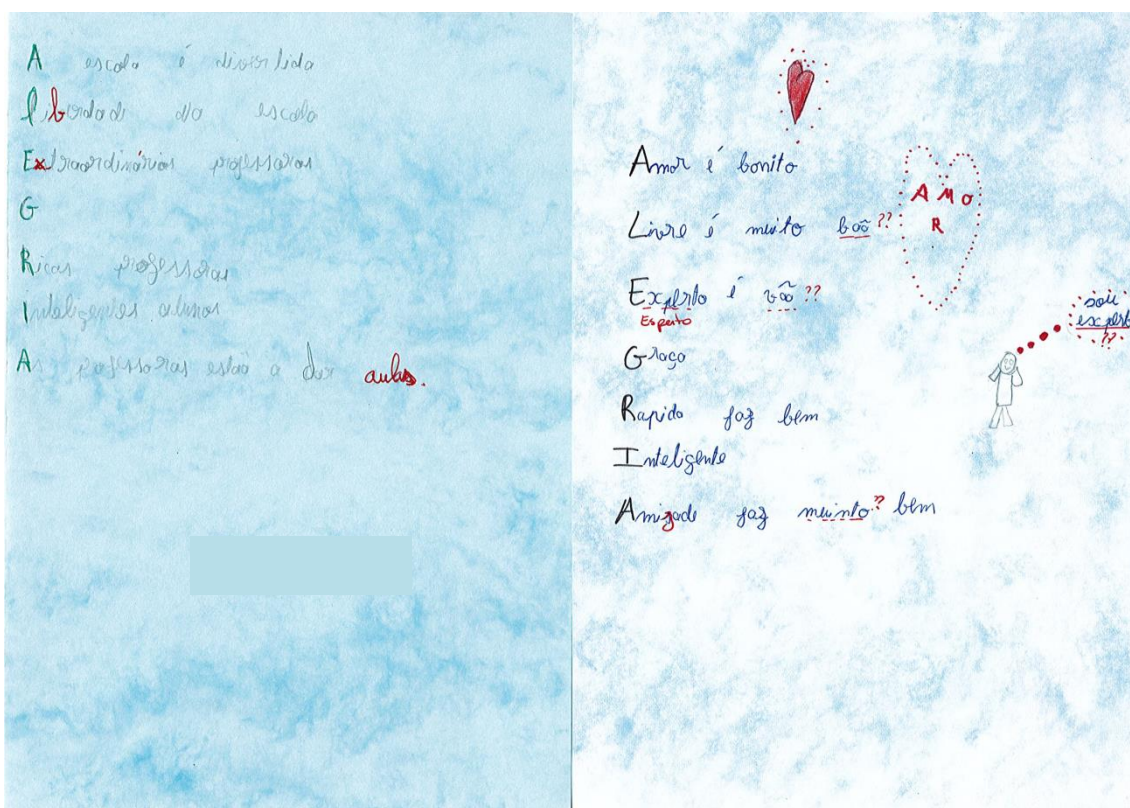


Ilustração 19 - Poemas do aluno C (Primeira e Última sessões)

Relativamente a estes poemas podemos primeiramente verificar que, relativamente à ortografia, o aluno possui bastantes dificuldades e escreve com bastantes erros ortográficos mas, relativamente à poesia, já possui noções bases e um maior à-vontade com a temática, pois na primeira sessão não conseguiu escrever em todas as letras e nesta sessão, com lógica ou não, conseguiu completar a palavra seleccionada (alegria).



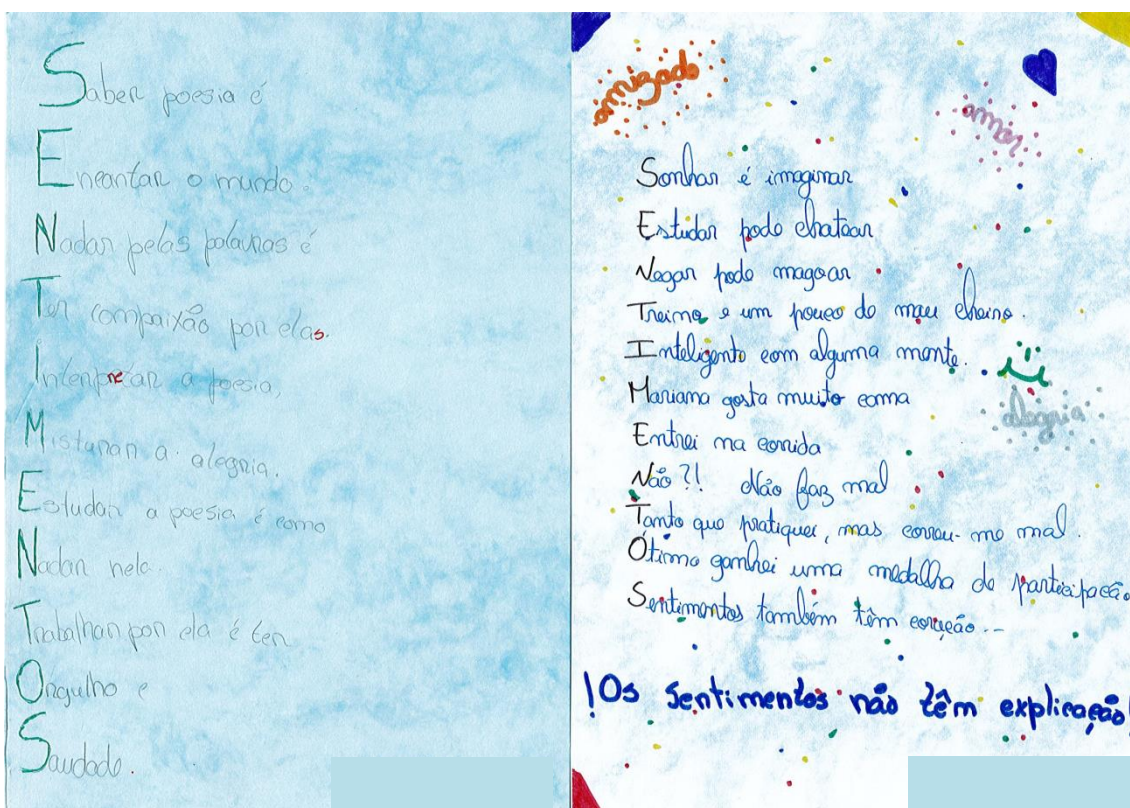


Ilustração 20 - Poemas do aluno B (Primeira e Última sessões)

- ✓ **Conclusão:** Nesta sessão podemos concluir que a maioria dos alunos demonstrou empenho, dedicação e interesse na atividade proposta e que conseguiu obter melhores resultados.

### Sala de aula pós-PES II

No final das regências em diálogo com a professora orientadora cooperante, e perante o facto de que todos os conteúdos programados para este ano letivo já tinham sido trabalhados, acordou-se que nas restantes duas aulas da disciplina a intervenção poderia continuar. Desta forma, na primeira aula, em acordo com a colega de estágio, para também a apoiar no seu projeto, foi desenvolvida uma atividade de escrita de poesia sobre a água e a sua importância e, na segunda aula, com a autorização escrita dos encarregados de educação, de forma a encerrar a temática e a motivar os alunos a continuar a escrever e ler poesia, a aula foi dada na praia.



## 1.ª Aula

- ✓ **Objetivos:** Analisar se os alunos apreenderam a importância da água (relativamente ao projeto de parceria de estágio); verificar as capacidades que possuem de expressar um conteúdo através da poesia.

Nesta aula, de forma a acrescentar mais conteúdo a esta investigação, solicitou-se aos alunos que criassem um poema, individualmente, no qual expressassem a importância da água. Não foi criada nenhuma regra específica, apenas se pediu que criassem um poema com sentido. Para esta atividade poderiam ainda dar largas à imaginação e utilizar técnicas aprendidas como os acrósticos, os caligramas, entre outras.

Os alunos demonstraram bastante interesse na atividade e isso pode observar-se nos resultados obtidos.

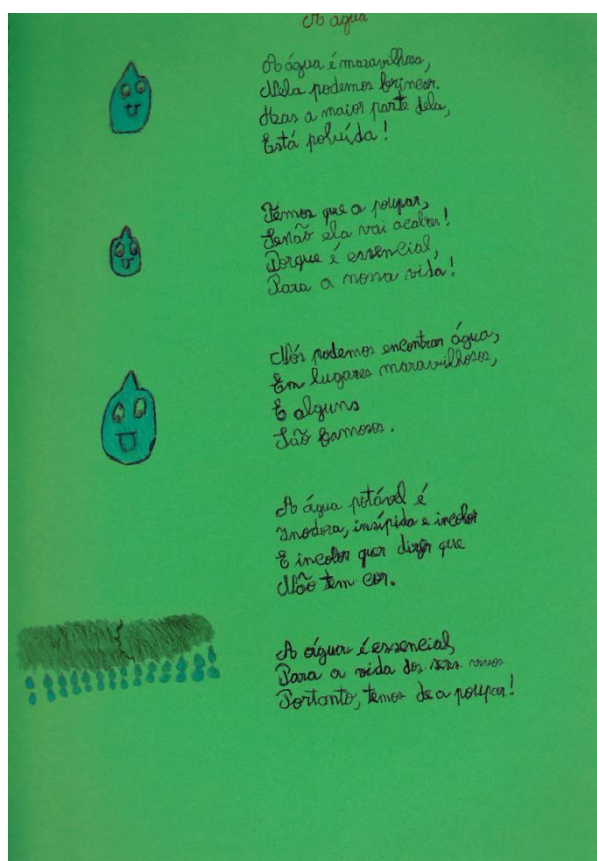


Ilustração 21 - Poema do aluno U

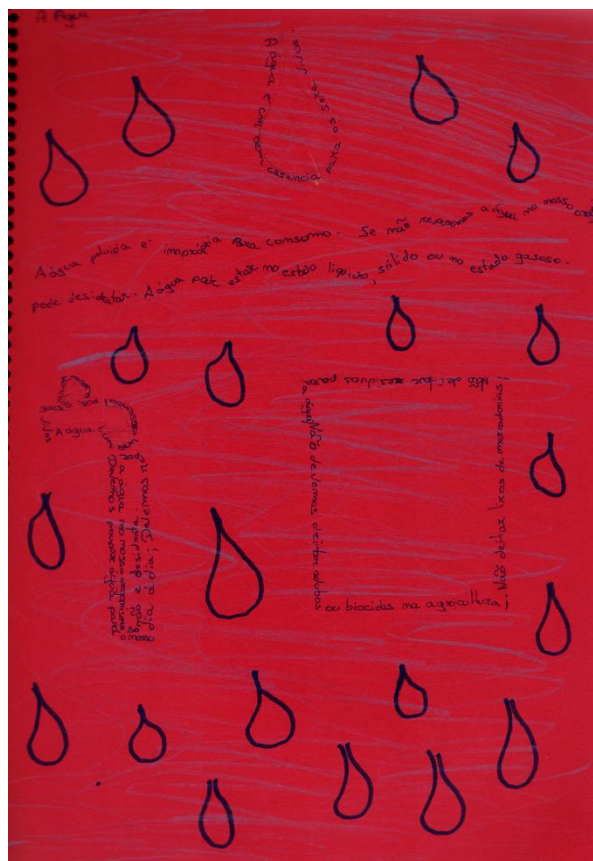


Ilustração 22 - Poema do aluno V

- ✓ **Conclusão:** Os alunos, em geral, já demonstram possuir conhecimentos sobre os diferentes constituintes de um poema (versos, estrofes, ...), pois em muitos poemas são visíveis estrofes com diferente número de versos. Demonstraram ainda empenho, dedicação e capacidade para criarem mais que uma estrofe.

## 2.ª Aula

- ✓ **Objetivo:** Refletir sobre a importância dos sentimentos na poesia.

Na última aula deste projeto, o intuito era demonstrar aos alunos que os sentimentos estão interligados com a poesia e que tudo o que ouvimos ou vemos nos transmite esses sentimentos.

Desse modo, esta aula decorreu no exterior da sala de aula, mais concretamente na entrada da escola e na praia, sendo que anteriormente a esta aula foram devidamente efetuados os pedidos de autorização aos encarregados de educação para a saída da escola e ida à praia.

No início da aula, ainda na entrada da escola, foi solicitado aos alunos que fechassem os olhos e escutassem atentamente todos os barulhos de fundo. Após esta audição estabeleceu-se um pequeno diálogo, de modo a analisar o que o ouviram e que sentimentos despertaram.

Após esta análise, o resto da aula foi na praia, onde havia um local previamente preparado para a atividade. Mais uma vez, solicitou-se aos participantes que fechassem os olhos e ouvissem o que os rodeava. Em debate, os alunos conseguiram identificar que com ruídos desagradáveis de carros a passar e crianças a berrar sentiam emoções de desconforto e que com o barulho do mar e dos pássaros as emoções sentidas relacionavam-se com sensações agradáveis, de conforto.

Posteriormente foram declamados dois poemas com a temática do mar, “Mar Salgado”, de Fernando Pessoa, e “O Mar enrola na areia”, uma canção popular, e debatidas as emoções que estes suscitavam. Com isto pretendia-se que os alunos verificassem que o mar é uma fonte de grande inspiração, devido aos sentimentos que provoca.

- ✓ **Conclusão:** Os alunos participaram ativamente em toda a atividade demonstrando interesse e empenho. Em geral, todos perceberam que os sentimentos derivam daquilo que vemos e ouvimos e são a essência da poesia.



## **Capítulo V – Conclusões e limitações do estudo**

Neste último capítulo será efetuada a apreciação final dos resultados obtidos neste projeto de investigação ao longo do estudo. Partindo destas conclusões pretende-se responder às questões que orientaram este trabalho, que serão abordadas em três tópicos essenciais e que se resumem à apresentação das conclusões gerais do estudo, às conclusões e às considerações finais, mais concretamente, as limitações do estudo e as propostas para investigações futuras.

### **Conclusões do estudo**

Os principais objetivos deste estudo foram promover a poesia, nomeadamente os diferentes estilos de poesia e a análise da expressão escrita sob o ponto de vista da criatividade.

Após a análise e interpretação pormenorizadas de todas as atividades implementadas com o grupo de alunos, é possível concluir-se que os objetivos propostos para esta investigação foram atingidos e que as tarefas solicitadas foram ao encontro de indicações mais precisas sobre o tema abordado, indicações essas que permitiram compreender detalhadamente as opiniões e atitudes dos alunos comparativamente à abordagem do texto poético.

Em geral, todas as atividades propostas foram bem recebidas pelos participantes, merecendo a sua atenção e influenciando o seu desempenho, visto que a frequência do Clube não era obrigatória, apesar de acontecer na hora de Direção de Turma, é positivo verificar que 13 alunos foram assíduos. Deve ainda referir-se que apenas uma aluna não foi participante assídua do Clube porque se encontrava a receber apoio individual nesse horário, mas sempre que podia também aparecia.

O empenho com que a maioria dos investigados desenvolvia as tarefas propostas evidenciava o caráter motivador e dinâmico das atividades.

No início deste estudo, os participantes foram inquiridos sobre as suas preferências literárias (através do questionário), concluindo-se que as preferências literárias recaem sobre diferentes estilos literários ligados à narrativa e que a poesia é um pouco relegada para outro plano, “a poesia tem sido relegada para um plano inferior dentro da hierarquia dos conteúdos letivos” (Franco, 1999, p. 45). Aferido este

aspecto, optou-se por tarefas que visassem promover a poesia e demonstrar que esta pode ser criativa, emocional, divertida e interativa, como efetivamente aconteceu, principalmente com as atividades dos acrósticos e dos caligramas.

Tendo em conta que os principais hábitos se adquirem desde a infância, também o hábito pela leitura deve ser adquirido da mesma forma. Contudo, se as crianças são mais estimuladas para determinado tipo de leitura, haverá uma maior probabilidade de que as suas preferências incidam sobre esse género literário. Neste caso específico foi possível detetar que este é um dos fatores que condicionam as preferências literárias destes alunos, uma vez que estes revelam pouca prática na interpretação de poemas e desconhecimento por alguns aspetos característicos da poesia. Deste modo, podemos indicar que dificilmente se ama o que se desconhece, e que para transmitir algo de que se gosta é necessário senti-lo, ou seja, os alunos não podem demonstrar um vasto gosto por algo que pouco lhes foi dado a conhecer, e que pouco exercitam.

Com a análise de cada uma das atividades propostas à turma, foi possível perceber os aspetos em que os discentes possuem mais dificuldade quando em contacto com a Poesia. Desta forma, é evidente que os alunos demonstram algumas dificuldades na elaboração de poemas com rima e que na prática é visível o problema que estes sentem em conciliar a rima com versos que desenvolvam um fio condutor com sentido. Para além destes problemas, os alunos ainda revelaram dificuldades na construção de versos e com erros ortográficos.

Relativamente ao lado mais lúdico e versátil da poesia foi possível analisar que os alunos desconheciam esta vertente, o que permite afirmar que o objetivo deste estudo, cativar para alargar a visão dos alunos sobre a poesia, foi alcançado com sucesso.

Neste contexto, os discentes revelaram possuir pouca prática em relação à escrita de poesia lúdica, assim como desconhecimento relativo às realidades em que a poesia está presente (adivinhas, ditados populares, músicas,...). Perante este facto, demonstraram bastante entusiasmo, curiosidade e evidenciaram vontade de colocar em prática a poesia nesta vertente lúdica. Outro aspeto da poesia lúdica que os alunos não conheciam era a poesia visual, com os caligramas, e mais uma vez demonstraram bastante interesse, curiosidade e interesse na realização de atividades futuras. Estas demonstrações por parte dos alunos foram, sem dúvidas, bastante gratificantes, na

medida em que se conseguiu promover a satisfação e o interesse da turma pela poesia, sendo-lhes dada a conhecer uma outra vertente deste género literário.

Terminada esta etapa pode afirmar-se que foi possível perceber as principais razões que levam uma grande parte dos alunos a manterem o desinteresse pela poesia, pois não conhecem o lado mais lúdico e divertido que este género literário lhes pode proporcionar. Desta forma, conclui-se que se os alunos tiverem a oportunidade de trabalhar com mais frequência este género literário, aprofundando-o e integrando-o na diversidade das suas aprendizagens, também este pode passar a ser um género literário de eleição. Do mesmo modo, se os alunos forem incentivados a trabalhar as diferentes vertentes da poesia, como os acrósticos, os caligramas, entre outros, visualizando-as e encarando-as numa perspetiva mais dinâmica, esta também passará a ser considerada como algo que se pode tornar divertido. Em suma, conseguiu-se mudar um pouco a forma de os alunos visualizarem a poesia.

Relativamente à criatividade, como referido anteriormente, esta “pode ser entendida como a expressão de ideias originais, pode estar relacionada à imaginação à inventividade ou mesmo à noção de capacidade crítica” (Aquilino & Júnior, 2012, pp. 54,55), o que permite concluir que os alunos conseguiram alcançar este objetivo do estudo, pois em todas as atividades propostas os alunos demonstraram presença de imaginação e expressaram ideias originais.

Perante a questão, “Poderá a poesia influenciar a criatividade na escrita?”, colocada para orientação deste projeto, conclui-se que sim pois, apesar de todos os conteúdos letivos proporcionarem o desenvolvimento da criatividade, a poesia é sem dúvida o conteúdo, devido ao seu carácter sentimental, libertador e imaginativo, que mais convida à escrita e à originalidade. No grupo em estudo, este facto também se pôde comprovar porque, ao longo das atividades, os alunos demonstraram cada vez mais imaginação e evolução na capacidade de reproduzir poemas e poemas visuais, em diferentes temáticas.

Concluindo, é importante salientar que um dos principais entraves a este estudo foi sem dúvida o curto espaço de tempo atribuído a este tipo de implementações, pois apesar de ter sido possível trabalhar com a turma em sala de após o estágio, este tornou-se escasso perante as ideias e atividades que ainda poderiam ter sido implementadas. Este é sem dúvida um conteúdo rico em temática e em atividades sem que estas se tornem repetitivas e maçadoras.

## **Recomendações futuras**

Apesar de os objetivos propostos para este estudo terem sido alcançados, em estudos futuros sugeria-se o prolongamento da duração da investigação, pois considera-se que se o tempo do processo de investigação fosse maior permitiria uma melhor preparação e execução de cada uma das fases do projeto e, consecutivamente, uma melhor análise da evolução dos alunos. Assim, ainda relativamente ao tempo de implementação, com mais durabilidade poderiam ser exploradas novas atividades motivadoras do texto poético, tais como a produção de diferentes exemplos de poemas (composição de adivinhas em poesia, lengalengas, provérbios), elaboração de poemas com diversas finalidades como, por exemplo, aqueles que incluam jogos fonéticos apelando à interação entre as letras e as palavras, elaboração de poesia visual, recorrendo a diferentes tipos de caligramas em que os alunos poderiam desenvolver a sua imaginação.

Com um período de tempo mais alargado seria interessante envolver os pais no projeto, solicitando algumas atividades possíveis de resolver com os seus educandos.

Concluindo, muitas mais ideias poderiam ter sido desenvolvidas se o período de tempo para análise e implementação fosse mais alargado.



### **Parte III – Reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada**



## **Reflexão global**

Quando um capítulo do livro que é a vida se encerra, chega a hora de rever e refletir tudo o que nele foi escrito. Este é o momento de refletir sobre a fase da vida que termina com este estudo. A reflexão é sinónimo de aprender a experiência (Schulman, 1987), já que é através do processo reflexivo que repensamos e melhoramos as nossas práticas.

Esta foi uma etapa cheia vivências e experiências que merecem uma paragem, uma reflexão e este é o momento para aprender com o que decorreu ao longo da PES I e PES II.

Mas antes convém salientar o facto de que ser professor é uma tarefa de grande importância, dignidade, nobreza e de muita responsabilidade na formação intelectual, cultural, moral e cívica de uma criança que se encontra na fase de aprendizagens, porque estas serão as bases no futuro. O processo de obter receitas fáceis, quer para saber o que assegura um bom ensino, quer para determinar a garantia de preparação de um bom professor, é bastante complexo, se não mesmo impossível, porque não existe uma regra base, nem um método ideal para todos. Um bom professor não é só aquele que faz levantamento de várias estratégias relativamente ao seu contexto de sala de aula, mas também, e principalmente, aquele que tem a capacidade de refletir sobre as suas práticas, de modo a melhorar a sua prática educativa. O docente deve saber aplicar estratégias que fortaleçam no aluno desejo e o estímulo na aprendizagem, para que a capacidade de autoavaliação seja uma realidade. Há uma ligação entre escola - professor que é extremamente importante, pois abre o caminho para que entre eles exista uma interligação de existência recíproca, para que se possa adquirir o desenvolvimento das capacidades, atitudes e comportamentos para um desejável equilíbrio do sucesso escolar que se espelhe no futuro, na atividade profissional e social como cidadão ao serviço da comunidade.

No ensino, a perfeição é como em todas as áreas, ou seja, algo inatingível, algo abstrato, mas isto não implica que não nos esforcemos para a alcançar. O pedagogo não atinge essa perfeição pelos anos de experiência profissional mas pela luta constante de alterar as suas práticas, ideias e métodos consoante as circunstâncias vividas. Este tem como principal função possuir conhecimentos científicos de

determinada área, que devem ser transmitidos adequadamente aos alunos. Deste modo, o docente deve ser dedicado e empenhado naquilo que faz, para ser capaz de adaptar aquilo que pretende ensinar às capacidades e necessidades dos seus aprendentes, de modo a atingir a eficácia e, de certo modo, a perfeição.

A eficácia pedagógica deverá ser promovida e concretizada, na sua plenitude formativa, quando for possível descortinar aspetos críticos da intervenção pedagógica do professor na sua interação, juntamente com os restantes níveis de responsabilidade e de participação no processo educativo (Cunha, 2008).

Em suma, a reflexão é um processo que se torna fundamental, visto ser a capacidade que o professor deve ter em espelhar a sua prestação em sala de aula, permitindo-lhe assim perceber se as estratégias utilizadas foram ou não as mais adequadas, e o que deve ser mudado, para que no futuro se adquiram melhores resultados e, com eles, o sucesso das boas práticas educativas.

Como anteriormente referido este é o momento de olhar para trás e refletir sobre a Prática de Ensino Supervisionada I (PES I) e a Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), mas também sobre todo o percurso académico que, de certa forma, influenciou a decisão de frequentar o Mestrado do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico. No início deste percurso a única ideia existente era de que ensinar seria gratificante e uma tarefa de muita responsabilidade mas, com a frequência das aulas essa ideia foi permitindo perceber que este seria um processo lento e que não terminaria no dia em que terminasse este projeto nem este Mestrado. Esta será uma aprendizagem a longo percurso e que só terminará no dia em que a vida chegar ao fim, pois um professor no ativo, ou não, deve ser um investigador curioso, de modo a demonstrar que ninguém nasce ensinado e ninguém morre a saber tudo.

Ao longo da Licenciatura efetuamos projetos e vivenciamos pequenas experiências nas disciplinas de Iniciação às Práticas Profissionais (IPP) que permitiram o início do processo de aprendizagem profissional e pessoal, devido ao seu carácter significativo e experimental do contexto. Mas de todas as IPP, é de realçar a IPP3 pois, apesar de terem sido reduzidos os períodos de prática no terreno e sem comparação com a experiência vivida com a PES I e II, o pouco contacto existente permitiu perceber qual o percurso a seguir, qual o nível de ensino a focar, apelando ao gosto pela intervenção no processo de ensino-aprendizagem. Estes três anos de licenciatura foram de grande importância para o amadurecimento de ideias relativas

ao futuro e para preparar os dois anos que se seguiram, que exigiram muita responsabilidade e capacidade para lidar com momentos de muito trabalho, agitação e de decisões importantes. Com a transição da Licenciatura para o Mestrado o nível de exigência aumentou significativamente e muitas aprendizagens da teoria tiveram de ser colocadas em prática.

O primeiro ano do Mestrado foi sem dúvida um ano crucial para a preparação da prática profissional, tanto a nível de conteúdos que teriam de ser lecionados como nas aprendizagens relativas ao saber estruturar e planificar. A exigência deste ano, relativamente a trabalho e ritmo de aprendizagem, contrastou logo com os anos anteriores, devido à proximidade com a prática e ao redirecionamento dos conteúdos para uma realidade que se aproximava mas, neste momento de reflexão, pode afirmar-se que só assim foi possível desenvolver as competências necessárias para dar resposta a situações concretas e inesperadas. Nesse ano, as aprendizagens realizadas foram muito direccionadas para a prática letiva e os conteúdos condiziam com os que teríamos de lecionar, o que tornou o processo de aprendizagem mais significativo e pessoal. Mas, todo este processo só teve o seu devido valor quando em contacto com a prática e com a realidade, porque a complexidade da teoria na prática desvendava-se como utilidade e essência base para uma boa prática, apesar de que só na prática se aprende realmente.

Ao longo dos dois semestres que acompanharam e incluíram toda a PES, a experiência obtida permitiu compreender o quão difícil é conseguir atingir tudo aquilo que, num primeiro momento, se planeia para determinada aula. A planificação é sem dúvida um excelente alicerce para o fio condutor de qualquer implementação, contudo, nem sempre as expectativas vão encontro da realidade, ou seja, quando nos deparamos com o contexto sala de aula, nem sempre aquilo que está planeado se adapta às necessidades ou ritmo de aprendizagem dos alunos, bem como ao tempo estipulado para tal. Este fator surgiu algumas vezes, sobretudo nas primeiras aulas, em que o contacto com os alunos era ainda mínimo, e a experiência sobre a planificação e a distribuição dos conteúdos não era ainda suficiente. Neste sentido, foi possível perceber que dinamizar uma aula com base apenas no que constava na planificação era de facto insuficiente para que esta fosse bem conseguida ou alcançasse o desejado. Era necessário ter um conhecimento mais profundo sobre a turma, sobre os hábitos de trabalho dos alunos, quais as suas reações face a determinada atividade.

Deste modo, não desvalorizando a planificação, nem o importante papel que esta acarreta, é necessário ter um conhecimento aprofundado da turma para que, dessa forma, se consigam perceber quais as estratégias adequadas para a implementação de tarefas, bem como compreender o tipo de atitudes que os alunos podem manifestar e qual a melhor estratégia de as moldar para atingir os objetivos visados.

Estes aspetos foram salientados ao longo das regências em ambos os ciclos e resultaram numa aprendizagem mais enriquecedora, no sentido em que se proporcionaram situações com novos desafios. Como diz Fernando Pessoa “ primeiro estranha-se, depois entranha-se”, sem dúvida que é assim, porque primeiramente estas causam algum incómodo e desconforto nas implementações, uma vez que era visível o nervosismo pelo facto de as práticas não fluírem como previsto mas, posteriormente percebemos que estas contribuem para a reflexão do que correu menos bem e do que deve eventualmente ser melhorado, fazendo com que estes aspetos levem à aquisição de mais experiência quanto à implementação de tarefas mais indicadas a trabalhar com os alunos, quais os aspetos mais pertinentes a realçar nas suas dificuldades e aptidões e, sobretudo, conciliar a gestão do tempo de acordo com as circunstâncias.

Perante estas circunstâncias importa realçar o facto de que ambas as turmas (PES I – 4ºano – e PES II – 5º ano) nas quais incidiram as regências serem bastantes distintas, possuírem características específicas e terem contribuído para diferentes tipos de experiência. Mesmo que estas turmas fossem de níveis de escolaridade distintos, apesar de muito próximos, houve a possibilidade de fazer comparação entre alguns aspetos. Um dos aspetos em que eram distintas era o facto de possuírem um número diferente de participantes, a turma do primeiro ciclo era composta por dezanove alunos e a turma do segundo ciclo por catorze, o que permitiu sentir diferença no modo de controlar e trabalhar com cada grupo. Estas eram turmas com muitas diferenças, o que proporcionou técnicas de implementação diferentes e novas aprendizagens. Mas também possuíam semelhanças, como o facto de, em geral, as podermos considerar turmas razoáveis a nível de aprendizagem. A turma do primeiro ciclo era composta por alunos bem comportados, mas com algumas lacunas a nível de regras básicas para o bom funcionamento na sala de aula, como levantar o dedo para falar, respeitar os colegas quando estes estavam a falar, não se levantarem nem saírem dos seus lugares sem a permissão do docente, pois estas dificultaram as

intervenções planeadas. Já a turma do segundo ciclo era composta por alunos muito calados, um pouco apáticos, que não demonstravam grande iniciativa de participação, mas que eram obedientes e evidenciavam a necessidade de se sentirem seguros naquilo que sabiam para participarem. Deste modo, houve a possibilidade de trabalhar com duas turmas um pouco distintas, o que pode ser considerado bastante relevante enquanto experiência profissional.

Perante estas diferenças e semelhanças, considera-se importante o facto de se passar por estes dois níveis distintos de aprendizagem, pois é uma mais-valia para a experiência alcançada, apesar de no primeiro impacto parecer desorientador o facto de se passar de uma turma para outra. Na realidade é possível adquirir a preparação para todo o tipo de situações. Por conseguinte, é de salientar que se torna gratificante trabalhar com turmas diferentes, visto que vivenciamos diferentes situações e aprendemos como melhor trabalhar com elas.

No primeiro ciclo, devido a problemas de saúde, não pude vivenciar tanto a aprendizagem como ansiava, devido ao facto de não ter estado presente em todo o tempo estipulado, mas no segundo ciclo vivenciei cada exigência ao máximo e aproveitei todas as oportunidades que me foram proporcionadas para aprender com os discentes, pois o processo de aprendizagem é recíproco entre professor e alunos.

Quando iniciei a PES no primeiro ciclo estava com grandes expectativas e com muita força de vontade de experienciar a sensação de ser professora a tempo inteiro, mas, com o problema de saúde que tive e com as dificuldades que sentia em me movimentar para estágio, comecei a focar-me mais no facto de que tinha de terminar aquele estágio e menos no facto de se naquelas condições eu conseguiria demonstrar e transmitir aos alunos as aprendizagens estipuladas, o que de certa forma, dificultava a minha aprendizagem como docente e a dos alunos. Estes factos levaram então ao meu afastamento do estágio do primeiro ciclo.

Com esta paragem e afastamento a vontade de vivenciar a experiência de ser professora estava ainda mais desperta, e, desse modo, apliquei-a aproveitando todos os momentos, resultando o facto de ter implementado este projeto em sala de aula durante as regências, fora da sala de aula num Clube e ainda em sala de aula após as regências.

No que concerne à prática pedagógica, em termos pessoais, pode afirmar que é grande o nível de satisfação após terminadas as etapas do estágio profissional, mesmo

que a do primeiro ciclo tenha sido um pouco curta relativamente à do segundo ciclo. Em primeiro lugar, devido à oportunidade de trabalhar com discentes tão diferentes, quer ao nível da aprendizagem quer da formação, porque estas situações colocam o professor à prova e permitem-lhe aprender a adaptar-se a cada situação. Apesar de a experiência ser ainda muito pouca, foi possível evoluir no modo como se abordam os alunos, ou seja, na forma como se transmitem os conhecimentos.

Outro aspeto, também importante, foi o aperfeiçoamento de conhecimentos científicos das diversas áreas, bem como o conhecimento da melhor forma de os transmitir através de vários recursos auxiliares. Com isto conseguiu-se ainda aprender a trocar estratégias menos adequadas por outras que mais se adequam a determinado tipo de tarefas e também às necessidades dos alunos, tendo sempre em conta a sua motivação e a atenção.

Neste processo de reflexão da PES é importante ainda referir a importância das reflexões elaboradas no final de cada aula, porque com elas podiam avaliar-se e repensar os diversos lapsos que iam surgindo e que ajudaram a perceber o que deveria ser mudado. O papel do professor deve ser, como anteriormente referido, melhorar as suas práticas educativas.

O balanço final relativamente à prática pedagógica é bastante positivo. O facto de podermos estagiar em ambos os ciclos de ensino e em todas as áreas da nossa formação permitiram não só ampliar uma diversidade de conhecimentos científicos, mas também verificar com as quais possuímos maior predisposição e à-vontade para trabalhar. Quer os momentos de observação quer os de prática foram essenciais para o enriquecimento da aprendizagem enquanto futura docente, pois ambos permitiram diferentes contactos e distintas aprendizagens sobre os alunos e o processo de ensinar. Deste modo, não se criaram apenas laços profissionais, mas também relações de cordialidade com todos os intervenientes, desde alunos a professores cooperantes e supervisores.

Destes, professores cooperantes e supervisores, é de realçar a cooperação e o auxílio que nos prestaram orientando a nossa atividade, de modo a obtermos sucesso. Foram, pois, um alicerce desta aprendizagem.

Este percurso foi apenas o início de um longo caminho a percorrer, mas foi um grande contributo para as interações futuras, pois permitiu visualizar e contactar com o verdadeiro mundo do ensino.



Apesar de este percurso ter sido interrompido por situações que ocorreram ao longo destes anos, termina com um sentimento gratificante, porque, ao longo da PES, o esforço, o empenho e a dedicação foram aliados na aprendizagem e estes anos de distanciamento foram um bom auxílio no amadurecimento e reflexão das situações vivenciadas.

Em suma, estou certa de que, neste momento, o nosso sistema de ensino não tem lugar para a mim, mas vou continuar a lutar por este sonho, já que neste mundo, muitas vezes se fecham portas mas abrem-se janelas e se a porta da escola não se abrir poderá abrir-se a janela de meios auxiliares ao ensino. Continuarei a dar sempre o máximo para auxiliar na educação e formação dos mais jovens.



## **Referências Bibliográficas**



## Referências Bibliográficas

- Aquilino, V., & Júnior, J. (2012). Criatividade e Escrita. *Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília*, V5(2).
- Araújo, M. R. (1988). *A Estrada Fascinante*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Barbeiro, L. F. (2001). A dimensão criativa da expressão escrita. In F. Sequeira, J. Carvalho, & A. Gomes, *Actas do encontro de reflexão sobre o ensino da escrita* (pp. 52-65). Braga: Universidade do Minho.
- Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Cagneti, S. D. (1996). *Livro que te quero livre*. Rio de Janeiro: Nórdica.
- Coelho, A. (1994). *Jogos e rimas infantis*. Porto: Asa.
- Cunha, A. C. (2008). *Ser professor - Bases de uma Sistematização Teórica*. Edição Casa do Professor.
- David, A. P., & Morais, M. F. (2012). *Revista recrearte - Pensando a criatividade: apontamentos sobre o percurso explicativo do conceito*. Obtido de RepositoriUM.
- Franco, J. A. (1999). *A Poesia como estratégia*. Porto: Campo das letras.
- Gomes, J. A. (1993). *A Poesia na Literatura para a Infância*. Rio Tinto, Porto, Portugal: Edições ASA.
- Guedes, T. (2002). *Ensinar a Poesia*. Porto: Edições ASA.
- M.E. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico- Competências Essenciais*. Ministerio da Educação.
- Matos, J. (2005). Escrita Criativa. In *Cad\_2 Escrita Criativa*.
- Menéres, M. A. (2000). *O poeta faz-se aos 10 anos*. Porto: Edições ASA.
- Menezes, L., Rodrigues, C., Tavares, F., & Gomes, H. (2009). *Números Racionais Não Negativos - Tarefas para o 5.º Ano- (Materiais de apoio ao professor)*. Ministério da Educação- Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Escolar.
- Morais, M. (2011). *Criatividade: desafios ao conceito [versão eletrónica]*. Obtido de RepositoriUM.
- Oliveira, C. (1995). *O aprendiz de feiticeiro*. Lisboa: Sá da Costa.
- Reis, C., & Adragão, J. V. (1990). *Didáctica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Santos, E. (2008). *Hábitos de ler em língua materna: influência da escola. Interdisciplinar*, V6 (6).
- Silva, C. (2011). *A Dinamização Criativa da Escrita no Ensino Básico [Dissertação de mestrado não publicada]*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Silva, V. (1981). *Nótula sobre o conceito de Literatura*. Braga: Franciscana.
- Vale, I., & Pimentel, T. (2012). *Um novo velho desafio: da resolução de problemas à criatividade em Matemática. Investigação em Educação Matemática - Práticas de ensino da Matemática*. Lisboa: SPIEM.

**Anexos**





## Anexo 1 – Planificação de Ciências Naturais

**Departamento Curricular/Ciclo:** 2.º Ciclo

**Disciplina:** Ciências Naturais

**Ano de escolaridade:** 5.º Ano

**Ano letivo:** 2012/2013

**Duração:** 90'

**Professora estagiária:** Marisa Daniela Couto Maia

**Data:** 05 / 04 / 2013

**Turma:** D

**Professora Orientadora Cooperante:** Maria João da Silva Passos

Níveis de formulação de partida (pré-requisitos):

### 1º Ciclo

#### ✿ **Bloco 5- À Descoberta dos materiais e objetos**

#### 2º Ano

#### ✎ **Manusear objetos em situações concretas**

- Reconhecer a sua utilidade;
- Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização;

#### 3º Ano e 4º Ano

#### ✎ **Manusear objetos em situações concretas**

- Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização e conservação;
- Reconhecer a importância da leitura das instruções e/ou normas de utilização;

Não existem pré-requisitos relacionados diretamente com o conteúdo Unidade na Diversidade dos Seres Vivos, porque esta matéria só é lecionada no 5.º ano.

Temas/Conteúdos	Ideias detetadas nos alunos	Metas de Aprendizagem (MF e MI)	Estratégias de mudança/Situações de aprendizagem	Instrumentos de avaliação
<p><b>Terra- Ambiente de Vida</b></p> <p>II- Unidade na diversidade dos seres vivos</p> <p>Unidade1- A célula- Unidade na constituição dos seres vivos</p> <p>Compreender que existe unidade na constituição dos seres</p>	<p>Os alunos perfilam a ideia de que: (Anexo Cn_1)</p> <p>✎ A célula é uma bola oval que nos ajuda.</p> <p>✎ A célula é algo essencial à vida.</p> <p>✎ A célula é algo muito importante</p>	<p>O aluno reconhece e interpreta a diversidade de ambientes, seres vivos, materiais e fenómenos existentes na Terra, alguns deles essenciais para a vida (MF 2)</p> <p>O aluno descreve a célula como unidade estrutural da constituição dos seres vivos (unicelulares e pluricelulares) e estabelece semelhanças e diferenças entre as células de</p>	<p>Na parte inicial da aula será realizado um breve diálogo com os alunos sobre a matéria dada na aula anterior, sendo que para isso, a professora colocará algumas questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ De que é que falamos na aula passada?</li> <li>✓ O que é um Microscópio ótico composto?</li> <li>✓ Como foi descoberta a célula?</li> <li>✓ O MOC (Microscópio Ótico Composto) é dividido em 2 partes. Quais?</li> <li>✓ Quais as regras de utilização do MOC?</li> <li>✓ Quais são as características das imagens microscópicas?</li> </ul> <p>Com estas questões será também verificado e corrigido o trabalho de casa.</p>	<p>✎ Grelha de registo de aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalho de casa</li> <li>• Participação</li> <li>• Comportamento (Anexo 5)</li> </ul> <p>✎ Protocolo sobre as células vegetais e animais</p>

<p>vivos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>A célula</b> – unidade na constituição dos seres vivos.</li> <li>- Constituintes da célula- membrana celular, citoplasma e núcleo</li> <li>❄ Como são constituídos os seres vivos?</li> <li>❄ Teoria Celular;</li> <li>❄ Células animal e vegetal;</li> </ul>	<p>para o nosso corpo.</p> <p>✎ A célula é o que os animais e as pessoas são antes de nascer.</p> <p>✎ A célula são veias de sangue que estão no nosso corpo.</p> <p>✎ A célula é uma parte do corpo.</p>	<p>diferentes seres vivos.</p> <p>(MI 2.1)</p> <p>O Aluno utiliza corretamente instrumentos adequados na observação de células (lupas binoculares e microscópios)</p> <p>(MI 2.2)</p>	<p>Posteriormente, a professora estagiária entrega aos alunos o protocolo da aula passada corrigido e dialoga com os alunos sobre as suas conclusões.</p> <p>Seguidamente serão recolhidas todas as folhas e cascas que os alunos recolheram para ser preparada a infusão, que será utilizada, na próxima aula, sendo que esta será realizada pela professora em interatividade com os alunos.</p> <p>Após a preparação da infusão esta será colocada aberta, em cima de um armário, o mais perto da luz do sol possível e será explicado aos alunos que este material será usado na próxima aula, para observação de seres vivos, sendo que, a professora também trará outras infusões preparadas por ela, durante as férias da páscoa, para o caso de ainda</p>	
--	---	---	---	--

			<p>não ser possível observar seres vivos na infusão da turma, pois é um processo demorado e que necessita de condições ambientais favoráveis.</p> <p>Quando a preparação estiver feita e arrumada a professora questionará os alunos, com o objetivo de conhecer as ideias prévias dos alunos.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Alguma vez ouviram falar em Teoria Celular?</li> <li>✓ Conseguem explicar o que é a Teoria Celular?</li> </ul> <p>Com estas questões a professora estagiária inicia a temática relativamente à Teoria Celular com o apoio de um pequeno PowerPoint, sendo esta parte da aula mais expositiva. (Anexo 1)</p> <p>No final desta apresentação aparecerá o Cientista Mikróskopein que lançará mais um desafio à turma, ou seja, ele pedirá aos alunos que lhe ajudem a</p>	
--	--	--	--	--

			<p>verificar quais as diferenças e semelhanças entre as células animais e as células vegetais. (Anexo1).</p> <p>Aproveitando a intervenção do amiguinho da turma, a professora entregará a cada grupo um microscópio ótico composto, juntamente com as batas, para proteger a roupa e um tabuleiro com todo o material necessário (pedaço de cebola e de tomate, corante de metileno ou soluto de lugol, conta gotas, papel de limpeza, lamela, lâmina de vidro, pinça, tesoura, água iodada e espátula de madeira).</p> <p>Quando os alunos estiverem preparados será entregue o protocolo e indicado a cada grupo qual a atividade prática, presente neste, que deverão realizar. (Anexo 2).</p> <p>Este protocolo será dividido em 4 partes, sendo duas dessas partes dedicadas a atividades práticas sobre</p>	
--	--	--	--	--

			<p>células animais, como observação de células do epitélio bucal e as duas restantes sobre células vegetais, como da cebola.</p> <p>Apesar do protocolo ter 2 atividades, com os mesmos processos, mas com resultados diferentes, cada grupo apenas realizará a atividade indicada pela professora estagiária.</p> <p>Em grande grupo, será realizada a leitura da primeira parte do protocolo sendo que posteriormente os alunos devem se concentrar nas suas respectivas atividades e começam a seguir todas as regras já aprendidas.</p> <p>Ao longo deste processo a professora estagiária circulará pela sala de modo a poder ajudar os alunos.</p> <p>Quando todos os grupos terminarem irão passar</p>	
--	--	--	---	--

			<p>pelos outros grupos de modo a observar as preparações dos colegas de forma a observarem as diferentes atividades realizadas, sendo que para tal, o grupo que realizou a atividade sobre a cebola passará a ver a atividade sobre o tomate, passando posteriormente para as atividades sobre o epitélio bocal. Todos os restantes grupos efetuam a mesma sequência, só que partindo da sua atividade. Todos os alunos devem desenhar as imagens observadas, nos restantes grupos, nos respetivos lugares do protocolo.</p> <p>Posteriormente como consolidação e melhor visualização de uma célula vegetal e uma célula animal e seus constituintes, a professora fará a apresentação de maquetes das células, sendo que, os alunos terão a possibilidade para as analisarem.</p>	
--	--	--	---	--

			<p>No final da aula serão recolhidos todos os protocolos para que a professora possa executar as devidas correções e também para poder digitalizar as imagens para colocar no blogue da turma.</p> <p>Antes de os alunos saírem a professora estagiária marca os trabalhos de casa.</p> <p>No final da aula, os alunos devem arrumar todos os materiais e em silêncio formarem uma fila, junto à porta. Estes só podem sair quando a sala estiver arrumada e a professora estagiária assim o indicar.</p> <p>Nota: as batas entregues aos alunos serão recolhidas para ser utilizadas ao longo das seguintes aulas.</p>	
--	--	--	---	--

Sumário: Diálogo com os alunos sobre a matéria dada na última aula.

Verificação e correção dos trabalhos de casa.



Preparação de uma infusão da turma.

Teoria Celular.

Atividades práticas sobre células animais e células vegetais.

T.P.C: Resolver a ficha de exercícios do caderno de atividades das páginas 41 e 42. (Anexo 3)

Completar o mapa de conceitos entregue pela professora para colarem no caderno. (Anexo 4)

### **Bibliografia**

Caldas, I., & Pestana, M. I. (2003). *Terra Viva do 5.º ano- Ciências da Natureza*. Carnaxide: Santilhana Constância.

Motta, L., Viana, M. d., & Isaías, E. (2010). *Viva a Terra do 5.º ano - Ciências da Natureza*. Porto: Porto Editora.

Ramos, A. M., & Lima, V. (2010). *CSI 5- Ciências sob investigação- Ciências da Natureza 5.º ano- Parte 2*. Porto: Areal Editores.

Secundário, M. D.-D. (julho de 1991). *Programa Ciências da Natureza- Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem*. Ministério da Educação.



## Anexo 2 – Planificação de Português

**Departamento Curricular/Ciclo:** 2.º Ciclo

**Disciplina:** Português

**Ano de escolaridade:** 5.º Ano

**Ano letivo:** 2012/2013

**Duração:** 90'

Professora estagiária: Marisa Daniela Couto Maia

Data: 02 / 04 / 2013

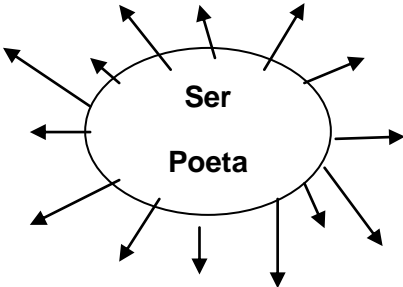
Turma: D

Professora Orientadora Cooperante: Paula Cristina Lopes Miranda

terça-feira

1ª aula

Temas/Conteúdos	Metas de Aprendizagem (MF e MI)	Estratégias de mudança/Situações de aprendizagem	Instrumentos de avaliação
<u><b>Compreensão/</b></u> <u><b>Expressão Oral</b></u>  ➤ Opinião. Tomada de notas. Coerência textual.	<u><b>Domínio da Oralidade</b></u>  <b>Interpretar discursos orais breves.</b> <b>(MF 1)</b>  Referir o tema. (MI 1.2)  Explicitar o assunto. (MI 1.3)	A professora estagiária estabelece um diálogo com os alunos sobre as férias da Páscoa.  Para iniciar a temática da aula, a professora estagiária coloca algumas questões aos alunos, para que estes discutam ideias. Ao longo desta discussão a professora vai criando no quadro, com as ideias dos alunos, um “ <i>Brainstorming</i> ” sobre “Ser Poeta”  ✓ Sabem o que é um Poeta?  ✓ O que é para vocês um Poeta?	✎ Grelha de observação/avaliação:  • atitudes; • expressão oral; • leitura; • escrita;

<p>➤ Apresentação do assunto do texto.</p> <p>➤ Rima</p> <p><b><u>Leitura</u></b></p> <p>✎ <b>Texto Poético</b></p> <p>➤ Poeta</p> <p>➤ Assunto</p> <p>➤ Interpretação de expressões.</p> <p>➤ Opinião.</p>	<p>Fazer deduções. (MI 1.6)</p> <p>Manifestar a reação pessoal ao texto ouvido. (MI 1.7)</p> <p><b>Utilizar procedimentos para registrar e reter a informação. (MF 2)</b></p> <p>Pedir informações ou explicações complementares. (MI 2.3)</p> <p><b>Produzir discursos orais com diferentes finalidades e com coerência. (MF 3)</b></p> <p>Usar oportunamente a palavra, de modo audível, com boa dicção e olhando para o interlocutor. (MI 3.1)</p>	<p>Exemplo:</p>  <p>Os alunos registam no caderno o que se encontra no quadro.</p> <p>Posteriormente escutam a canção “ Ser Poeta”, dos Trovante.</p> <p>É indicado aos alunos que o poema é da poetisa Florbela Espanca e que foi musicado, o que acontece com muitas músicas portuguesas. (Anexo I)</p> <p>Após a primeira audição da canção é entregue a cada aluno um envelope onde se encontra a letra da canção/poema recortada por estrofes.</p> <p>De seguida, a professora estagiária explica que o devem abrir e colocar os papéis recortados pela ordem correta, correspondente à letra da música.</p>	<p>Poema em Leque “Ser Poeta”.</p>
---	---	--	------------------------------------

<p>➤ Recursos estilísticos.</p> <p>➤ Leitura expressiva.</p> <p>➤ Verso.</p> <p>➤ Estrofe.</p> <p>➤ Letra de canção popular.</p> <p><b><u>Escrita</u></b></p> <p>➤ Texto poético</p> <p><b><u>Conhecimento</u></b></p>	<p>Informar, explicar. (MI 3.2)</p> <p>Usar um vocabulário adequado ao assunto. (MI 3.7)</p> <p><b><u>Domínio da Leitura e Escrita</u></b></p> <p><b>Desenvolver o conhecimento da ortografia. (MF 11)</b></p> <p>Desenvolver e aperfeiçoar uma caligrafia legível. (MI 11.1)</p> <p>Escrever sem erros de ortografia. (MI 11.2)</p> <p>Explicitar e aplicar as regras de ortografia e acentuação. (MI 11.3)</p> <p><b><u>Domínio da Educação Literária</u></b></p>	<p>Logo que todos os alunos terminem a tarefa, é feita mais uma audição da música para que estes possam verificar se colocaram as partes do poema pela ordem correta. (Anexos 2 e 3)</p> <p>A professora estagiária questiona os alunos se sabem por que motivo a letra da canção se encontra dividida daquela forma e não de outra, esperando que estes indiquem que esta estava recortada por estrofes. Caso não consigam chegar à resposta pretendida, a professora colocará outras questões para que os alunos consigam perceber.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Que nome se dá a cada linha da letra da canção/poema?</li> <li>✓ Um conjunto de versos como se chama?</li> <li>✓ Observem a letra da canção e digam-me se, dentro destes dois conceitos, podemos indicar algum para explicar o modo como a letra foi dividida.</li> </ul> <p>Quando os alunos chegarem ao conceito pretendido, “Estrofe”, será realizada uma breve discussão, iniciada pela professora estagiária questionando-os:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Sabem como se classificam as estrofes quanto ao número de versos?</li> </ul>	
--	---	---	--

<p><b><u>Explícito da Língua</u></b></p> <p>➤ Adjetivos (graus).</p>	<p><b>Ler e interpretar textos literários. (MF 20)</b></p> <p>Ler e ouvir ler textos da literatura para crianças e jovens, da tradição popular, e adaptações de clássicos. (MI 20.1)</p> <p>Identificar marcas formais do texto poético: estrofe (terceto, quadra, quintilha) e verso (rimado e livre). MI 20.2)</p> <p>Identificar temas dominantes do texto poético. (MI 20.4)</p> <p>Aperceber-se de recursos utilizados na construção dos textos literários</p>	<p>Se os alunos derem o retorno pretendido será dado espaço para que estes possam aprender uns com os outros.</p> <p>Posteriormente será projetado um pequeno PowerPoint com as diferentes classificações de uma estrofe e respectivos exemplos para que os alunos possam perceber melhor a matéria. (Anexo 4)</p> <p>Para concluir a análise da letra da canção/poema, a professora estagiária colocará algumas questões relativas à compreensão e conhecimento explícito da língua:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Qual é a ideia principal que vocês retiram deste poema? (A ideia principal que este poema transmite é que ser poeta é muito mais do que se possa definir numa só palavra...)</li> <li>✓ Para vocês o que significa “ é ser maior do que os homens”? (Significa que é ser algo muito superior, importante, que é algo para além do humano e do imaginável...)</li> <li>✓ O que é um condor? (Um condor é uma ave de porte avantajado.)</li> <li>✓ Indiquem os recursos estilísticos presentes no poema com a expressão que o demonstra. (Comparação- “Morder como quem beija!” e Metáfora- “É ter cá dentro um astro que</li> </ul>	
--	---	---	--

	<p>(linguagem figurada; recursos expressivos – onomatopeia, enumeração, personificação, comparação) e justificar a sua utilização. (MI 20.8)</p> <p>Responder, de forma completa, a questões sobre os textos. (MI 20.10)</p> <p><b>Ler e escrever para fruição estética. (MF 22)</b></p> <p>Ler, memorizar e recitar poemas, com ritmo e entoação adequados. (MI 22.2)</p> <p>Expressar sentimentos, ideias e pontos de vista provocados pela leitura do texto literário. (MI 22.3)</p> <p><b><u>Domínio da Gramática</u></b></p>	<p>flameja,...)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Que tipos de rima conhecem?</li> <li>✓ Conseguem identificar os tipos de rima presentes neste poema? (Rima interpolada, rima emparelhada e rima cruzada)</li> <li>✓ Em que grau se encontra o adjetivo da frase “ Ser poeta é ser mais alto,...Do que os homens!” (O adjetivo da frase encontra-se no Grau Comparativo de Superioridade).</li> </ul> <p>Deforma a incentivar os alunos para a escrita da poesia é lançado o desafio de escreverem no caderno uma frase que responda à pergunta “Ser Poeta é?” de acordo com as suas ideias do que é ser poeta.</p> <p>A professora estagiária circulará pela sala de modo a poder ajudar os alunos que necessitarem e poder corrigir as frases que vão sendo elaboradas.</p> <p>Após a correção é entregue a um dos alunos um leque para que possam começar a passar as suas frases para uma das faces do leque.</p> <p>Quando terminarem a sua tarefa, antes de a passarem para o colega devem virar e tapar a parte em que escreveram, para que nenhum</p>	
--	---	---	--

	<p><b>Reconhecer e conhecer classes de palavras. (MF 24)</b></p> <p>Integrar as palavras nas classes a que pertencem:</p> <p>b) Adjetivo: qualificativo e numeral; (MI 24.1)</p>	<p>aluno leia as frases já escritas.</p> <p>Quando todos os alunos tiverem terminado, será então aberto o leque para que se possa verificar o resultado do trabalho realizado.</p> <p>Será realizada a leitura de todas as frases que completam o poema criado.</p> <p>Este material integrará o projeto da turma com a Biblioteca Escolar – “Aprender com a biblioteca” e será exposto no blogue da turma.</p>	
--	--	---	--

**Sumário:** Criação de um *Brainstorming* sobre “Ser Poeta”.

Audição da canção “Ser Poeta”, dos Trovante.

Análise e revisão de conteúdos relacionados com a poesia: verso e estrofe.

Classificação das estrofes.

Análise e compreensão da letra da canção/poema.

Oficina de escrita criativa: elaboração de um poema em leque.

**Bibliografia:**

Leão, M., & Filipe, H. (2005). 70+7 Propostas de Escrita Lúdica. Porto: Porto Editora.



Niza, I., Segura, J., & Mota, I. (Outubro de 2011). *Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico- Escrita*. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Reis, C., Caldeira, A. T., Silva, E., Viegas, F., Bastos, G., Mota, I., et al. (Março de 2009). *Programa de Português do ensino básico*. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e do Desenvolvimento Curricular - Ministério da Educação.

Silva, P., Simões, A., Cardoso, E., Mendes, R., & Costa, S. (2011). *Dito e Feito- Língua portuguesa 5.º ano - Livro do Professor*. Porto: Porto Editora.



### Anexo 3 – Planificação de Matemática

**Departamento Curricular/Ciclo:** 2.º Ciclo

**Disciplina:** Matemática

**Ano de escolaridade:** 5.º Ano

**Ano letivo:** 2012/2013

**Duração:** 90'

Professora estagiária: Marisa Daniela Couto Maia

Data: 30 / 04 / 2013

Turma: D

Professora Orientadora Cooperante: Maria João da Silva Passos

terça-feira

1ª aula

Níveis de formulação de partida (pré-requisitos):

#### 1º Ciclo

☼ **Tema: Números e Operações**

#### 1º Ano e 2º Ano

🗒 **Números racionais não negativos**

- Frações;

#### 3º Ano e 4º Ano

🗒 **Números racionais não negativos**

- Frações;
- Decimais;

Temas/Conteúdos	Metas de Aprendizagem (MF e MI)	Estratégias de mudança/Situações de aprendizagem	Instrumentos de avaliação
<p><b><u>Números racionais não negativos</u></b></p> <p>✎ <b>Noção e representação de número racional.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Compreensão e utilização de um número</li> </ul>	<p><b>Compreende a noção de número racional não negativo. (MF12)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Identifica as várias representações de um número racional não negativo. (MI 12.1)</li> <li>Identifica frações em contexto diversos com os significados de quociente, relação parte-todo, razão, medida e operador. (MI 12.2)</li> </ul>	<p>A professora estagiária estabelece um diálogo com os alunos, indicando-lhes que vão iniciar uma nova temática, “ Os números racionais não negativos”.</p> <p>Para iniciar a temática da aula, a professora estagiária, entrega a cada aluno uma receita de um bolo onde constam diferentes representações dos números racionais e os números inteiros. (Anexo 1) Com isto, a professora estagiária pede aos alunos que a analisem e que respondam oralmente à seguinte questão:</p> <p>✳ Que tipo de números encontramos na receita?</p> <p>Enquanto os alunos respondem, a professora estagiária escreve no quadro os números racionais não negativos que forem sendo indicados e os alunos passam no caderno.</p> <p>Posteriormente, a professora estagiária mostra um bolo à turma e indica-lhes que ele é a unidade. Com a ajuda de uma faca a professora divide o bolo em</p>	<p>✎ Grelha de observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Comunicação e questionamento oral;</li> <li>Participação na aula;</li> <li>Comportamentos e atitudes;</li> </ul> <p>✎ Formas de produção escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Trabalho individual</li> </ul> <p>(Anexo 1)</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Usa números racionais não negativos em contextos diversos. (MI 12.3)</li> <li>• Identifica e dá exemplos de frações equivalentes a uma dada fração. (MI 12.4)</li> <li>• Identifica e dá exemplos de uma fração na sua forma irredutível. (MI 12.5)</li> <li>• Interpreta uma percentagem como um número de partes em 100. (MI 12.6)</li> </ul>	<p>partes iguais e questiona a turma:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✳ Em quantas partes dividi a unidade?</li> <li>✳ Uma fatia que parte é da unidade?</li> <li>✳ Quantas fatias constituem a metade da unidade?</li> <li>✳ E quantas constituem um terço da unidade?</li> <li>✳ Sabem-me indicar uma fração que represente a unidade?</li> <li>✳ Será maior ter um terço do bolo ou metade do bolo?</li> </ul> <p>Depois a professora estagiária mostra uma cartolina com possíveis situações do dia-a-dia com números racionais não negativos e faz uma análise e discussão com os alunos. Sendo que com isto, é pedido aos alunos outros exemplos. Para consolidação e melhor perceção é visualizada uma aplicação da escola virtual, da Porto Editora intitulada “ Noção e representação de um número racional – Introdução”. No final a professora estagiária faz uma breve análise do conteúdo com os alunos.</p> <p>Seguidamente, a professora estagiária pede aos alunos que se agrupem em pares e entrega a cada aluno uma tarefa, com duas alíneas, e os respetivos materiais necessários (3 tiras de papel geometricamente iguais e 3 tiras de</p>	
--	--	--	--

		<p>papel não geometricamente iguais). (Anexo 2).</p> <p>“Esta tarefa permite aos alunos reconhecer, usar e relacionar múltiplas representações de números racionais não negativos (fração, decimal e percentagem) e ainda permite desenvolver o sentido da fração: parte-todo.” (Menezes, Rodrigues, Tavares, &amp; Gomes, julho 2009, p. 13)</p> <p>Com as três tiras de papel geometricamente iguais mas divididas em partes diferentes os alunos podem verificar diferentes frações que representam a mesma unidade e com as 3 tiras não geometricamente iguais, os alunos podem perceber que a mesma fração pode representar porções diferentes das tiras.</p> <p>“Na primeira alínea da tarefa, os alunos devem dividir as tiras de papel em partes iguais, consoante o pedido no enunciado e devem representar as partes obtidas. Com esta os alunos devem perceber a fração como uma relação entre a parte e o todo.</p> <p>Na segunda alínea, os alunos devem marcar cada um dos vincos, das 3 tiras geometricamente iguais, que se obtém pela dobragem de cada uma das tiras, colocando-as em seguida alinhadas. Nesta fase os alunos comparam as partes das tiras e tiram conclusões da equivalência de frações.” (Menezes, Rodrigues,</p>	
--	--	--	--

		<p>Tavares, &amp; Gomes, p. 14)</p> <p>Os alunos devem efetuar os registos das suas conclusões, assim como devem no final colar as tiras no caderno.</p> <p>Após a realização da atividade com as tiras a professora entrega a cada aluno 3 circunferências, para que eles realizem a mesma atividade e verifiquem se as conclusões a que chegaram com as tiras são as mesmas com as dos modelos circulares.</p> <p>Enquanto os alunos realizam a atividade a professora circula pela sala, de modo a ajudar os alunos e a perceber se estes entenderam o que era pretendido.</p> <p>Depois de os alunos terem trabalhado em pares e de terem chegado às suas conclusões será realizado um diálogo de grande grupo para que os alunos discutam as suas ideias, exponham-nas e expliquem-nas à turma.</p> <p>Para finalizar são marcados os trabalhos de casa que os alunos devem registar</p>	
--	--	---	--

		<p>no caderno.</p> <p>No final da aula, os alunos devem arrumar todos os materiais e formarem uma fila, junto à porta. Estes só podem sair quando a sala estiver arrumada e a professora estagiária assim o indicar.</p> <p>Nota: No final da aula o bolo é distribuído por todos os alunos.</p>	
--	--	--	--

**Sumário:** Os números racionais não negativos: frações.

Número racional como parte-todo.

Frações equivalentes e frações na sua forma irredutível.

Visualização de umas aplicações da escola virtual da Porto Editora.

Realização de uma atividade exploratória “ Dobras e mais dobras”.

**T.P.C:** Estudar as páginas 44 à 46 do manual.

Realizar a ficha do caderno de atividade da página 66, os exercícios 1 e 2.

**Bibliografia:**

Menezes, L., Rodrigues, C., Tavares, F., & Gomes, H. (julho 2009). *Números Racionais Não Negativos - Tarefas para o 5.º Ano- (Materiais de apoio ao professor)*. Ministério da Educação- Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Escolar.

Neves, M. A., Faria, L., & Azevedo, A. (2007). *Matemática 5.º ano - Caderno de Atividade*. Porto: PORTO EDITORA.



Neves, M. A., Faria, L., & Azevedo, A. (2007). *Matemática 5.º ano 1ª parte*. Porto: PORTO EDITORA.

Pimentel, T., Vale, I., Freire, F., Alvarenga, D., & Fão, A. (2010). *Matemática nos primeiros anos- Tarefas e Desafios Para a sala de aula*. Lisboa: Texto Editores, Lda.

Ponte, J. P., Serrazina, L., Guimarães, H. M., Breda, A., Guimarães, F., Sousa, H., et al. (2001). *Programa de matemática do ensino básico*. Lisboa: Direção geral de Investigações e do Desenvolvimento Curricular - Ministério da Educação.



## Anexo 4 – Planificação de História e Geografia de Portugal

**Departamento Curricular/Ciclo:** 2.º Ciclo

**Disciplina:** História e Geografia de Portugal

**Ano de escolaridade:** 5.º Ano

**Ano letivo:** 2012/2013

**Duração:** 45'

Professora estagiária: Marisa Daniela Couto Maia

Data: 15 / 05 / 2013

quarta-feira

Turma: D

Professora Orientadora Cooperante: Maria de Lurdes Rodrigues Cardoso Belo Costa

5ª aula

Níveis de formulação de partida (pré-requisitos):

### 1.º Ciclo

#### ❄ **Bloco2- À Descoberta dos Outros e das Instituições**

### 4.º Ano

#### 🗺 **O Passado Nacional**

- Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local (batalha ocorrida em local próxima, reis que concederam forais a localidades da região...)
- Conhecer os factos históricos que se relacionam com os feriados nacionais e seu significado.

Temas/Conteúdos	Ideias detetadas nos alunos	Metas de Aprendizagem (MF e MI)	Estratégias de mudança/Situações de aprendizagem	Instrumentos de avaliação
<p><b><u>Tema B</u></b></p> <p><b>3- Portugal nos séculos XV e XVI.</b></p>	<p>Os alunos perfilam a ideia de que:</p> <p>✎ A crise de sucessão em Portugal provocou a crise a nível de impostos e rendas;</p> <p>✎ A crise de sucessão em Portugal</p>	<p><b>O aluno utiliza marcos cronológicos significativos para Portugal e para a Humanidade na construção de tabelas/ frisos cronológicos.</b></p> <p style="text-align: right;"><b>(MF 4)</b></p> <p>O aluno usa datas essenciais para situar novas aprendizagens e constrói tabelas/ frisos cronológicos simples que expressem situações relevantes na história de Portugal desde as primeiras comunidades até ao século XVIII.</p> <p style="text-align: right;"><b>(MI 4)</b></p> <p><b>O aluno usa/aplica terminologia e conceitos substantivos, essenciais para a compreensão histórica, construídos ao longo da aprendizagem das temáticas em estudo.</b></p>	<p>Na parte inicial da aula a professora questiona os alunos se têm dúvidas para o teste e se já começaram a estudar.</p> <p>Se estes indicarem algumas dúvidas, a professora estagiária tenta colmatar, mas se</p>	<p>✎ Jogo “Quem quer ser sabichão” (anexo 1)</p> <p>✎ Grelha de avaliação</p> <p>✓ Participação</p> <p>✓ Comportamento (anexo 2)</p>

	<p>provocou dificuldades políticas;</p> <p>✎ A crise de sucessão em Portugal provocou a falta de mão-de-obra.</p> <p>✎ Com a crise Portugal necessitava de verduras e vegetais;</p> <p>✎ Para superar a</p>	<p><b>(MF 9)</b></p> <p>O aluno caracteriza, interpreta e aplica, com base nos temas e conteúdos programáticos, os seguintes conceitos substantivos e terminologias convencionais: Tema B, Subtema 4: Expansão (conquistas e descobertas), Construção Naval (caravelas e naus), Navegação astronómica (astrolábio, bússola, quadrante).</p> <p>(MI 9)</p> <p><b>O aluno compara representações da superfície da Terra, com escalas diferentes, na localização de lugares e na distribuição de fenómenos naturais e humanos, recorrendo à legenda e à orientação.</b></p> <p>(MF 14)</p> <p>O aluno utiliza diversas representações cartográficas da superfície da Terra (plantas, mapas, globos), na localização de espaços com</p>	<p>não existirem a professora inicia um jogo intitulado por “Quem Quer Ser Sabichão”, para que de uma forma mais divertida, interativa e competitiva os alunos possam rever a matéria para a ficha de avaliação.</p> <p>Neste jogo, a professora</p>	
--	---	---	--	--

<p>3.1- A Expansão Marítima Portuguesa.</p>	<p>crise Portugal mudou de rei;</p> <p>✎ Para superar a crise Portugal procurou novos postos de trabalho;</p> <p>✎ Para superar a crise Portugal procurou melhores condições;</p> <p>✎ Portugal apostou nos descobrimentos;</p>	<p>diferentes dimensões e na marcação de itinerários de natureza e extensão distintos (por exemplo: percursos diários; percursos de férias; rotas de navegação).</p> <p>(MI 14)</p> <p><b>O aluno utiliza unidades/ convenções de datação para relacionar personalidades, acontecimentos, processos e interações significativas, referentes à vida das comunidades na Península Ibérica até ao século XII, e a Portugal desde a sua formação até finais do século XX.</b></p> <p>(MF 3)</p> <p>O aluno utiliza unidades/ convenções temporais como milénio, século, a.C./ d.C., períodos e épocas para situar, no tempo, personalidades, acontecimentos, processos e interações significativas de diversas sociedades, desde as primeiras</p>	<p>estagiária coloca os alunos a pares e cada par deve colocar o braço no ar quando souber a resposta à questão, sendo que responde o grupo que primeiro colocar o braço no ar.</p> <p>Se o grupo acertar recebe uma “Nau” (imagem) e tem a possibilidade de responder a uma</p>	
---	---	---	--	--

	<p>✎ Para a expansão de Portugal a sua localização era favorável porque como é junto ao oceano, eles tinham mais facilidade de receber materiais vindos de outros países;</p> <p>✎ A primeira etapa da expansão portuguesa</p>	<p>comunidades na Península Ibérica, e em Portugal desde a sua formação até à restauração da independência.</p> <p>O aluno mostra compreender os sentidos de tabelas/ frisos cronológicos simples sobre personalidades, acontecimentos, processos e interações significativas em diversas dimensões da ação humana e social (económicas, técnicas, sociais, políticas, culturais), referentes à fixação e contactos dos primeiros povos na Península Ibérica, e em Portugal desde a sua formação até à restauração da independência.</p> <p>(MI 3)</p> <p><b>O aluno constrói uma visão diacrónica de espaço em relação com a ação humana ao longo dos tempos</b></p> <p>(MF2)</p> <p>O aluno reconhece, in loco ou virtualmente, a relação entre a</p>	<p>pergunta bónus. Sendo que se voltarem a acertar ganham outra “Nau”.</p> <p>Se o grupo falhar a pergunta bónus é atribuída a outro grupo e se esse acertar recebe uma “Nau”.</p> <p>Quando o jogo terminar é verificado o par</p>	
--	--	---	---	--

<ul style="list-style-type: none"> <li>De Portugal às ilhas às ilhas atlânticas e ao cabo da Boa Esperança.</li> </ul>	<p>foi a conquista das ilhas dos Açores e da Madeira, sendo posteriormen te a de Ceuta;</p> <p>✎ João Gonçalves Zarco, Tristão Vaz e Bartolomeu Perestrelo descobriram os arquipélagos;</p>	<p>organização da vida humana e algumas e algumas características naturais de um determinado espaço e tempo.</p> <p>(MI 2)</p> <p><b>O aluno descreve a localização relativa do lugar e da região onde vive, do país e dos territórios de língua portuguesa, utilizando os rumos da rosa-dos-ventos e outros elementos geográficos de referência</b></p> <p>(MF13)</p> <p>O aluno utiliza os rumos da rosa-dos-ventos na localização relativa do lugar e da região onde vive, usando como referência o País, a Península Ibérica, a Europa e o Mundo.</p> <p>O aluno localiza Portugal Continental e Insular, e os territórios de língua Portuguesa, em relação a diferentes espaços geográficos (Península Ibérica, Europa, Mundo), utilizando os rumos da rosa-dos-</p>	<p>que tem mais “Naus” e serão colmatadas as questões que foram erradas.</p> <p>No final da aula a professora estagiária relembra os alunos de que o teste de avaliação é na próxima aula e que para este, eles devem estudar a matéria do manual, o friso cronológico</p>	
--	---	---	--	--




	<p>✎ João Gonçalves Zarco, Tristão Vaz e Bartolomeu Perestrelo passaram o cabo do Bojador e das Tormentas;</p> <p>✎ Diogo Silves passou o cabo das Tormentas;</p> <p>✎ O Cabo</p>	<p>ventos e outros elementos geográficos de referência.</p> <p>(MI 13)</p> <p><b>O aluno descreve, compara e explica características naturais e humanas de lugares e regiões em Portugal e na Península Ibérica, mobilizando terminologia geográfica.</b></p> <p>(MF15)</p> <p>O aluno descreve as principais características do relevo e do clima de Portugal e da Península Ibérica, usando terminologia geográfica específica.</p> <p>(MI 15)</p> <p><b>O aluno utiliza marcos cronológicos significativos para Portugal e</b></p>	<p>trabalhado ao longo das aulas, assim como todos os apontamentos retirados das aulas.</p> <p>No final da aula, os alunos devem arrumar todos os materiais e em silêncio formarem uma fila, junto à porta.</p> <p>Estes só podem sair quando a sala</p>	
--	---	---	--	--

<ul style="list-style-type: none"> <li>A chegada à Índia e ao Brasil.</li> </ul>	<p>Bojador foi dobrado por Luís de Camões;</p> <p>✎ O Cabo Bojador foi dobrado por Bartolomeu dias;</p> <p>✎ O Cabo das Tormentas ou da Boa Esperança foi dobrado por Luís de Camões;</p>	<p><b>para a Humanidade na construção de tabelas/ frisos cronológicos.</b></p> <p style="text-align: right;"><b>(MF 4)</b></p> <p>O aluno usa datas essenciais para situar novas aprendizagens e constrói tabelas/ frisos cronológicos simples que expressem situações relevantes na história de Portugal desde as primeiras comunidades até ao século XVIII.</p> <p style="text-align: right;">(MI 4)</p> <p><b>O aluno usa/aplica terminologia e conceitos substantivos, essenciais para a compreensão histórica, construídos ao longo da aprendizagem das temáticas em estudo.</b></p> <p style="text-align: right;"><b>(MF 9)</b></p> <p>O aluno caracteriza, interpreta e aplica, com base nos temas e</p>	<p>estiver arrumada e a professora estagiária assim o indicar.</p>	
--	---	---	--	--

	<p>✎ O Cabo das Tormentas ou da Boa Esperança foi dobrado por Bartolomeu Dias;</p> <p>✎ Quem descobriu o caminho marítimo para a Índia foi Luís de Camões;</p> <p>✎ Quem descobriu o caminho</p>	<p>conteúdos programáticos, os seguintes conceitos substantivos e terminologias convencionais: Tema B, Subtema 4: Expansão (conquistas e descobertas), Construção Naval (caravelas e naus), Navegação astronómica (astrolábio, bússola, quadrante).</p> <p>(MI 9)</p> <p><b>O aluno comunica por escrito e oralmente os seus conhecimentos e conceções sobre o passado histórico a realidade geográfica de Portugal.</b></p> <p>(MF 10)</p> <p>O aluno comunica os seus conhecimentos e conceções sobre o passado histórico e a realidade geográfica em estudo, redigindo frases, legendagens, resumos e pequenos relatos.</p> <p>O aluno expressa os seus conhecimentos e conceções sobre o passado histórico e a realidade geográfica em estudo, participando</p>		
--	--	---	--	--

	<p>marítimo para a Índia foi Nuno Álvares Pereira;</p> <p>✎ Quem descobriu o caminho marítimo para a Índia foi Vasco da Gama;</p> <p>✎ Quem descobriu o caminho marítimo para o Brasil foi</p>	<p>em debates, discussões argumentativas e diálogos.</p> <p>(MI 10)</p> <p><b>O aluno utiliza unidades/ convenções de datação para relacionar personalidades, acontecimentos, processos e interações significativas, referentes à vida das comunidades na Península Ibérica até ao século XII, e a Portugal desde a sua formação até finais do século XX.</b></p> <p>(MF 3)</p> <p>O aluno utiliza unidades/ convenções temporais como milénio, século, a.C./ d.C., períodos e épocas para situar, no tempo, personalidades, acontecimentos, processos e interações significativas de diversas sociedades, desde as primeiras comunidades na Península Ibérica, e em Portugal desde a sua formação até à restauração da independência.</p> <p>O aluno mostra compreender os sentidos de tabelas/ frisos</p>		
--	--	---	--	--

<p>3.1- O Império Português no século XVI.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O arquipélago da Madeira</li> <li>• O arquipélago dos Açores</li> </ul>	<p>Vasco da Gama;   Quem descobriu o caminho marítimo para o Brasil foi Fernão Magalhães;</p>	<p>cronológicos simples sobre personalidades, acontecimentos, processos e interações significativas em diversas dimensões da ação humana e social (económicas, técnicas, sociais, políticas, culturais), referentes à fixação e contactos dos primeiros povos na Península Ibérica, e em Portugal desde a sua formação até à restauração da independência.</p> <p>(MI 3)</p> <p><b>O aluno reconhece a diversidade de identidades pessoais, sociais e culturais, explicitando razões, atitudes e consequências de situações de interação pacífica ou de conflito, colocando hipóteses sobre evoluções possíveis à luz da compreensão do passado.</b></p> <p>(MF 7)</p> <p>O aluno reconhece a existência de diversidade cultural, identificando situações de diálogo e de conflito entre personagens, grupos sociais</p>		
---	--	--	--	--

		<p>ou povos</p> <p>(MI 7)</p> <p><b>O aluno usa/aplica terminologia e conceitos substantivos, essenciais para a compreensão histórica, construídos ao longo da aprendizagem das temáticas em estudo.</b></p> <p>(MF 9)</p> <p>O aluno caracteriza, interpreta e aplica, com base nos temas e conteúdos programáticos, os seguintes conceitos substantivos e terminologias convencionais: Tema B, Subtema 4: Expansão (conquistas e descobertas), Construção Naval (caravelas e naus), Navegação astronómica (astrolábio, bússola, quadrante).</p> <p>(MI 9)</p>		
--	--	---	--	--

		<p><b>O aluno compara a distribuição de diferentes fenômenos geográficos, formulando questões relevantes sustentadoras da explicação dessas diferenças</b></p> <p><b>(MF 17)</b></p> <p>O aluno compara a distribuição de diferentes fenômenos humanos à escala nacional (ex: natalidade, esperança de vida à nascença, mortalidade infantil, envelhecimento da população) estabelecendo entre os mesmos relações de causalidade e interdependências.</p> <p><b>(MI 17)</b></p>		
--	--	---	--	--

**Sumário:** Revisões para a Ficha de Avaliação.

- Jogo “ Quem Quer Ser Sabichão”.

**Bibliografia:**

Alves, E., Gonçalves, A. I., & Mendes, M. (2010). *Saber em Ação- História e Geografia de Portugal 5.º ano*. Porto: PORTO EDITORA.

Costa, F., & Marques, A. (2000). *História e Geografia de Portugal- 5º ano*. Porto: PORTO EDITORA.

Educação, M. d. (janeiro 2004). *Organização curricular e Programas Ensino Básico*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

Oliveira, A. R., Rodrigues, A., & Cantanhede, F. (2006). *História e Geografia de Portugal 5.ºano - 2.º Volume*. Lisboa: Texto Editores.





**Anexo 5 – Inquérito**  
**Agrupamento de Escolas Foz do Neiva**  
**Escola Básica Integrada Castelo do Neiva**



**Inquérito – “Rabiscos de Poesia”**

***"Poesia são pensamentos que respiram, e palavras que queimam."***

***(Thomas Gray)***

Preenche o questionário abaixo, assinalando com uma cruz a resposta que mais se adequa aos teus hábitos.

1. Gostas de ler?  
Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_
2. Costumas ler?  
Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_
3. Quantos livros és capaz de ler num mês?  
0 \_\_\_\_\_ 1 \_\_\_\_\_ 2 \_\_\_\_\_ 3 \_\_\_\_\_ 4 \_\_\_\_\_ Outros: \_\_\_\_\_
4. Que tipo de livros costumas ler frequentemente?  
Romance \_\_\_\_\_ Fábulas \_\_\_\_\_ Poesia \_\_\_\_\_ Contos \_\_\_\_\_ Banda Desenhada \_\_\_\_\_ Peças de Teatro \_\_\_\_\_ Ação \_\_\_\_\_ Ficção Científica \_\_\_\_\_ Aventuras \_\_\_\_\_ Outros: \_\_\_\_\_
5. Já alguma vez leste um livro de poesia?  
Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_



5.1. Se sim, quantos?

0 \_\_\_\_ 1 \_\_\_\_ 2 \_\_\_\_ 3 \_\_\_\_ 4 \_\_\_\_ Outros: \_\_\_\_\_

6. Gostas de escrever?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7. Costumas escrever por livre iniciativa?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

8. Já alguma vez escreveste poesia, fora da sala de aula, por iniciativa própria?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

9. Consideras a poesia importante e essencial para a aprendizagem?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



Muito obrigada  
pela tua  
colaboração. 😊